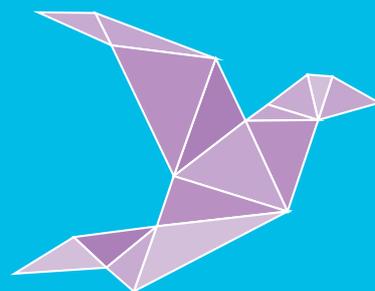
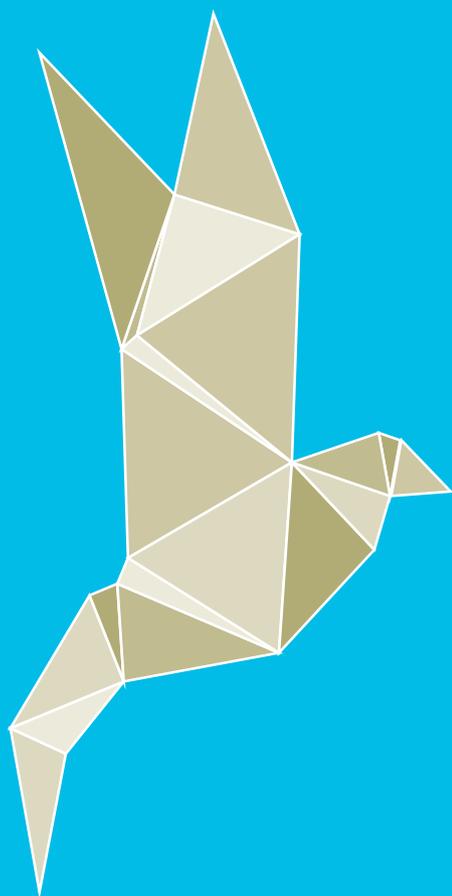


Fundamentos da Consolidação da Paz

MANUAL DO PARTICIPANTE

2.^ª EDIÇÃO, AGOSTO 2021



©2022 Catholic Relief Services. Todos os direitos reservados. 21OS-479607

Este documento está protegido por direitos de autor e não poderá ser reproduzido, nem parcial nem totalmente sem autorização. Por favor, contacte ppublications@crs.org para obter autorização. Qualquer "uso legítimo" ao abrigo da legislação de direitos dos Estados Unidos terá de conter a respetiva menção aos Catholic Relief Services.

Table of Contents

Prefácio	VI
Introdução	VIII
Agradecimentos	IX
Introdução	X
Acrónimos.....	XIII
Visão geral de sessões e unidades	XIV
Unidade 1: Visão geral e fundamentos da consolidação da paz dos CRSda CRS.....	1
Unidade 1 (A): Objetivos gerais da formação e o roteiro	1
Breve introdução.....	2
Objetivos gerais da formação.....	2
O roteiro—o que implica o processo de consolidação da paz.....	2
Unidade 1 (B): História e fundamentos de Justiça e Consolidação da Paz na CRS	5
Breve introdução.....	5
História da justiça e da consolidação da paz na CRS	5
Doutrina Social Católica (CST)	6
Unidade 1 (C): Relevância da consolidação da paz para o enquadramento do IHD da CRS.....	11
Breve introdução.....	11
Relevância da consolidação da paz para o enquadramento do IHD da CRS.....	11
Unidade 2: Compreender o conflito	17
Unidade 2(a): Definir o conflito	18
Breve introdução.....	18
Definir o conflito.....	18
Unidade 2(b): Fases do conflito—analogia “o conflito como fogo”	24
Breve introdução.....	24
Ver o conflito como fogo	24
Unidade 2(c): Introdução à análise de conflitos, os seus elementos e as suas ferramentas principais	28
Breve introdução	28
O que é a análise de conflitos?	28
Como é que a análise de conflitos é útil para as organizações??.....	29
Análise de conflitos e a sua utilidade	29
Principais elementos da análise de conflitos.....	30
Quem deve estar envolvido?.....	30
Quadro analítico e ferramentas básicas para a análise de conflitos.....	31
Unidade 2(d): Praticar a aplicação de ferramentas básicas de análise de conflitos	46
Breve introdução.....	46

Unidade 3: Consolidação da paz	51
Unidade 3(a): Visionar a paz e compreender a consolidação da paz	52
Breve introdução.....	52
Visionar a paz e compreender a consolidação da paz	52
Os conceitos de “paz positiva” e de “paz em grande escala” (PWL).....	52
Unidade 3 (B): Princípios de consolidação da paz da CRS	55
Breve introdução.....	55
5 princípios de consolidação da paz da CRS	55
Unidade 3 (C): A mudança que procuramos—quatro dimensões da transformação do conflito	60
Breve introdução.....	60
A mudança que procuramos: quatro dimensões da transformação do conflito	60
Unidade 3(D): Respostas de consolidação da paz a vários níveis	64
Breve introdução.....	64
Utilização da pirâmide de intervenientes e níveis	64
Unidade 3(E): Respostas de Consolidação da Paz — Combinando diferentes níveis, fases do conflito e dimensões da mudança	70
Breve introdução.....	70
Combinando diferentes níveis, fases do conflito e dimensões da mudança	70
Breve introdução.....	78
O continuum de gestão do conflito	78
Unidade 3(G): Introdução à metodologia de coesão social 3C/4D da CRS	86
Breve introdução.....	86
Compreender a coesão social.....	86
A metodologia 3C/4D.....	88
O barómetro da coesão social	90
Lições aprendidas com a implementação da metodologia 3C/4D	91
A grelha de avaliação do mini-barómetro de coesão social	101
Unidade 3(H): Introdução à reconciliação e aos seus quatro pilares	103
Breve introdução.....	103
Introdução à reconciliação, aos seus quatro pilares, desafios e dilemas	103
Unidade 4: Conceção da consolidação da paz e medição do progresso	109
Unidade 4(a): Análise do conflito	110
Breve introdução.....	110
Traduzir a análise de conflito em ação.....	110
Unidade 4(B): Introdução à consolidação da paz sensível ao conflito	114
Breve introdução.....	114
Introdução à consolidação da paz sensível ao conflito	114
Unidade 4(C): Integração da Justiça e da Consolidação da Paz para acelerar e amplificar a mudança duradoura	121
Breve introdução	121
Integração da justiça e da consolidação da paz	121
Criterios de integración de justicia y consolidación de la paz de CRS	122

Unidade 4 (C-i): Integração do género na Justiça e Consolidação da Paz.....	127
Breve introdução.....	127
Introdução à integração do género na JPB	127
Os seis domínios de género	127
Unidade 4 (C-ii): Integração dos jovens na Justiça e Consolidação da Paz	133
Breve introdução	133
O “porquê” e o “como” da integração dos jovens na consolidação da paz.....	133
Abordagem do Desenvolvimento Positivo dos Jovens (PYD)	134
Perguntas Adicionais/Discussão:	140
Unidade 4(D): Utilização de Teorias da Mudança (ToC)	
na conceção de programas de consolidação da paz	141
Breve introdução.....	141
Utilização de ToC na conceção de programas de consolidação da paz.....	141
O que pensam que torna uma teoria da mudança forte?	143
Unidade 4(E): Introdução à medição da consolidação da paz—quadros,	
indicadores e desafios	148
Breve introdução.....	148
Introdução à medição da consolidação da paz	148
Desafios-chave da Monitorização e Avaliação da Consolidação da Paz	149
Indicadores de consolidação da paz	151
Unidade 4(F): Planeamento e encerramento de ações	156
Breve introdução.....	156
Planeamento de ações	156



Prefácio

Nós, Catholic Relief Services, dedicamo-nos a pôr a nossa fé em ação, para construir um mundo em que todas as pessoas alcancem todo o seu potencial humano dado por Deus, no contexto de sociedades justas e pacíficas. Temos uma visão de um mundo que respeita a sacralidade e dignidade da pessoa humana e a integridade de toda a criação de Deus. A nossa missão é um apelo cheio de fé para servir os outros com base na necessidade, não no credo, na raça ou na nacionalidade—como ensinado no Evangelho de Jesus Cristo, dando prioridade aos mais vulneráveis e marginalizados entre nós. Uma tradição rica da Doutrina Social Católica, cujos princípios e valores encontram causa comum através de muitas fronteiras religiosas e culturais, guia-nos para uma compreensão mais profunda de como poderia ser um mundo caracterizado por uma justiça autêntica e uma paz duradoura.

No entanto, nem sempre é evidente o que é exatamente o “sucesso” e a forma como cultivamos sociedades mais justas e pacíficas. Em 2019, lançámos a Estratégia Vision 2030 da agência: Nas suas próprias mãos, enfatizando novamente o nosso compromisso com a justiça e a consolidação da paz e indo mais longe do que nas estratégias anteriores para articular os resultados prioritários que desejamos:

- A coesão social enraizada na justiça floresce nas comunidades e sociedades onde trabalhamos.
- Sistemas e estruturas seguros, equitativos e inclusivos protegem os mais vulneráveis e permitem a mudança transformacional.
- Uma sociedade civil dinâmica e instituições locais eficazes apoiam o desenvolvimento humano integral e servem o bem comum.
- Líderes comunitários e religiosos comprometem-se com a consolidação da paz interpessoal e do diálogo entre várias partes interessadas para transformar conflitos violentos e promover relações saudáveis e resilientes entre grupos em conflito.
- Os membros da comunidade comprometem-se com mecanismos de responsabilidade social para assegurar a qualidade e integridade dos programas e serviços governamentais e não-governamentais.
- Defesa eficaz e outras ações dos católicos nos Estados Unidos e outros de boa-fé combaterão a pobreza, a violência e a injustiça globais.

Sem dúvida que trabalhar para alcançar estes resultados pode parecer assustador em alguns contextos em todo o mundo! No entanto, sabemos que o desenvolvimento humano integral sustentável é impossível na ausência de paz, justiça social e relações certas que promovam o bem de todas as pessoas. E assim, comprometemo-nos com o trabalho em curso e confiamos em ferramentas como as contidas neste manual e as orientações aqui fornecidas sobre como podemos trabalhar para alcançar estes resultados.

O conteúdo deste manual reúne dez anos de aprendizagem do Instituto para a Consolidação da Paz em África (IPA). Mas está longe de ser exaustivo. Cada um de nós tem o potencial de o enriquecer com a nossa experiência, de o adaptar à nossa

realidade e de o aproveitar de forma transformadora. Para quem frequenta este curso, convido-vos a abraçar o vosso papel de agente da paz e a tirar partido da aprendizagem dos vossos pares, colegas, parceiros e membros da comunidade que contribuíram, de uma forma ou de outra, para o currículo. Desafio-vos a utilizar os vossos novos conhecimentos, talentos e competências e a aplicá-los para defender os excluídos e marginalizados, para que nenhum espaço nos separe, para que nenhum de nós seja esquecido e para que estejamos unidos num propósito comum por uma visão unificada para o bem comum. Isto é o que a ação baseada na fé deve ser.

Desejo-vos boa sorte na vossa viagem para construir um mundo mais justo e pacífico para todos.

Annemarie Reilly, Vice-Presidente Executiva para a Estratégia, Tecnologia e Comunicações

3 de agosto de 2021



Introdução

Este *Manual do Participante* representa muitas discussões, reflexões e trocas ao longo dos anos no seio do Grupo de Trabalho para a Justiça e Consolidação da Paz em África (AJPWG) e dos nossos colegas de consolidação da paz. Desde 2007, o AJPWG tem liderado o Instituto para a Consolidação da Paz em África (IPA), cujo objetivo tem sido reforçar a capacidade do pessoal da CRS e dos parceiros africanos para conceber e implementar programas básicos autónomos e integrados de justiça e consolidação da paz nos seus países. Em 2018, achamos adequado passar de um IPA centrado em África para um IPA que abraçasse a consolidação da paz de forma mais universal. Por conseguinte, este Manual do Participante foi concebido para servir as necessidades de aprendizagem da comunidade global de consolidação da paz da CRS.

Vale a pena refletir um momento sobre as origens do IPA. O impulso para a formação foi uma necessidade sentida de partilhar amplamente a justiça, a consolidação da paz e a sensibilidade para com o conflito, familiarizando os profissionais com conceitos, princípios, estratégias, abordagens e ferramentas básicas de justiça e consolidação da paz. Este papel tinha sido anteriormente desempenhado pelo Instituto de Verão para a Consolidação da Paz (SIP) da CRS. Mas, à medida que o SIP fazia a transição para agência com liderança direcionada para a Justiça e Consolidação da Paz, entregou o testemunho dos fundamentos da consolidação da paz ao AJPWG e ao IPA.

O objetivo do IPA tem sido preparar anualmente cerca de 50 participantes para os fundamentos da justiça e consolidação da paz (“Justiça e Consolidação da Paz 101”). O formato incluiu formações separadas de uma semana para falantes de francês e inglês. Embora este prazo seja insuficiente para cobrir a amplitude de um assunto tão multifacetado, este Manual do Participante cobre elementos essenciais e fornece aos participantes uma base sólida para a consolidação da paz.

Para o efeito, os participantes serão convidados a:

- Aplicar instrumentos básicos de análise de conflitos como base para uma programação eficaz;
- Respeitar os princípios de “Não prejudicar” e incorporar a sensibilidade para o conflito nos seus programas e projetos;
- Explorar vários métodos para consolidar a paz e promover a justiça social, incluindo a metodologia de coesão social 3C/4D da CRS; e
- Construir medições em conceções de consolidação da paz.

Estamos ansiosos por trabalhar com o pessoal e os parceiros da CRS de todo o mundo, e confiamos que nos enriqueceremos mutuamente enquanto construímos a paz juntos como uma família humana.

Solidariamente,

Robert Groelsema, Chefe de Equipa, Grupo de Trabalho para a Justiça e Consolidação da Paz em África

Agradecimentos

Preparado por Valarie Vat Kamatsiko, Nell Bolton e John Katunga, com contributos de Robert Groelsema e Jean-Baptiste Talla.

O Guia do Facilitador baseia-se nas experiências e lições apreendidas com os muitos anos de liderança do IPA. Agradecemos a Robert Groelsema por conceptualizar o Guia, e a Mary Margaret Dineen, Lucy Y. Steinitz, Emily MacGruder Lobo, Meghan Armistead e Aaron Chassy que fizeram parte da equipa de revisão original.

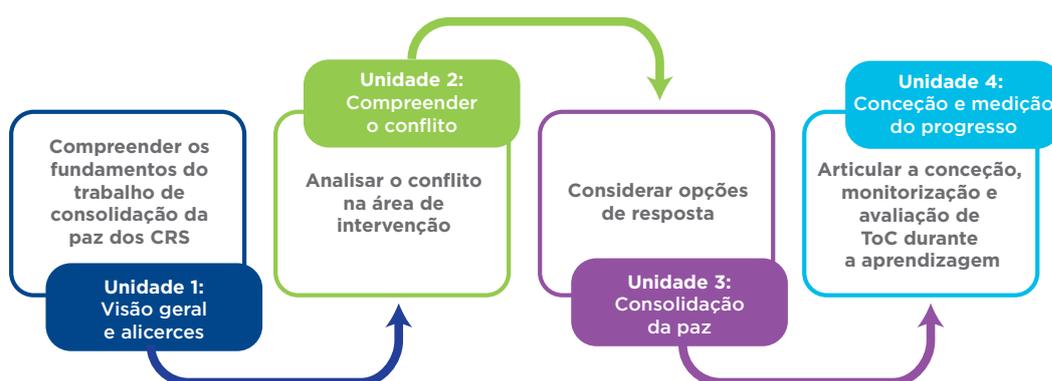
Esta edição de 2021 inclui revisões baseadas em experiências e lições apreendidas com os IPA de 2018, 2019 e 2020. As subunidades que se concentram na integração do género e dos jovens estão incluídas com o contributo e apoio técnico de Michelle Kendall e Michelle Marland, respetivamente.

Introdução

Este *Manual do Participante sobre os Fundamentos da Consolidação da Paz*, tal como o nome sugere, foi especialmente concebido para ser utilizado pelos participantes. O documento responde a pedidos de longa data do pessoal e dos parceiros da CRS para um currículo escrito do Workshop de Formação de Fundamentos para a Consolidação da Paz do Instituto para a Consolidação da Paz em África (IPA). Responde a estas necessidades de uma forma fácil de utilizar. Além disso, foi concebido para permitir aos participantes seguir a formação enquanto tomam notas e captam pontos importantes nos espaços para escrever constantes do manual. O Manual reflete os fundamentos essenciais da filosofia, das abordagens, dos métodos e das ferramentas para a Consolidação da Paz (PB) da CRS.

O currículo revisto beneficia os participantes de várias formas. Em primeiro lugar, cria um formato que não só transmite uma evolução de pensamento do Grupo de Trabalho para a Justiça e Consolidação da Paz em África (AJPWG), mas também do Comité Técnico para a Consolidação da Paz da CRS (PBTC). A expansão global do IPA, em 2018, exigiu uma ampla perspectiva e diversidade de pensamento para além da África Subsaariana. Em segundo lugar, ter este manual assegurará a consistência e coerência dos materiais a partilhar com os participantes em futuros IPA e formações semelhantes em toda a Agência. Em terceiro lugar, o manual revisto oferece aos utilizadores uma referência atual para a redação da proposta, conceção e implementação de projetos nos seus locais de trabalho. Juntamente com o Curso Online de Fundamentos para a Consolidação da Paz da CRS, o Manual do Participante serve como iniciação e atualização para criar programas de Justiça e Consolidação da Paz autónomos ou integrados com os setores centrais da CRS. Por último, a presente versão contém novas unidades sobre a integração do género e dos jovens na consolidação da paz.

O currículo está organizado em quatro unidades, conforme apresentado abaixo.



A **Unidade 1** fornece um roteiro que ilustra o que a Justiça e Consolidação da Paz implicam; uma visão geral e os fundamentos do setor da consolidação da paz da

CRS, incluindo a história da Justiça e Consolidação da Paz na agência; a Doutrina Social Católica (CST) como motivação primária e estrutura moral para a Justiça e Consolidação da Paz; e o Desenvolvimento Humano Integral (IHD)—uma estrutura conceptual para o desenvolvimento holístico e a consolidação da paz.

A **Unidade 2**, “Compreender o conflito”, oferece definições de conflito, descreve as fases do conflito, introduz a análise do conflito, e desafia o participante a aplicar ferramentas básicas de análise do conflito. As secções da unidade exploram conceitos-chave incluindo as distinções entre conflito e violência; formas de violência (aberta e estrutural); tipos de conflitos; dinâmicas do conflito, e quando e como realizar análises do conflito. No final da unidade, os participantes devem ter uma melhor compreensão do perfil, das causas, dos intervenientes, das motivações e da dinâmica dos conflitos, e familiaridade com os quadros de avaliação e análise do conflito que os ajudarão a implementar programas de forma mais eficaz e sustentável em ambientes conflituosos.

A **Unidade 3**, “Consolidar a Paz”, fornece aos participantes um conjunto de respostas de Justiça e Consolidação da Paz que podem ser adaptadas para prevenir e mitigar conflitos, ou ser integradas com programas de ajuda e desenvolvimento em ambientes conflituosos. As secções da unidade incluem visionar a paz e compreender a consolidação da paz; ganhar consciência dos princípios de consolidação da paz da CRS; compreender as quatro dimensões da transformação do conflito; participar na consolidação da paz a vários níveis; aplicar os métodos exclusivos da CRS para responder ao conflito; e reconhecer o papel da reconciliação na Justiça e Consolidação da Paz. Os participantes conhecerão a “Metodologia 3C/4D”, que estabelece as bases para o reforço da coesão social, paz e justiça em muitos dos ambientes do nosso programa.

A **Unidade 4**, “Conceção da consolidação da paz e medição do progresso”, ajudará os participantes a planear, medir e analisar os resultados. As secções da unidade exploram formas de aplicar a análise do conflito à concepção da Justiça e Consolidação da Paz; integrar a Justiça e Consolidação da Paz como meio de acelerar e ampliar a mudança duradoura, incluindo a integração de considerações de género e jovens na Justiça e Consolidação da Paz; e conceber intervenções de consolidação da paz que sejam sensíveis ao conflito. Além disso, os participantes ficarão preparados para aplicar as Teorias da Mudança (TOC) na concepção do programa de consolidação da paz. Sairão deste tópico com uma melhor compreensão de como prever o sucesso, desenvolver quadros de resultados, indicadores de concepção e enfrentar desafios de medição e atribuição.

Para além do pessoal e dos parceiros que trabalham diretamente com a consolidação autónoma da paz, a formação é altamente recomendada para o pessoal de todos os setores interessados na integração, cujos resultados do projeto podem ser afetados pela fragilidade do Estado, tensões subjacentes, divisões sociais e conflitos violentos. Em suma, espera-se que esta introdução à consolidação da paz seja benéfica para um grande número de praticantes. Para isto, os fundamentos da consolidação da paz fornecem uma base crítica para os agentes da paz, bem como para os profissionais de ajuda e desenvolvimento.

Abaixo, deixamos a explicação dos ícones utilizados neste Manual do Participante para facilitar a navegação ao utilizar o documento.



**Representa atividades/
exercícios a realizar em
grupos, pares, etc.**



**Representa
mensagens-chave**



**Representa
ferramentas**



**Recursos de
treinamento
e apostilas**

Esperamos que, nos seus esforços para aprofundar os conhecimentos e aperfeiçoar as suas competências, considere este Manual do Participante instrutivo.

Acrónimos

AI	Inquérito apreciativo
AJPWG	Grupo de Trabalho para a Justiça e Consolidação da Paz em África
CBT	Terapia Cognitiva Comportamental
CDA	Ação Colaborativa para a Ação, Projetos de Aprendizagem Colaborativa
CRS	Catholic Relief Services
GAIN	Indicadores Globalmente Aceites
IHD	Desenvolvimento Humano Integral
JPB	Justiça e Consolidação da Paz
MEAL	Monitorização, Avaliação, Responsabilização e Aprendizagem
ONG	Organização Não-Governamental
OECD-DAC	Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico—Comité de Assistência ao Desenvolvimento
PBGG	Consolidação da Paz, Governação e Género
PWL	Paz em Grande Escala
RPP	Refletir sobre a Prática da Paz
ToC	Teorias da Mudança
USAID	Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional
3Cs	Conexão, Contato, Construção.
4D	Descobrir, Sonhar, Conceber e Concretizar

Visão geral de sessões e unidades

Há quatro unidades a abordar ao longo de um período de cinco dias. Segue abaixo uma agenda ilustrativa e a agenda real deve ser adaptada para se adequar ao contexto de cada formação.

	DIA UM	DIA DOIS	DIA TRÊS	DIA QUATRO	DIA CINCO
	VISÃO GERAL E FUNDAMENTOS (UNIDADE 1)	CONSOLIDAR A PAZ (UNIDADE 3)	CONSOLIDAR A PAZ	CONCEÇÃO DE CONSOLIDAÇÃO DA PAZ E MEDIÇÃO DO PROGRESSO (UNIDADE 4)	CONCEÇÃO DE CONSOLIDAÇÃO DA PAZ E MEDIÇÃO DO PROGRESSO
Sessão da manhã 1	<p>PRÉ-TESTE (20 minutos)</p> <p>Unidade 1(a): Objetivos gerais da formação e o roteiro (20 minutos)</p> <p>Unidade 1(b): História e fundamentos de Justiça e Consolidação da Paz nos CRS (40 minutos)</p> <p>Unidade 1(c): Relevância da consolidação da paz para o enquadramento do IHD dos CRS (40 minutos)</p>	<p>Unidade 3(a): Visionar a paz e a compreensão da Justiça e Consolidação da Paz (50 minutos)</p> <p>Unidade 3(b): Princípios de Justiça e Consolidação da Paz dos CRS (30 minutos)</p> <p>Unidade 3(c): A mudança que procuramos—quatro dimensões da transformação do conflito (40 minutos)</p>	3B/4D (continuação) (120 minutos)	<p>Unidade 4 (c-i): Integração de Justiça e Consolidação da Paz (30 minutos)</p> <p>Unidade 4 (c-ii): Integração do género na Justiça e Consolidação da Paz (60 minutos)</p> <p>Unidade 4 (c-iii): Integração dos jovens na Justiça e Consolidação da Paz (30 minutos)</p>	<p>Unidade 4(e): Introdução à medição da Justiça e Consolidação da Paz—estruturas, indicadores e desafios (90 minutos)</p> <p>Unidade 4(f): Planeamento da ação (30 minutos)</p>
Pausa da manhã					
Sessão da manhã 2	<p>COMPREENDER O CONFLITO (UNIDADE 2)</p> <p>Unidade 2(a): Definir o conflito (50 minutos)</p> <p>Unidade 2(b): Fases do conflito—analogia “conflito como um incêndio” (70 minutos)</p>	<p>Unidade 3(d): Respostas de Consolidação da Paz a vários níveis (40 minutos)</p> <p>Unidade 3(e): Respostas de Consolidação da Paz—Combinando diferentes níveis, fases do conflito e dimensões da mudança (80 minutos)</p>	Unidade 3(h): Introdução à reconciliação e os seus quatro pilares (120 minutos)	<p>Integração dos jovens (continuação) (30 minutos)</p> <p>Unidade 4(d): Utilização das ToC na conceção do programa de Consolidação da Paz (60 minutos)</p> <p>Unidade 4(e): Introdução à medição da Justiça e Consolidação da Paz—estruturas, indicadores e desafios (30 minutos)</p>	<p>PÓS-TESTE (20 minutos)</p> <p>AValiação FINAL DA FORMAÇÃO (10 minutos)</p> <p>CERIMÓNIA DE ENCERRAMENTO (30 minutos)</p> <p>FIM</p>
Pausa para almoço					
Sessão da tarde 1	<p>Unidade 2(c): Introdução à análise de conflitos, os seus elementos e as suas ferramentas principais (65 minutos)</p> <p>Unidade 2(d): Praticar a aplicação de ferramentas básicas de análise de conflitos (85 minutos)</p>	<p>Exercício (continuação) (30 minutos)</p> <p>Unidade 3(f): Métodos de resposta ao conflito (60 minutos)</p>	<p>CONCEÇÃO DE CONSOLIDAÇÃO DA PAZ E MEDIÇÃO DO PROGRESSO (UNIDADE 4)</p> <p>Unidade 4(a): Análise do conflito (30 minutos)</p> <p>Unidade 4(b): Introdução à consolidação da paz sensível ao conflito (60 minutos)</p>	Os participantes partilham e aprendem com o trabalho de Consolidação da Paz uns com os outros (por exemplo, através de bancas de mercado) (90 minutos)	
Pausa da tarde					
Sessão da tarde 2	Praticar a aplicação de ferramentas básicas de análise de conflitos (continuação)	Unidade 3(g): Introdução à metodologia 3B/4D dos CRS (60 minutos)	Aprender com o programa do país anfitrião (60 minutos)	Intercâmbio entre participantes—partilha e aprendizagem (continuação) (60 minutos)	
Fecho do dia					



Os participantes das comunidades muçulmana e cristã participam num Workshop de Cura Traumática como parte da Parceria Inter-República Centro-Africana para a Consolidação da Paz. Foto por Sam Phelps/CRS

Unidade 1: Visão geral e fundamentos da consolidação da paz dos CRSda CRS

A Unidade 1 abre com uma introdução de alto nível ao currículo, incluindo os objetivos gerais da formação. A Unidade também introduz a história e o posicionamento atual da Justiça e Consolidação da Paz (JPB) na CRS. Explica como o trabalho de JPB da CRS está enraizado na Doutrina Social Católica (CST) e oferece uma oportunidade de explorar as ligações entre a JPB e o Enquadramento do Desenvolvimento Humano Integral (IHD).

Objetivos de aprendizagem:

- Os participantes explicarão porquê e como a justiça e a consolidação da paz são centrais para a missão da CRS.
- Os participantes articularão a forma como a JPB está enraizada no CST e a sua relevância para o enquadramento do IHD da CRS.

UNIDADE 1 (A): OBJETIVOS GERAIS DA FORMAÇÃO E O ROTEIRO

BREVE INTRODUÇÃO

Esta breve unidade destaca os objetivos gerais da formação e o roteiro da formação.

OBJETIVOS GERAIS DA FORMAÇÃO

La formación persigue los siguientes objetivos:

O projeto destina-se a alcançar os seguintes objetivos:

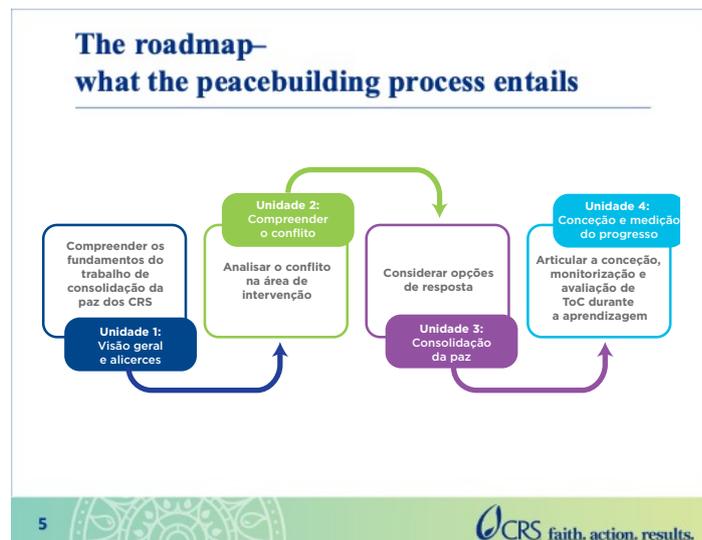
- Explorar a centralidade da justiça e da consolidação da paz na Doutrina Social Católica e na missão social da Igreja
- Reforçar as competências básicas dos participantes na conceção, nos métodos, nas ferramentas e na medição de justiça e consolidação da paz

Enquanto o primeiro objetivo será amplamente alcançado através da Unidade 1, o segundo será alcançado através das Unidades 2, 3 e 4.

O ROTEIRO—O QUE IMPLICA O PROCESSO DE CONSOLIDAÇÃO DA PAZ

O roteiro aqui apresentado está relacionado com o conteúdo que será abordado ao longo da formação, mas também reflete o que o processo de consolidação da paz implica. **No final da formação, cada participante será capaz de compreender o que o processo de consolidação da paz implica e estará preparado para empreender uma intervenção de consolidação da paz.**

O roteiro começa com a compreensão dos fundamentos do trabalho de consolidação da paz da CRS e passa à compreensão do conflito. A seguir, o foco vai para a consolidação da paz e, por último, para a conceção e medição do progresso. Consultar a Unidade 1 / Material de apoio 1 para ver o diagrama.





MENSAGENS-CHAVE

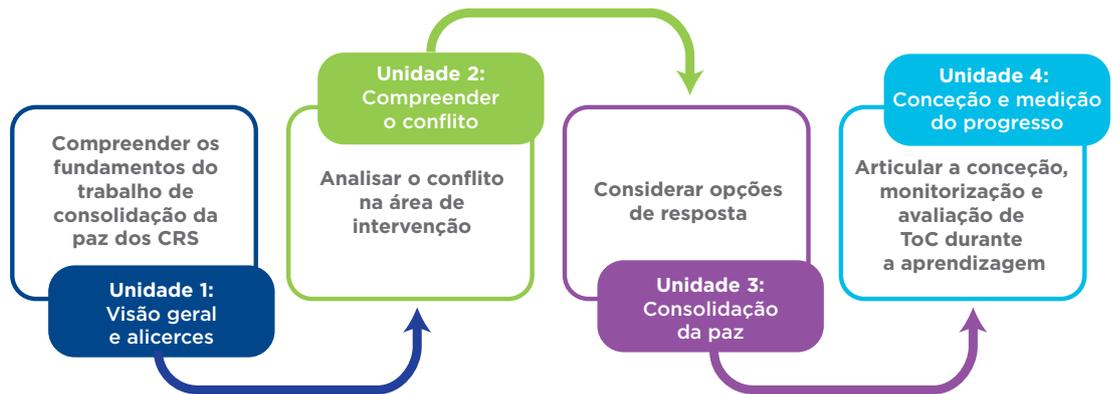
A formação foi concebida de forma que, no final, cada participante será capaz de compreender o que o processo de consolidação da paz implica e estará preparado para empreender uma intervenção de consolidação da paz.



RECURSOS E MATERIAL DE APOIO DA FORMAÇÃO

UNIDADE 1 / MATERIAL DE APOIO 1

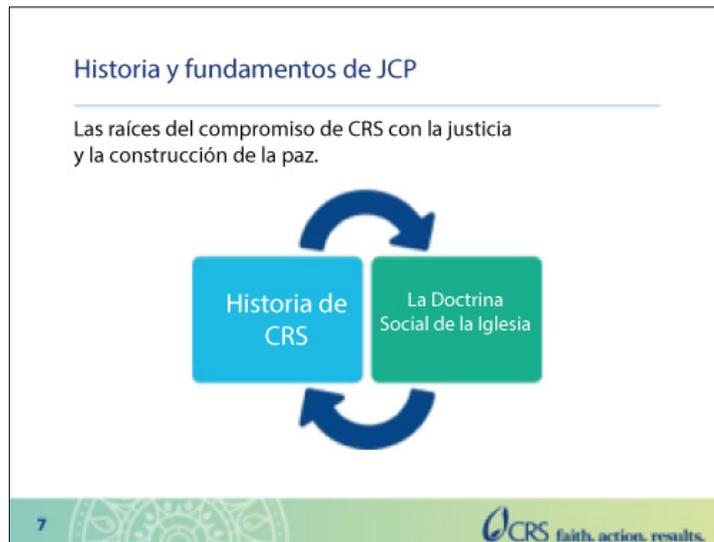
O roteiro—o que implica o processo de consolidação da paz



UNIDADE 1 (B): HISTÓRIA E FUNDAMENTOS DE JUSTIÇA E CONSOLIDAÇÃO DA PAZ NA CRS

BREVE INTRODUÇÃO

A CRS promove o desenvolvimento humano respondendo a emergências graves, combatendo a doença e a pobreza, e alimentando sociedades pacíficas e justas. Esta sessão aprofundará um pouco mais as raízes do compromisso da CRS com a justiça e a consolidação da paz, tanto no que diz respeito à história da organização como no que diz respeito à Doutrina Social Católica.



HISTÓRIA DA JUSTIÇA E DA CONSOLIDAÇÃO DA PAZ NA CRS



ATIVIDADE—MESA REDONDA E QUESTIONÁRIO

Vamos começar com um pequeno questionário. Em grupos de mesa, trabalhem juntos para discutir cada afirmação na Unidade 1 / Recurso de formação 1 (Questionário sobre a história da CRS) e determinem se esta “foi aplicada aos CRS desde o início” ou “foi adotada pelos CRS ao longo do tempo.” Considerando as respostas ao questionário, há alguma surpresa?

O questionário ajuda-nos a compreender por que a CRS acrescentou a lente da justiça para abordar de forma sustentável questões relacionadas com estruturas e sistemas injustos que causam ou perpetuam a pobreza, a marginalização e o conflito.

Abaixo, apresentamos a evolução da lente da justiça da CRS.

A história: A evolução da lente da justiça da CRS

Conforme falado, a CRS foi fundada em 1943 para levar a cabo o compromisso da Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos de ajudar os pobres e vulneráveis no estrangeiro. No início, centravam-se especificamente na assistência em caso de emergência, com foco na assistência a refugiados. Nos anos 1950, a CRS ia além da assistência em caso de emergência para se concentrarem no desenvolvimento: promovendo a autoajuda e melhorias sustentáveis na vida das pessoas.

Avançar rapidamente para o genocídio de 1994 no Ruanda. Para além de uma tragédia, o genocídio foi um alerta preocupante para a liderança da CRS. A CRS está presente no Ruanda desde o início da década de 1960, prestando assistência e apoiando o desenvolvimento. No entanto, que impacto tiveram estes esforços nas condições que levaram ao genocídio? Estaríamos cegos à dinâmica da exclusão, da marginalização e da desumanização? Chegou-se à conclusão de que, doravante, a CRS deveria tentar abordar as causas profundas do conflito e da pobreza, mesmo continuando a abordar as necessidades imediatas.

No final dos anos 1990, a CRS tinha adotado uma estratégia de justiça para abordar as estruturas e os sistemas que criam pobreza e marginalização, e estavam a utilizar uma “lente da justiça” para enquadrar a nossa compreensão dos contextos em que trabalhamos, bem como a nossa resposta. A nova programação floresceu em setores como a consolidação da paz e a educação, e também reforçámos o nosso compromisso de parceria com organizações locais. A CRS a CRS também recorreram ao valioso organismo da Doutrina Social Católica para informar a nossa compreensão da justiça.

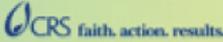
A história reforça ainda mais a importância da lente da justiça. A lente da justiça permite aos CRS abordar as causas profundas do conflito e da pobreza, respondendo a questões-chave inseridas em sistemas e estruturas injustos, tais como a exclusão e a marginalização.

DOCTRINA SOCIAL CATÓLICA (CST)

A CRS adotou 8 princípios orientadores baseados na Doutrina Social Católica. São eles: a sacralidade e dignidade de toda a vida humana; direitos e responsabilidades; bem comum; natureza social da humanidade; solidariedade; subsidiariedade; opção pelos pobres; e gestão (ver Unidade 1 / Material de apoio 2 para breves explicações sobre cada um deles). A referência a estes princípios orientadores ajuda-nos a assegurar que o nosso trabalho está de acordo com os valores e a visão da Igreja Católica para a sociedade.

Doctrina social de la Iglesia

- El carácter sagrado y la dignidad de toda vida humana.
- Derechos y responsabilidades.
- El bien común.
- Naturaleza social de la humanidad.
- Solidaridad
- Subsidiariedad
- Opción por los pobres
- Corresponsabilidad

8  faith. action. results.

Estes princípios se aplicam a toda a programação da CRS, incluindo a justiça e a consolidação da paz.



ATIVIDADE—DEBATES A TRÊS

Catholic Social Teaching

What significance do you think these CST principles have for peacebuilding?

 faith. action. results.

Ao considerar a questão acima, os pontos importantes podem incluir: a importância das relações certas; o trabalho com parceiros locais que lidam com justiça e consolidação da paz nas suas comunidades; e a preocupação transversal com a equidade. Os princípios da Doutrina Social Católica, e a preocupação global pelas relações certas, são consistentes com os ensinamentos éticos de muitas outras religiões e tradições espirituais.



MENSAGENS-CHAVE

- O trabalho da CRS em prol da justiça e da paz é parte integrante da nossa identidade católica, e seguimos esta visão com base no nosso compromisso para com os princípios fundamentais da Doutrina Social Católica.
- Os nossos valores e a lente da justiça exigem que prestemos muita atenção a quem está envolvido e é afetado pelo nosso trabalho, especialmente entre os grupos marginalizados e vulneráveis. Com este entendimento, a CRS esforça-se por assegurar que todos os nossos programas, incluindo os nossos programas de JPB, sejam sensíveis às questões de género, inclusivos para os jovens e sensíveis à proteção.



RECURSOS E MATERIAL DE APOIO

UNIDADE 1 / RECURSO DE FORMAÇÃO 1

Questionário sobre a história da CRS

Em grupos, discutam cada afirmação, e determinem se esta “foi aplicada aos CRS desde o início” ou “foi adotada pelos CRS ao longo do tempo.” Colocar um visto na respectiva coluna.

AFIRMAÇÃO	FOI APLICADA AOS CRS DESDE O INÍCIO?	FOI ADOTADA PELOS CRS AO LONGO DO TEMPO?
1. A CRS presta assistência com base na necessidade, em vez de no credo, na raça ou na nacionalidade.		
2. A CRS leva a cabo o compromisso da Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos de ajudar os pobres e vulneráveis no estrangeiro.		
3. A CRS presta assistência às pessoas afetadas pela guerra e pelo conflito.		
4. A CRS trabalha para eliminar as causas da pobreza através do desenvolvimento.		
5. A CRS pretende mudar as estruturas e os sistemas que criam ou perpetuam a pobreza e a marginalização.		
6. A CRS é orientada por princípios-chave da Doutrina Social Católica.		

UNIDADE 1 / MATERIAL DE APOIO 2

Doutrina Social Católica

- O tema fundamental da CST é a **sacralidade e dignidade de toda a vida humana**. Esta dignidade humana deriva da nossa criação à imagem de Deus, e não apenas da nossa própria ação ou do nosso esforço.
- A dignidade humana determina, assim, a forma como nos devemos relacionar uns com os outros. Cada pessoa tem **direitos e responsabilidades** básicos que decorrem da nossa dignidade humana e que nos pertencem como seres humanos, independentemente de quaisquer estruturas sociais ou políticas. Correspondem aos nossos direitos deveres e responsabilidades de respeitar os direitos dos outros e de trabalhar para o bem comum de todos.
- O **bem comum** é o tecido social que deve existir para que todos nós tenhamos a oportunidade de concretizar a nossa dignidade humana e alcançar o nosso pleno potencial.
- Somos chamados a viver em comunidade uns com os outros, também referido como a **natureza social da humanidade**. Ou seja, o nosso pleno potencial humano não se concretiza na solidão, mas sim na relação com os outros. A forma como organizamos as nossas famílias, sociedades e comunidades afeta diretamente esta capacidade de alcançar todo o nosso potencial humano.
- Fazemos todos parte de uma família humana; viver em **solidariedade** com esta família humana mostra que compreendemos como estamos todos interligados.
- A **subsidiariedade** diz que um nível mais elevado de governo—ou organização— não deve desempenhar qualquer função ou dever que possam ser tratados mais eficazmente a um nível inferior por pessoas que estejam mais próximas do problema e que tenham uma melhor compreensão da questão.
- A CST enfatiza a **opção pelos pobres**, que é a ideia de que deve ser dada uma preocupação ponderada às necessidades dos mais pobres e mais vulneráveis em qualquer decisão económica, política ou social. A opção pelos pobres fortalece toda a comunidade, porque a impotência de qualquer membro prejudica o resto da sociedade.
- Por fim, todos devemos praticar uma boa **gestão**, utilizando e distribuindo os recursos de forma justa, equitativa e com cuidado para com a integridade inerente da criação

UNIDADE 1 (C): RELEVÂNCIA DA CONSOLIDAÇÃO DA PAZ PARA O ENQUADRAMENTO DO IHD DA CRS

BREVE INTRODUÇÃO

Na Unidade 1(c), vamos rever as origens e os componentes do Enquadramento do IHD da CRS, bem como explorar as ligações entre o IHD e a justiça e a consolidação da paz.

RELEVÂNCIA DA CONSOLIDAÇÃO DA PAZ PARA O ENQUADRAMENTO DO IHD DA CRS

Desenvolvimento Humano Integral é um conceito que está firmemente enraizado na Doutrina Social Católica. O IHD é simultaneamente um objetivo e um processo; e um fim e um meio. No início dos anos 2000, quando a “lente da justiça” da CRS ainda era relativamente nova, as equipas de programação procuravam formas práticas de a operacionalizar, bem como um enquadramento geral para orientar a programação. Estas necessidades foram expressas durante uma reunião de coordenação de 2002 das equipas de resposta a emergências e de meios de subsistência agrícola, e o enquadramento do IHD foi desenvolvido em resposta. Proporciona uma imagem útil para ligar os objetivos de assistência e desenvolvimento da CRS de forma a promover a dignidade humana e a justiça social em todos os programas.

¿Qué es el Desarrollo Humano Integral?

El DHI es tanto un objetivo como un proceso enraizado en la Doctrina Social de la Iglesia.

- Objetivo: el bien de cada persona y de todas las personas. Es cultural, económico, político, social y espiritual.
- Proceso: permite a los individuos y a las comunidades proteger y ampliar las opciones que tienen para mejorar sus vidas, satisfacer sus necesidades humanas básicas, liberarse de la opresión y realizar su pleno potencial humano.



11  faith. action. results.

Las tres características clave del DHI

- **Holístico:** no solo importa el desarrollo económico, sino el desarrollo integral de toda la persona.
- **Solidario:** el DHI promueve los derechos y las responsabilidades de todas y cada una de las personas, y de todas las personas entre sí.
- **Justicia y paz:** el DHI únicamente puede llevarse a cabo en una sociedad justa y pacífica que respete la dignidad humana de cada persona, el carácter sagrado de la vida y la integridad de la creación.

12

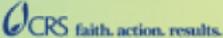
O Enquadramento do IHD é apresentado abaixo (ver Unidade 1 / Material de apoio 3) e os seus principais componentes ativos; estruturas e sistemas; choques, ciclos e tendências; e as estratégias são detalhadas no Material de apoio 4.



Relevancia de JPB en el marco del DHI

- ¿En qué puntos del marco de DHI cree que son más relevantes las problemáticas de justicia y construcción de la paz?

- ¿Dónde pueden tener más impacto las iniciativas de justicia y construcción de la paz?

14


De notar que:

- Os nossos programas não se podem limitar a reforçar ou mesmo diversificar os ativos das pessoas; devem também considerar o poder das estruturas e dos sistemas para permitir ou restringir o acesso e a utilização dos seus ativos. Por exemplo, as leis podem ditar quem pode deter o título de propriedade da terra; as normas sociais podem aumentar ou restringir a frequência das raparigas nas escolas ou apoiar a violência baseada no género; os sistemas e as estruturas podem permitir que um grupo étnico beneficie à custa de outro; etc.
- Uma lente da justiça e consolidação da paz pode contribuir para uma melhor compreensão destas estruturas e destes sistemas, bem como estratégias para os tornar mais inclusivos e equitativos.
- Uma preocupação com as relações de poder e equidade também nos ajudará a considerar como fortalecer a voz das pessoas, o acesso e o envolvimento com estruturas e sistemas— incluindo o empoderamento das mulheres, raparigas e jovens, bem como de outros grupos vulneráveis e marginalizados para participarem e se comprometerem efetivamente com estes sistemas e estas estruturas.
- Uma análise do conflito, que aprenderemos a realizar na Unidade 2, pode também contribuir para uma melhor compreensão dos choques, dos ciclos e das tendências que afetam a vulnerabilidade e a resiliência das pessoas.
- Uma sociedade justa e pacífica é um contexto no qual o IHD pode ser plenamente realizada; e a prossecução do IHD ajuda a promover a dignidade humana e a justiça social.



MENSAGENS-CHAVE

- A visão do IHD está a florescer a partir de qualquer pessoa e de cada pessoa. A ideia de resiliência está no seu cerne, e isto está ligado ao compromisso da CRS para com sociedades justas e pacíficas.
- Não podemos promover o IHD sem prestar atenção à forma como as estruturas e os sistemas influenciam a capacidade das pessoas de aceder, utilizar, reter e construir os seus ativos, bem como de exercer os seus direitos e responsabilidades. Isto inclui a tomada de decisões, a escolha de estratégias e a capacidade de exercer a voz e o poder, em todas as áreas em que as abordagens de consolidação da paz podem fazer a diferença.



RECURSOS E MATERIAL DE APOIO

UNIDADE 1 / MATERIAL DE APOIO 3

O enquadramento do Desenvolvimento Humano Integral¹



1. Catholic Relief Services, 2008. *Guia do Utilizador para o Desenvolvimento Humano Integral (IHD): Orientação prática para o pessoal e os parceiros da CRS*, Geoff Heinrich, David Leege e Carrie Miller. Disponível em Guia do Utilizador para o Desenvolvimento Humano Integral (IHD)

UNIDADE 1 / MATERIAL DE APOIO 4

Los componentes del marco del desarrollo humano integral (DHI)

ATIVOS	ESTRUTURAS E SISTEMAS	CHOQUES, CICLOS E TENDÊNCIAS	ESTRATÉGIAS
<p>Estas são coisas tangíveis ou intangíveis que possuímos, a que temos direito ou a que temos acesso constante. Poderíamos também pensar em bens como “capital” ou “capacidades”. Quanto mais ativos tivermos, mais ricos seremos; e ter uma maior diversidade de ativos reduz a vulnerabilidade a choques. Existem 6 categorias de ativos: Naturais, Físicos, Financeiros, Espirituais e Humanos, Sociais e Políticos. Os 3 primeiros tendem a ser mais tangíveis, enquanto os 3 últimos tendem a ser mais intangíveis. Os ativos espirituais e humanos tendem a ser encontrados dentro de si próprios, enquanto o grau relativo dos seus ativos sociais, políticos ou económicos é frequentemente afetado pelo sexo, pela idade e pelo estatuto social, pela identidade de grupo, etc.</p>	<p>As estruturas e os sistemas organizam, regulam e influenciam a forma como as pessoas vivem. Afetam o que as pessoas fazem, como fazem e como se relacionam umas com as outras. As estruturas referem-se a organizações e instituições, enquanto os sistemas se referem a valores, atitudes e políticas. A CRS preocupa-se com a forma como as estruturas e os sistemas influenciam as capacidades das pessoas para manter, maximizar e/ou diversificar os seus ativos, e com a forma como os ativos das pessoas permitem ou impedem o seu acesso a estruturas e sistemas.</p>	<p>Estes fatores afetam o contexto do desenvolvimento humano de forma positiva ou negativa. Os choques são acontecimentos súbitos e intensos que podem prejudicar a vida ou a subsistência das pessoas. Podem ser políticos, económicos, ambientais ou sociais. Os ciclos são acontecimentos que ocorrem regularmente, muitas vezes sazonais, e tendem a ser algo previsíveis. Também podem ser políticos, económicos, ambientais ou sociais. As tendências são evoluções graduais que podem ser positivas ou negativas.</p>	<p>As famílias desenvolvem estratégias para alcançar as suas aspirações com base nos ativos a que têm acesso e nos riscos a que estão expostas, tendo em consideração tanto os aspetos favoráveis como os restritivos de estruturas e sistemas. Estas estratégias produzem resultados, que idealmente apontarão para o desenvolvimento humano integral.</p>



Os participantes num workshop de consolidação da paz no Togo contemplam a metáfora do conflito como fogo. Foto por Jean Baptiste Talla/CRS

Unidade 2: Compreender o conflito

A Unidade 2 centra-se na melhoria da compreensão do conflito, bem como na clarificação da distinção entre conflito e violência. As fases do conflito são explicadas utilizando a “analogia do conflito como fogo”. A Unidade 2 também explora a análise de conflitos e oferece oportunidades para praticar utilizando ferramentas básicas de análise.

Objetivos de aprendizagem:

- Os participantes descreverão a natureza do conflito e farão a distinção entre conflito e violência.
- Os participantes descreverão o que a análise de conflito implica e aplicarão ferramentas básicas para analisar o conflito.

UNIDADE 2(A): DEFINIR O CONFLITO

BREVE INTRODUÇÃO

Todos nós passamos por alguma forma de conflito nas nossas vidas—à medida que nos dedicamos à nossa vida familiar, desempenhamos as nossas funções e interagimos com os colegas de trabalho, nos envolvemos com membros e líderes da comunidade onde vivemos e/ou trabalhamos, etc. O conflito faz parte das nossas vidas. Começemos por explorar a questão, o que é o conflito?

DEFINIR O CONFLITO

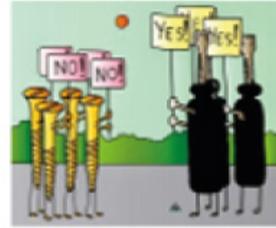


ATIVIDADE—O QUE É O CONFLITO?



Conflicto

- El conflicto puede definirse como un **desacuerdo** o **lucha** entre personas con necesidades, ideas, creencias, valores u objetivos opuestos.
- Se produce cuando dos o más partes creen que sus intereses son incompatibles. Puede adoptar la forma de conflicto interpersonal, intergrupar, intrapersonal e intragrupal.
- Es un fenómeno **natural y normal**.
- Se expresa en actitudes hostiles, acciones violentas o que perjudican la capacidad de las otras partes para perseguir sus intereses.
- Puede ser latente, sutil o invisible.



6

CRS faith. action. results.

Conflicto

- Es **neutral**: puede tener resultados constructivos o destructivos.
- La percepción del conflicto es importante: ¿percepción negativa o positiva?
- Es preocupante: los conflictos violentos y destructivos ya no son saludables.
- Hay una distinción entre conflicto y violencia. La violencia es siempre destructiva. Puede ser una respuesta al conflicto, una causa y efecto de este. Es un vínculo cíclico.
- Tres formas de violencia: directa/física, estructural y cultural.
- Violencia, conflicto y trauma: la violencia puede crear un trauma y un trauma no procesado a menudo conduce a la violencia.



7

CRS faith. action. results.

Considerar os seguintes pontos quando tentar definir e compreender o conflito:

- O conflito pode ser definido como um desacordo ou luta entre pessoas com necessidades, ideias, crenças, valores ou objetivos opostos.
- O conflito ocorre quando duas ou mais partes acreditam que os seus interesses são incompatíveis. O conflito pode assumir a forma de conflito **interpessoal, intergrupar, intra-pessoal e intra-grupo**. Ver a Unidade 2 / Anexo 1 sobre Tipos de Conflito para uma leitura mais aprofundada.
- É um fenómeno **natural**. É também uma ocorrência **normal** nas relações humanas.
- O conflito é expresso em atitudes hostis, ações violentas ou ações que prejudicam a capacidade das outras partes de lutar pelos seus interesses.
- Pode ser latente, subtil ou invisível. O conflito pode estar adormecido e apenas à espera de um gatilho.
- O conflito é **neutro**. O conflito pode ter resultados construtivos ou destrutivos, dependendo da forma como é gerido. O conflito nem sempre é negativo. Nos casos em que o conflito é gerido de forma construtiva e atempada, oferece uma possibilidade positiva e convida à co-criação de soluções. Um conflito assim é essencial para a mudança e transformação social. É motivo de preocupação o conflito violento e destrutivo que já não é saudável. Ter uma perceção negativa do conflito pode levar-nos a recorrer a formas negativas ou menos construtivas de o gerir. Ter uma perceção positiva do que é o conflito permite procurar oportunidades de envolvimento positivo e construtivo para o resolver.
- Embora os dois estejam ligados, há uma distinção entre conflito e violência (ver a Unidade 2 / Anexo 2 para uma leitura mais aprofundada sobre as **diferentes formas de violência**). A violência é sempre destrutiva. A violência pode ser uma resposta ao conflito (a utilização da violência para resolver conflitos) mas também uma causa (por exemplo, violência estrutural e cultural) e um efeito do conflito (por exemplo, quando o conflito leva à violência). É uma ligação cíclica.

É também importante compreender a relação entre violência, conflito e trauma. O trauma pode ser entendido como uma ferida profunda que acontece quando algo involuntariamente chocante, doloroso ou prejudicial acontece e nos deixa **sobrecarregados** e ameaçados (emocional, mental ou física, ou espiritualmente)². Pode surgir de algo que se tenha experienciado, visto ou ouvido. Muitas vezes, a violência cria traumas e os traumas não processados levam frequentemente a mais violência. O trauma pode afetar os pensamentos, as emoções, bem como o comportamento das pessoas. O trauma tem impacto na capacidade de se envolver construtivamente na transformação de conflitos e na consolidação da paz. Será dada uma introdução para lidar com o stress e o trauma na Unidade 3. Para mais leituras, consultar Introdução à Consciência do Trauma e Resiliência³ e nos recursos do programa Estratégias para a Consciência do Trauma e Resiliência (STAR) da CRS.

² Eastern Mennonite University, 2016. Village STAR, Breaking Cycles of Violence: Construir indivíduos e comunidades saudáveis, Estratégias de Sensibilização e Resiliência para o Trauma (STAR) www.emu.edu/star

³ CRS, 2018. Introdução à Consciência do Trauma e Resiliência, Edição revista, CRS Sudão do Sul. <https://www.crs.org/our-work-overseas/research-publications/introduction-trauma-awareness-and-resilience>



MENSAGENS-CHAVE

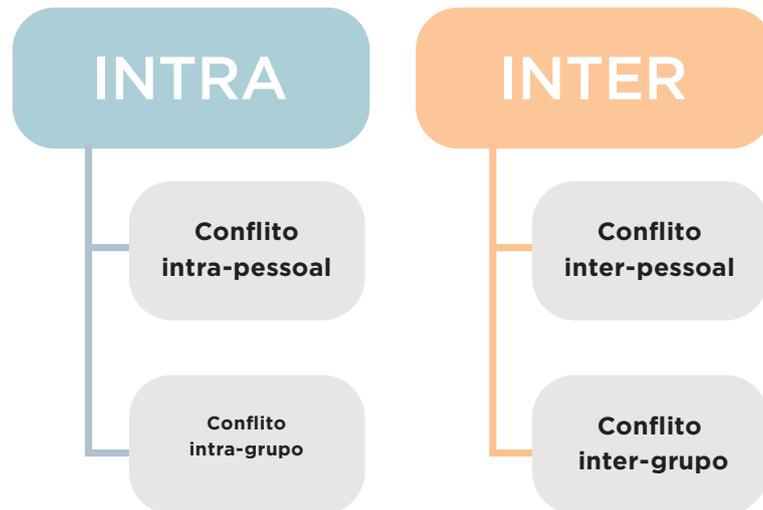
- O conflito é natural, normal e neutro. O conflito pode ter resultados construtivos ou destrutivos.
- Quando o conflito não é gerido atempadamente e de forma apropriada, pode escalar para a violência.
- O conflito latente pode ser destrutivo e é uma das principais preocupações dos agentes da paz.
- Prevenir a escalada do conflito para a violência e reduzir a violência quando esta ocorre são algumas das outras preocupações fundamentais dos agentes da paz.



RECURSOS E MATERIAL DE APOIO

UNIDADE 2 / ANEXO 1

Tipos de conflito



Intrapersonal: Es el conflicto dentro de una persona. Este aspecto implica desacuerdos internos en cuanto a pensamientos, ideas, emociones, valores y predisposiciones. Asimismo, disputas interiores que pueden resultar angustiantes y, si son muy intensas, pueden ocasionar problemas psicosociales e inestabilidades mentales. Por ejemplo, un joven evangélico puede atravesar por un conflicto interno si decide consumir alcohol (debido a la presión grupal) en contra de sus valores religiosos.

Intragrupal: Conflicto al interior de un grupo. Algunos ejemplos de esto pueden ser las pugnas dentro de un partido político por el liderazgo, o el desacuerdo de un grupo religioso por la interpretación de su libro sagrado.

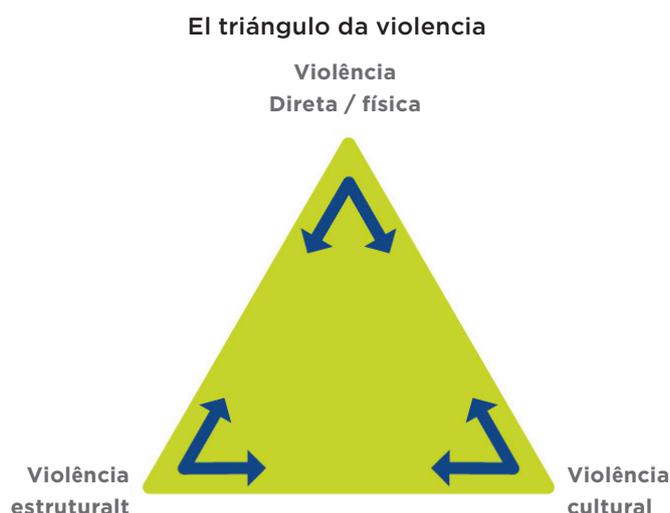
Interpersonal: Conflicto que ocurre entre dos o más personas. Puede tratarse de problemas en una pareja por la administración de los recursos familiares o diferencias entre subalternos y superiores.

Intergrupal: Son los desacuerdos que se dan entre dos o más grupos. Podría tratarse del enfrentamiento entre agricultores y ganaderos por el uso de la tierra, o la lucha entre dos partidos políticos por el reparto del poder.

UNIDADE 2 / ANEXO 2

Diferentes formas de violência

Existem diferentes formas de violência e é importante compreendê-las. Estas podem ser ilustradas e explicadas usando o triângulo da violência de Galtung.⁴



Violência Direta / Física: Também referida como violência comportamental, é a ameaça ou o dano visíveis e físicos que assumem a forma de força física ou ataques verbais. Exemplos incluem homicídio, violação, agressão, abuso verbal, etc.

Violência Estrutural: É um dano que um grupo de pessoas experiencia devido aos constrangimentos que a sociedade lhes impõe—que as impedem de se aperceberem da qualidade de vida que teria sido possível sem estas limitações. Sustentadas por instituições e estruturas com autoridade, estas limitações podem ser socioculturais, políticas, legais, religiosas ou económicas. Exemplos incluem a discriminação, exploração e injustiça sofridas por um grupo ou classe de pessoas que as impedem de aceder à educação ou de satisfazer as suas necessidades básicas.

Violência cultural: São atitudes e crenças prevaletentes na cultura que fazem com que a violência direta e estrutural pareça correta ou aceitável na sociedade. De interesse são alguns elementos da cultura que justificam e legitimam a violência. Exemplos incluem aspetos em algumas culturas que sancionam a violência doméstica contra as mulheres, a disciplina das crianças utilizando métodos nocivos (por exemplo, fustigação) ou o ódio ou a discriminação de outro grupo de identidade.

As três formas de violência estão interligadas, como indicado pelas setas no triângulo. A violência direta cresce a partir de condições criadas pela violência cultural e estrutural. Ao mesmo tempo, a violência direta reforça a violência cultural e estrutural. É um círculo vicioso.

⁴ Galtung, Johan, 1969. 'Violence, Peace and Peace Research', Journal of Peace Research, vol. 6, n.º 3, pp. 167-191.

UNIDADE 2(B): FASES DO CONFLITO—ANALOGIA “O CONFLITO COMO FOGO”

BREVE INTRODUÇÃO

A Unidade 2(b) permite a compreensão das fases do conflito. Baseia-se na unidade anterior (Unidade 2(a)) para aprofundar a percepção do conflito.

VER O CONFLITO COMO FOGO⁵

Os conflitos são dinâmicos. Continuam a mudar dependendo de como os intervenientes, as causas e o perfil interagem dentro de um contexto específico. Por vezes, é silencioso. Outras vezes, as tensões são altas. Noutra fase, está quente e há lutas visíveis, e assim por diante. Aumenta e diminui. Para facilitar uma melhor compreensão das fases de conflito, estas unidades utilizam a analogia do conflito como fogo.

Refletir sobre o processo de acender uma fogueira numa instalação tradicional (recolher lenha, erva seca, querosene e outros materiais necessários para acender uma fogueira, utilizar um pau de fósforo / isqueiro para a acender, etc.). Considerar como o fogo cresce de uma pequena chama para uma fogueira e como diminui e se extingue. Isto é como as fases por que passa um conflito.



⁵ Esta unidade surge de Neufeldt, R, Fast, L., Robert Schreiter, Fr R., Starken, Fr. B., MacLaren, D., Cilliers, J., & Lederach, J.P. (2002). Consolidação da paz: Um Manual de Formação da Caritas. Cidade do Vaticano: Caritas Internationalis. Páginas 56-57, 66, 73, 83-90 e 97.

Fase 1: Recolha de materiais para o fogo—conflito potencial

Fase 2: Ignorar o fogo—confrontação

Fase 3: Fogueira—crise

Fase 4: Carvão—desescalada, mas potencial para mais conflitos

Fase 5: Apagar o fogo—regeneração

É importante compreender a que fase do conflito se está a referir porque cada fase apresenta oportunidades para determinados conjuntos de intervenções de consolidação da paz.

As fases poderiam também ser discutidas em relação ao conteúdo da Unidade 2 (a) sobre a Definição de Conflito e da Unidade 2 / Apêndice 2 sobre diferentes formas de violência. Por exemplo:

- Na Fase 1, o conflito está latente. Pode haver violência estrutural (por exemplo, discriminação, exploração, injustiças) e/ou violência cultural (aspectos da cultura que justificam e legitimam a violência), mas sem violência direta/física (violência visível, força física e/ou ataques verbais).
- Nas Fases 2 e 3, enquanto o que é visível e pré-ocupa a mente é a violência direta / física, esta é sustentada pela existência de violência estrutural e/ou cultural.



ATIVIDADE—DETERMINAR A FASE DOS CONFLITOS NOS NOSSOS CONTEXTOS

Considerar un conflicto específico y la etapa en la que se encuentra

- Reflexione sobre sus países/contextos y el/los conflicto/s que se están viviendo actualmente. También puede considerar cualquiera de los conflictos actuales que conozca.
- Determine la fase en la que se encuentra el conflicto o los conflictos en su país o contexto, basándose en las fases destacadas durante la presentación de la analogía del «conflicto como un fuego». ¿En qué fase se encuentra este conflicto?
- Razona o justifica tu elección.

CRS faith. action. results.





MENSAGENS-CHAVE

- É importante compreender a fase do conflito que se está a tentar resolver.
- Isto porque cada etapa apresenta oportunidades para determinados conjuntos de intervenções de consolidação da paz.



RECURSOS E MATERIAL DE APOIO

UNIDADE 2 / MATERIAL DE APOIO 1

Ver o conflito como fogo⁶

Fase 1: Recolha de Materiais para o Fogo—Nesta fase, ainda não há fogo. É equivalente a um potencial de conflito.

Fase 2: Ignorar o fogo—Nesta fase, o fogo foi ateado. É equivalente a um evento de gatilho que desencadeia o confronto.

Fase 3: Fogueira—Nesta fase, a fogueira está a queimar com muita energia, consumindo a madeira que a está a alimentar. Esta fase é equivalente a uma crise de conflito.

Fase 4: Brasas—Nesta fase, o fogo está a diminuir, tendo queimado a maior parte da floresta, deixando algumas brasas quentes. Isto é equivalente a uma fase em que o conflito continua a desescalar ou, se houver outro gatilho e se acrescentar mais combustível, há potencial para mais conflitos.

Fase 5: Apagar o fogo—Nesta fase, o fogo está completamente apagado e não há faíscas nas brasas. Isto é equivalente a uma fase em que o foco já não é colocado no fogo, mas sim na reconstrução e regeneração.

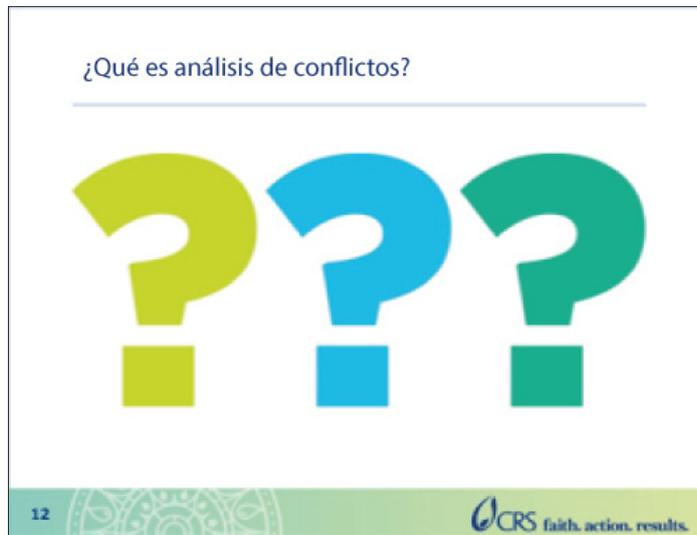
⁶ Esta unidade surge de Neufeldt, R., Fast, L., Robert Schreiter, Fr R., Starcken, Fr. B., MacLaren, D., Cilliers, J., & Lederach, J.P. (2002). Consolidação da paz: Um Manual de Formação da Caritas. Cidade do Vaticano: Caritas Internationalis. Páginas 56-57, 66, 73, 83-90 e 97.

UNIDADE 2(C): INTRODUÇÃO À ANÁLISE DE CONFLITOS, OS SEUS ELEMENTOS E AS SUAS FERRAMENTAS PRINCIPAIS

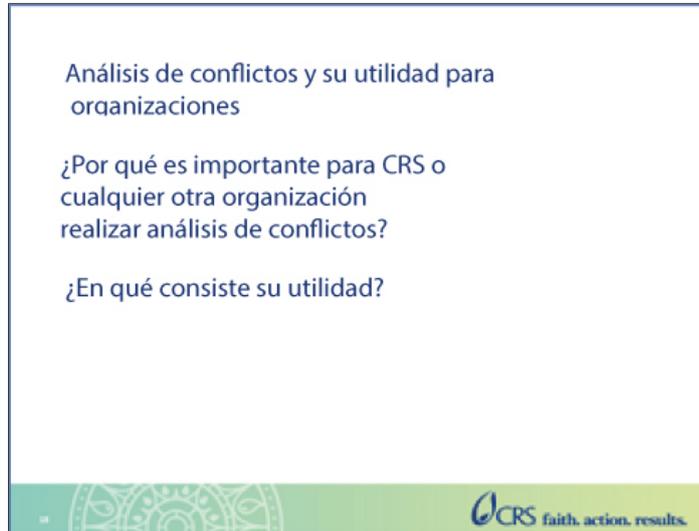
BREVE INTRODUÇÃO

Para evitarmos eficazmente que o conflito seja violento e destrutivo, temos de fazer um esforço intencional para o compreender. O processo de compreensão do conflito é conhecido como análise de conflitos ou, por vezes, avaliação de conflitos. Começaremos por compreender o termo “análise de conflitos”.

O QUE É A ANÁLISE DE CONFLITOS?



COMO É QUE A ANÁLISE DE CONFLITOS É ÚTIL PARA AS ORGANIZAÇÕES??



ANÁLISE DE CONFLITOS E A SUA UTILIDADE

A análise de conflitos é:

- Um processo para organizar conceptualmente os intervenientes e fatores que causam e levam a conflitos. Examinar os intervenientes, as causas, o perfil e a dinâmica do conflito.⁷
- Um processo sistemático para dar sentido ao que se está a passar numa situação de conflito.
- Um inquérito estruturado sobre as causas e a potencial trajetória de um conflito que tenta identificar oportunidades de gestão ou resolução de disputas.⁸

7 Africa Peace Forum et al., 2004. Análise de Conflitos, Abordagens Conflituosas para o Desenvolvimento, Ajuda Humanitária e Consolidação da Paz: Pacote de Recursos, Capítulo 2. Disponível em <http://local.conflictsensitivity.org/wp-content/uploads/2015/05/Conflict-Sensitive-Approaches-to-Development-Humanitarian-Assistance-and-Peacebuilding-Resource-Pack.pdf>

8 Catholic Relief Services, 2017. Consolidação da Paz, Governação, Género, Proteção e Avaliações de Jovens: Um Guia Básico para Profissionais Ocupados, Terceira Edição—Abril 2017. Disponível em https://www.crs.org/sites/default/files/tools-research/pggpy_third_edition_final_web.pdf

A análise de conflitos é utilizada para informar as decisões estratégicas e de programação para determinar como responder / intervir eficazmente.

■ É particularmente importante para:

1. *Consolidação eficaz da paz.* Uma melhor compreensão do conflito permite a tomada de decisões de programação com potencial para maximizar o impacto de programas destinados a abordar diretamente o conflito—reduzindo os principais fatores de conflito violento e consolidando relações pacíficas. Haverá mais sobre isto na Unidade 3.
2. *Programação sensível ao conflito eficaz.* Uma melhor compreensão do conflito facilita a tomada de decisões de programação com potencial para minimizar os impactos negativos e maximizar os impactos positivos de qualquer intervenção (em diferentes setores) sobre a paz e a dinâmica do conflito. A Unidade 4 tem uma subunidade que introduzirá a sensibilidade ao conflito.

PRINCIPAIS ELEMENTOS DA ANÁLISE DE CONFLITOS

Ao realizar uma análise de conflito, é importante examinar o **perfil**, as **causas**, os **intervenientes** e a **dinâmica**.⁹ Estes são os elementos básicos, amplamente acordados no campo da análise de conflitos.

- **Perfil:** Uma breve caracterização do contexto (contexto político, económico, sociocultural, incluindo questões existentes e emergentes, áreas afetadas e história).
- **Causas:** Causas estruturais¹⁰ e próximas¹¹ / causas imediatas bem como eventos de gatilho¹²
- **Intervenientes:** Todas as pessoas envolvidas ou afetadas pelo conflito (grupos, instituições, indivíduos), incluindo os seus interesses, objetivos, capacidades e relações.
- **Dinâmica:** As interações resultantes entre o perfil do conflito, os intervenientes e as causas, incluindo cenários futuros projetados.

Para a CRS, estes elementos-chave são representados pelo Perfil, Problema (causas), Pessoas (intervenientes) e Processo (dinâmica), vulgarmente conhecidos como o quadro analítico dos 4P e será explicado na secção abaixo.

QUEM DEVE ESTAR ENVOLVIDO?

Existe, por vezes, a tentação de conduzir uma análise de conflitos sozinho ou com um pequeno grupo de colegas de trabalho. É preferencialmente um processo participativo—onde os dados / informações são recolhidos de grupos cuidadosamente selecionados, incluindo os diretamente envolvidos e afetados pelo conflito. A triangulação de perspetivas, pontos de vista variados e representativos—including os de rapazes e raparigas, homens e mulheres, jovens e idosos—é importante para se conseguir uma análise mais diferenciada. Por exemplo, a inclusão de rapazes e raparigas e de homens e mulheres no processo de análise de conflitos

9 Africa Peace Forum et al., 2004. Análise de Conflitos, Abordagens Conflituosas para o Desenvolvimento, Ajuda Humanitária e Consolidação da Paz: Pacote de Recursos, Capítulo 2. Disponível em <http://local.conflictsensitivity.org/wp-content/uploads/2015/05/Conflict-Sensitive-Approaches-to-Development-Humanitarian-Assistance-and-Peacebuilding-Resource-Pack.pdf>

10 Fatores perversivos que se incorporaram nas políticas, nas estruturas, nos sistemas e no tecido da sociedade e que podem criar as pré-condições para um conflito violento.

11 Fatores que contribuem para um clima conducente a um conflito violento ou para a sua escalada, por vezes, sintomático de um problema mais profundo.

12 Principais atos únicos, acontecimentos ou a sua antecipação que irão desencadear ou agravar conflitos violentos.

facilitará uma melhor integração das perspetivas de género. Permitirá uma melhor compreensão de:

- Como as mulheres, os homens, os rapazes e as raparigas vivem ou experienciam o conflito de forma diferente;
- Os diferentes papéis desempenhados por mulheres, homens, rapazes e raparigas no conflito;
- Como as normas de género—conjuntos de expectativas sociais e culturais sobre como mulheres, homens, rapazes e raparigas se devem comportar—nesse contexto, influenciam a dinâmica dos conflitos e vice-versa;
- Como as normas de género nesse contexto influenciam os papéis desempenhados por mulheres, homens, rapazes e raparigas na consolidação da paz; etc.

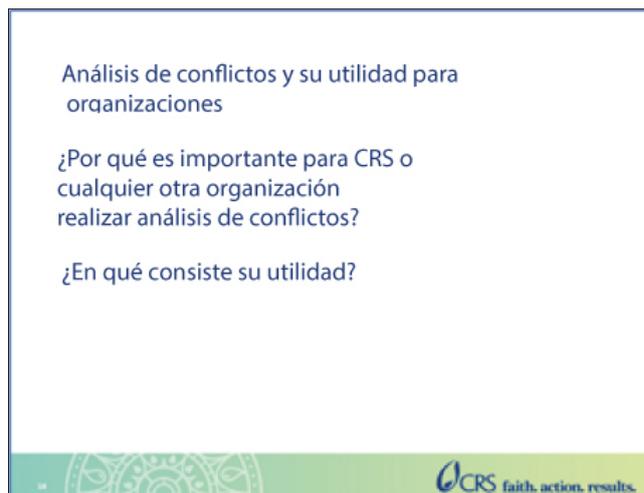
Esse processo participativo deve ser realizado com cuidado, dando voz àqueles que não têm voz e têm menos poder e, ao mesmo tempo, evitando inflamar tensões.

Ter em mente os riscos prováveis associados a exercícios de análise mal planeados, especialmente em contextos de conflito violento em curso, situações de emergência e em ambientes restritivos.

- Em alguns casos, discussões fechadas com parceiros e partes interessadas diversos, mas cuidadosamente selecionados, apresentam riscos menores para os participantes e para a organização.
- Noutros casos, pode-se acrescentar algumas perguntas de análise de conflitos noutros instrumentos de avaliação do setor, para que não pareça que se vai às comunidades perguntar sobre os conflitos existentes.

QUADRO ANALÍTICO E FERRAMENTAS BÁSICAS PARA A ANÁLISE DE CONFLITOS

Embora exista uma vasta gama de ferramentas para a análise de conflitos, esta sessão concentra-se nas selecionadas para utilização pelos CRS.



O quadro analítico principal é o **Perfil, Problema, Pessoas e Processo**^{13 14} comumente conhecido como os 4P. É acompanhado pelos seguintes instrumentos básicos:

1. Ferramenta de Análise do Perfil de Conflito—analisa o Perfil
2. Ferramenta de Análise de Árvore do Conflito—analisa o Problema
3. Ferramenta de Mapeamento de Intervenientes / Relações—analisa as Pessoas
4. Ferramenta de Análise de Campo de Forças—analisa o Processo

Herramienta de análisis de (4 P) perfil, problema, personas y proceso

- Tiene preguntas orientadoras que deben modificarse para su uso.
- Se acompaña por herramientas básicas de análisis.
- Perfil del conflicto, árbol de conflicto, mapeo de actores y análisis del campo de fuerza - puede utilizarse para lograr un nivel de participación más profundo en los grupos de discusión.
- Se recopilan información/datos a través del análisis de literatura y fuentes secundarias, grupos de discusión y entrevistas con informantes clave.
- Se selecciona cuidadosamente a las personas entrevistadas para los grupos de discusión e informantes clave.

Este quadro analítico tem questões orientadoras sobre o perfil, o problema, as pessoas e o processo para permitir a análise de um conflito. Estas são apenas perguntas orientadoras e poderiam ser modificadas para utilização na avaliação/ análise de conflitos em contextos de operação. Com base nas perguntas orientadoras do quadro analítico, os quatro instrumentos básicos que acompanham o processo permitem um processo de análise participativa mais profundo, como será explicado abaixo. A informação/dados são recolhidos através de discussões de grupos focais e entrevistas a informadores-chave com inquiridos cuidadosamente selecionados, tal como explicado anteriormente.

¹³ A última ferramenta dos 3P é adaptada de Consolidação da Paz: Um Manual de Formação da Caritas, Caritas Internationalis, 2002. Isto foi informado por um instrumento de análise utilizado por John Paul Lederach no Manual de Formação de Mediação e Facilitação: Fundações e Aptidões para a Transformação Construtiva do Conflito, Mennonite Conciliation Services, Akron, PA, 1995.

¹⁴ O conteúdo desta secção é também informado pelos Catholic Relief Services, 2016. Curso de Integração para a Consolidação da Paz, Formação de Cinco Dias. Disponível em <https://www.crs.org/our-work-overseas/research-publications/peacebuilding-integration-course>

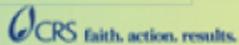


FERRAMENTA 1: A FERRAMENTA DE PERFIL DO CONFLITO—AJUDA NA ANÁLISE DA PARTE “PERFIL” DOS 4P.

Perfil

- ¿Cuáles son los problemas relacionados al conflicto (no solo violencia) que enfrentan las personas?
- ¿Dónde están las zonas propensas/afectadas por el conflicto en el contexto más amplio?
- ¿Existe un historial de conflictos previos?

Categoría contextual	Problemas relacionados al conflicto
P – político	
E – económico	
S – sociocultural	
T – tecnológico	
E – ambiental	
L – legal y político	
Otros, por ejemplo, histórico, geográfico, etc.	
Identifica las consideraciones de género a través del PESTEL y otras categorías.	

20 



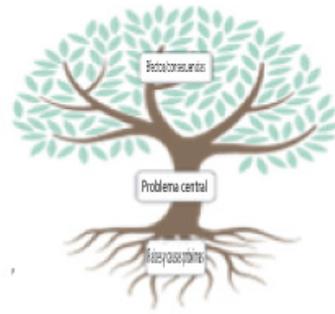
FERRAMENTA 2: FERRAMENTA DE ANÁLISE DA ÁRVORE DE CONFLITO—AJUDA NA ANÁLISE DA PARTE “PROBLEMA” DOS 4P.

El problema (¿Qué?)

¿Cuál es el problema central?

¿Cuáles son sus raíces y causas próximas?
(Un análisis profundo de las causas / lo que oculta el conflicto) plantearse ¿por qué?

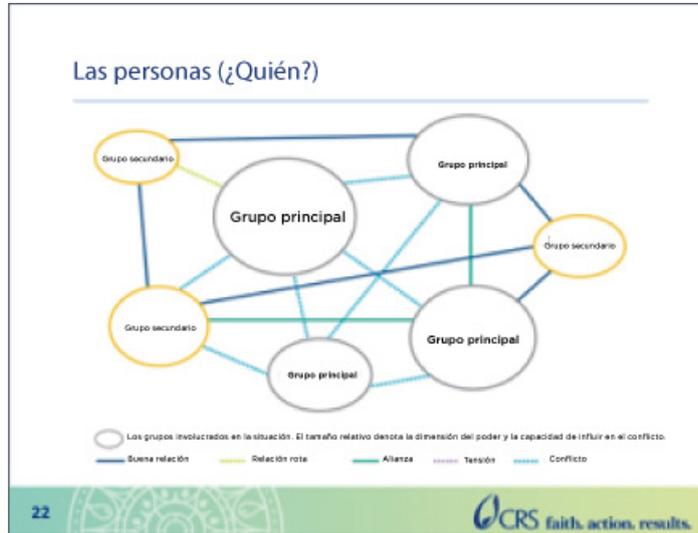
¿Cuáles son los efectos?
(Expresiones de conflicto, consecuencias)



21 



FERRAMENTA 3: A FERRAMENTA DE MAPEAMENTO DOS INTERVENIENTES/RELAÇÕES—AJUDA NA ANÁLISE DA PARTE “PESSOAS” DOS 4P.





FERRAMENTA 4: A FERRAMENTA DE ANÁLISE DO CAMPO DE FORÇAS—AJUDA NA ANÁLISE DA PARTE “PROCESSO” DOS 4P.



Para uma orientação detalhada passo a passo, ver Unidade 2 / Material de apoio 2, 3, 4, 5 e 6 neste manual.



MENSAGENS-CHAVE

- Ao considerar os quatro elementos de análise de conflito acima mencionados, não se esqueça de identificar também os aspetos da “paz”. Por exemplo, identificar quaisquer processos de paz existentes (passados e atuais), intervenientes que trabalham para promover a paz e a estabilidade, oportunidades para a consolidação da paz, etc.
- A análise do conflito deve ser intencional na identificação de potenciais soluções.
- A triangulação de perspetivas, incluindo as opiniões das pessoas diretamente envolvidas e afetadas pelo conflito, é vital. Importante também é analisar a dinâmica do género no conflito. Analisar a forma como homens e mulheres, bem como rapazes e raparigas, vivem o conflito dentro dos quatro elementos acima referidos, incluindo os papéis que desempenham no conflito e na consolidação da paz, como as normas de género afetam e são afetadas pelo conflito, as necessidades especiais, aspirações e motivações da juventude, etc.
- Estes instrumentos básicos produzem uma análise mais matizada se forem utilizados como instrumentos de análise participativa. Utilizá-los com grupos cuidadosamente selecionados.
- De notar que a produção dos diagramas não é o derradeiro objetivo. O processo de elaboração de um diagrama facilita as discussões que devem ser captadas e utilizadas para enriquecer a análise.



RECURSOS E MATERIAL DE APOIO

UNIDADE 2 / MATERIAL DE APOIO 2

O Perfil, Problema, Pessoas e Processo (4P)¹⁵ Quadro Analítico

Este quadro analítico apresenta diferentes questões sobre o perfil, o problema, as pessoas e o processo para permitir a análise de um conflito. Pode ser utilizado para recolher informações através de discussões de grupos focais e entrevistas a informadores-chave, utilizando quatro ferramentas de acompanhamento—a ferramenta de análise do perfil de conflito para analisar o perfil (Unidade 2 / Material de apoio 3), a ferramenta de análise da árvore de conflito para analisar o problema (Unidade 2 / Material de apoio 4); a ferramenta de mapeamento de intervenientes/ relações para analisar as pessoas (Unidade 2 / Material de apoio 5); e a ferramenta de análise do campo de forças para analisar o processo (Unidade 2 / Material de apoio 6).

Perfil: Refere-se ao contexto amplo em que se situa o conflito. Isto é importante para compreender porque o conflito que está a analisar é moldado pelo contexto que o rodeia. De interesse são questões-chave socioculturais, económicas, políticas, ambientais, geográficas, históricas e outras que estão associadas a conflitos e instabilidade, incluindo quadros jurídicos e políticos. A análise deve-se concentrar na forma como estas questões levam ou podem levar a conflitos, bem como na forma como estão relacionadas com tensões crescentes ou conflitos violentos.

As perguntas-chave a considerar incluem: Quais são as principais questões relacionadas com o conflito (e não apenas a violência) que as pessoas enfrentam? Que normas de género para homens, rapazes, mulheres e raparigas, neste contexto, alimentam conflitos (ou facilitam a paz)? Onde estão as zonas propensas ao/afetadas pelo conflito num contexto mais amplo? Existe uma história de conflito em curso ou anterior?

Problema: Estas são as questões específicas sobre as quais as pessoas estão em desacordo ou discutem. Nesta análise, é essencial examinar o que está a causar o(s) conflito(s)—considerando as causas estruturais de raiz, as causas imediatas e os eventos gatilho. Igualmente importante é compreender como o conflito se está a manifestar e a afetar as pessoas.

As perguntas-chave a considerar incluem: Quais são as questões no conflito? Porque é que as pessoas estão em conflito? Quais são as causas estruturais ou de raiz do conflito? O que pode ser considerado condutor ou causa imediata do conflito? Que eventos gatilho contribuíram para uma escalada do conflito ou um surto de violência? Quais têm sido os efeitos e as consequências do conflito? Como são os homens, as mulheres, as raparigas e os rapazes afetados de forma diferente pelo conflito? Que processos ou estruturas para a resolução pacífica de conflitos existem? Que oportunidades de consolidação da paz existem nesta situação de conflito?

Pessoas: O interesse aqui é identificar os principais grupos, instituições e indivíduos envolvidos ou afetados pelo conflito. A análise deve incluir uma compreensão de quem são, incluindo a identificação dos seus interesses e objetivos, as suas

¹⁵ A última ferramenta 3P é adaptada de Consolidação da Paz: Um Manual de Formação da Caritas, Caritas Internationalis, 2002. Ver também o Curso de Integração para a Consolidação da Paz da CRS, Formação de Cinco Dias, 2016.

capacidades de conflito e paz, a sua percepção do problema, bem como as relações entre eles.

As perguntas-chave a considerar incluem: Quem são os principais intervenientes (primários) do conflito? Quem são as partes secundárias? Quais são os interesses e objetivos destes intervenientes? Como é que se envolvem no conflito, incluindo os seus níveis de influência e poder? Quais são as suas capacidades para conflitos violentos? Quais são as suas capacidades para a paz? Como diferem as percepções do conflito entre os grupos? Qual é a relação entre eles? Quais são os papéis e interesses de homens, mulheres, raparigas e rapazes? Como é que homens, mulheres, raparigas e rapazes estão envolvidos em atividades de conflito e/ou de paz?

Processo: Analisar a dinâmica resultante das interações entre os diferentes intervenientes / partes, as causas e o perfil do conflito. Identificar se houve escaladas ou desescaladas nos conflitos e instabilidade e que mudanças acontecem no contexto para desencadear estas tendências.

Algumas perguntas a considerar incluem: Como se desenrola o conflito? Quais têm sido as tendências recentes e atuais dos conflitos (escalada, estabilidade, desescalada, ciclos)? Como é que as normas de género e de geração estão a mudar? Quais são as possíveis janelas de oportunidade para abordar ou responder ao conflito? Que capacidades de paz ou de atenuação do conflito podem ser identificadas? Quais são os melhores, piores ou mais prováveis cenários para o futuro do conflito e de que dependem?



UNIDADE 2 / MATERIAL DE APOIO 3



FERRAMENTA 1: FERRAMENTA DE ANÁLISE DO PERFIL DE CONFLITO—ANÁLISE O PERFIL

O que é?

Uma tabela que facilita a recolha de informação sobre o contexto geral em que se situa o conflito em análise.

A sua finalidade

Permitir ao(s) utilizador(es) uma visão geral do contexto do conflito—a parte “perfil” dos 4P. Também chama a atenção para questões importantes que precisam de ser investigadas mais a fundo ao analisar as partes do Problema, das Pessoas e do Processo dos 4P.

Como usar esta ferramenta

Passo 1: Definir as questões-chave que serão colocadas na construção de uma visão geral do contexto do conflito. As questões podem ainda ser moldadas e contextualizadas após uma revisão da literatura e de outras fontes secundárias relevantes. As questões poderiam ser abrangidas por estas amplas categorias dos PESTEL: quadros Políticos, Económicos, Socioculturais, Tecnológicos, Ambientais e Legais e de Políticas. Incluir outras categorias relevantes, tais como Históricas, Geográficas, etc., conforme necessário. As perguntas-chave a considerar poderão incluir: Qual é o contexto político, económico e sociocultural? Quais são as principais questões relacionadas com o conflito (e não apenas a violência) que as pessoas enfrentam? Que normas de género para homens, rapazes, mulheres e raparigas, neste contexto, alimentam conflitos (ou facilitam a paz)? Onde estão as zonas propensas ao/afetadas pelo conflito num contexto mais amplo? Existe uma história de conflito em curso ou anterior?

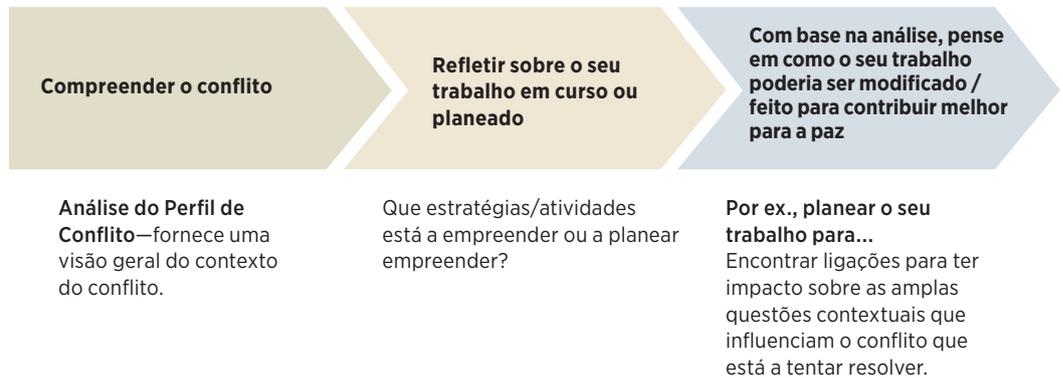
Passo 2: Preencha a tabela com base nas respostas às perguntas definidas. A ênfase é novamente colocada num processo participativo. Ter em atenção que todas as categorias acima poderão não ser preenchidas com informação. Depende do contexto do conflito. As categorias destinam-se a abrir a mente dos participantes para refletir amplamente—considerando diferentes fatores—sobre os contextos de conflito.

Amostra de análise de perfil: Perfil do Conflito na Região de Tembo do País X

CATEGORIA DE CONTEXTO	QUESTÕES RELACIONADAS COM CONFLITOS IDENTIFICADAS
Políticas	Os sucessivos governos não têm tido políticas de apoio ao desenvolvimento da região. As estruturas de governação local são fracas, corruptas e raramente consultam a população sobre assuntos que a afetam. De entre as recentes, as organizações locais da sociedade civil mobilizaram-se e têm esforços no sentido de influenciar a governação na região.
Económicas	A região teve uma marginalização histórica, de um governo para outro, e as pessoas são as mais pobres do país. A maioria dos jovens não possui aptidões e está desempregada. Os minerais são explorados por empresas internacionais em colaboração com empresários ricos da região Y.
Socioculturais	A região de Tembo é habitada por dois grupos étnicos—os Zei e os Yab, com uma longa história de tensões entre eles, caracterizada por violência esporádica. Os Yab são a maioria com 60 por cento da população. São todos cristãos, mas existem diferentes denominações cristãs. A população da região é, em grande parte, jovem, sendo a maioria com menos de 40 anos. Tanto os Zei como os Yab têm sistemas patriarcais fortes e as mulheres têm uma participação muito limitada em assuntos que os afetam.
Geográfica	O conflito afeta atualmente toda a região, mas as zonas de conflito encontram-se ao longo da fronteira com a região Y do país devido a uma linha fronteiriça disputada que atravessa uma área rica em recursos minerais.

Utilizar a análise para informar o seu trabalho

Refletir sobre a informação gerada no perfil de conflito. Pensar no trabalho que já se está a fazer (ou a planear fazer) e como pode influenciar (melhor) ou moldar as questões emergentes para reduzir o conflito e promover a paz. Ver figura abaixo.



UNIDADE 2 / MATERIAL DE APOIO 4


**FERRAMENTA 2: FERRAMENTA DE ANÁLISE DA ÁRVORE DE CONFLITO—
ANALISA O PROBLEMA**
O que é?

Uma ferramenta gráfica, utilizando a imagem de uma árvore, para classificar as questões-chave do conflito, as suas causas e os seus efeitos ou as suas consequências.

A sua finalidade

Estimular discussões e ajudar uma equipa/grupo/comunidade a compreender as causas e os efeitos de raiz de uma questão de conflito e utilizar a análise para moldar a sua intervenção.

Ajuda na análise da parte «problema» dos 4P. Isto é melhor utilizado com grupos, coletivamente, do que como um exercício individual. Se estiver familiarizado com a «árvore dos problemas» do desenvolvimento e do trabalho comunitário, reconhecerá que aqui foi adaptada para ser utilizada na análise de conflitos.

Como usar esta ferramenta

Fazer um desenho de uma árvore, incluindo raízes, tronco e ramos, numa folha de papel grande, num quadro de giz, num flipchart, na lateral de um edifício, no chão, etc.

Passo 1: Colar folhas de papel para flipchart umas às outras para fazer uma folha grande. Desenhar um tronco de árvore na folha de papel grande para flipchart. Explicar que o tronco representa o problema ou a situação a investigar. Neste caso, o problema é a questão do conflito. Certificar-se de que o grupo está bem ciente quanto à questão do conflito específica a analisar. A questão-chave aqui é: qual é o problema central? Por exemplo, poderia ser uma guerra civil, tensões entre comunidades, violência de rua, violência doméstica, greve escolar, disputas de terras, etc. Escrever isto no tronco da árvore como sendo a questão central.

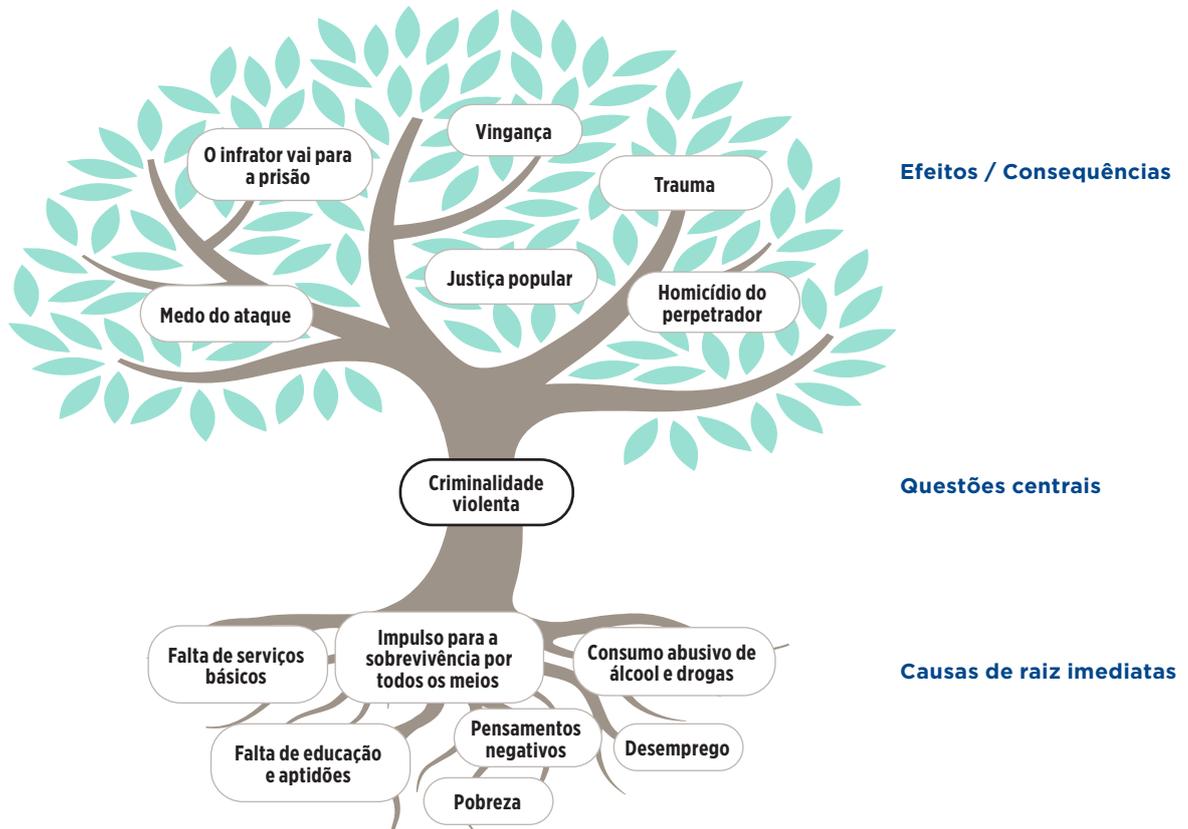
Passo 2: Acrescentar as raízes e explicar que estas representam as causas da questão do conflito. Colocar o grupo a discutir as causas dessa questão do conflito específica. A questão-chave aqui é: quais são as causas de raiz? À medida que surge uma causa, escreve-se nas raízes. O grupo poderá receber pedaços de papel colorido (metade ou um quarto de papel A4) para escrever cada causa. Os papéis poderão, depois, ser afixados nas raízes à medida que a discussão prossegue. Isto torna o exercício entusiasmante.

Passo 3: Desenhar os ramos e explicar que estas representam os efeitos da questão do conflito. Mais uma vez, colocar o grupo a discutir os efeitos dessa questão do conflito específica. A questão-chave a explorar é: quais são os efeitos devido a esta questão de conflito? Expandir isto para explorar a forma como homens, mulheres, rapazes e raparigas são afetados pelo conflito, bem como a forma como os jovens e os idosos são afetados. À medida que surge um efeito, escreve-se nos ramos. O grupo poderá receber pedaços de papel colorido (metade ou um quarto de papel A4) para escrever cada efeito. Os papéis poderão, depois, ser afixados nos ramos à medida que a discussão prossegue.

Passo 4: Concluindo, enfatizando que tal como a árvore é apoiada e sustentada pelas suas raízes, um conflito é sustentado pela(s) causa(s) de raiz. Enquanto o tronco, os ramos e as folhas de uma árvore podem estar facilmente visíveis, as raízes estão escondidas no subsolo. Do mesmo modo, as manifestações do conflito (os seus efeitos) podem ser facilmente reconhecidas enquanto as verdadeiras causas são, por vezes, difíceis de identificar. E, tal como uma planta que cresce de novo se não for arrancada pelas raízes, para que o conflito fique resolvido, as raízes do conflito devem ser «arrancadas do chão».

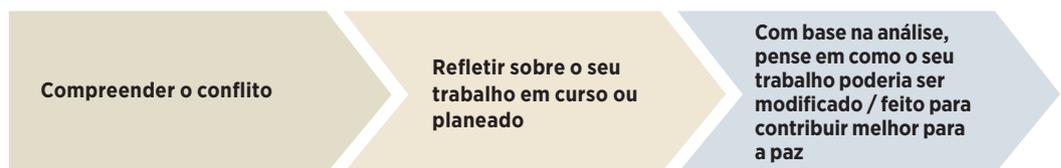
Passo 5: Utilizar as ideias e perspectivas da análise e discussões para conceber uma intervenção ou integrar as ideias num projeto existente. O grupo é orientado pela pergunta: qual é(são) a(s) questão(ões) mais importante(s) para o nosso grupo/ organização abordar e como? O grupo estabelece objetivos, discute possíveis atividades e cria um plano de ação para os ajudar a atingir o objetivo estabelecido.

Amostra de análise da árvore de conflito: Causas e efeitos da criminalidade violenta na comunidade urbana pobre Y



Utilizar a análise para informar o seu trabalho

Refletir sobre a análise considerando a(s) questão(s) central(ais), as suas causas e os efeitos de raiz. Pensar no trabalho que já se está a fazer (ou a planear fazer) e como pode influenciar (melhor) ou moldar as questões emergentes para reduzir o conflito e promover a paz. Ver figura abaixo.



Análise da Árvore de Conflito—analisa a questão central do conflito, as suas causas e os seus efeitos.

Que estratégias/atividades está a empreender ou a planear empreender?

Por ex., planear o seu trabalho para...

- Abordar as causas de raiz e os fatores do conflito.
- Aliviar os efeitos / as consequências do conflito.

UNIDADE 2 / MATERIAL DE APOIO 5


FERRAMENTA 3: FERRAMENTA DE MAPEAMENTO DE INTERVENIENTES / RELAÇÕES¹⁶
—ANALISA AS PESSOAS
O que é?

É um mapa que fornece um resumo das relações num determinado momento, normalmente, o presente.

A sua finalidade

Identificar as partes-chave envolvidas (direta ou indiretamente) e mostrar as relações e as questões de poder entre elas. Ajuda na análise da parte «pessoas» dos 4P. Ajuda a identificar pontos de entrada para a ação ou para ajudar no processo de conceção de uma estratégia para abordar o conflito.

Como usar esta ferramenta

Passo 1: Decidir o que quer mapear e a partir de que ponto de vista. Pode ser útil mapear a mesma situação de vários pontos de vista, pois é assim que as partes a experienciam.

Passo 2: Começar por perguntar: quem são as partes principais (chave) neste conflito? Fazer um brainstorming e criar uma lista. Avaliar a lista e determinar quem são os 5-8 intervenientes principais. Caso contrário, será impossível de gerir. Categorizar os 5-8 intervenientes principais: Intervenientes (partes) primários—os diretamente envolvidos; e intervenientes secundários—os que apoiam / estão ligados e influenciam de alguma forma o conflito, incluindo intervenientes externos e grupos marginalizados.

Passo 3: Com base nestas listas, desenhar ou recortar círculos coloridos—cada círculo representa um grupo de intervenientes. O tamanho do círculo representa o poder relativo desse grupo. Escolher uma cor para os círculos que representam as partes primárias e uma cor diferente para representar as partes secundárias.

Passo 4: Representar as relações entre as partes usando símbolos como se mostra na chave abaixo (incluir uma chave no seu diagrama para explicar os símbolos). As questões-chave são: quais são as relações entre as partes? Como podem ser representadas no mapa (confrontos, relação quebrada, aliança, etc.)? Existem questões-chave entre as partes que devem constar no mapa? Utilizar quadrados para as partes. Onde se posicionam e a vossa organização em relação a estas partes? Têm alguma relação especial que possam oferecer vagas para trabalhar nesta ou sobre esta situação de conflito? Existem intervenientes que trabalham para a paz, que poderão não ter chegado ao topo da lista? Quem são e que oportunidades de colaboração existem? Aproveitar esta oportunidade para discutir as questões em «pessoas» no quadro analítico dos 4P.

Ao mapear, não esquecer de enfatizar a perspetiva de quem está a mapear. Mantenha as coisas simples. Não se sobrecarregar a si próprio ou aos outros com demasiada informação.

¹⁶ Esta ferramenta é adaptada de *Trabalhar com o Conflito: Aptidões e Estratégias para a Ação*, de Simon Fisher, Dekha Ibrahim Abdi, Jawed Ludin, Richard Smith, Steve Williams e Sue Williams, publicado pela Zed Books em associação com a *Responding to Conflict*, 2000.

Amostra do Mapa de Relação de Intervenientes: Criminalidade Violenta em Shantytown

LEGENDA



Partes envolvidas no conflito (partes primárias indicadas pela cor verde e partes secundárias pela cor azul). O tamanho relativo denota poder e capacidade para influenciar o conflito.

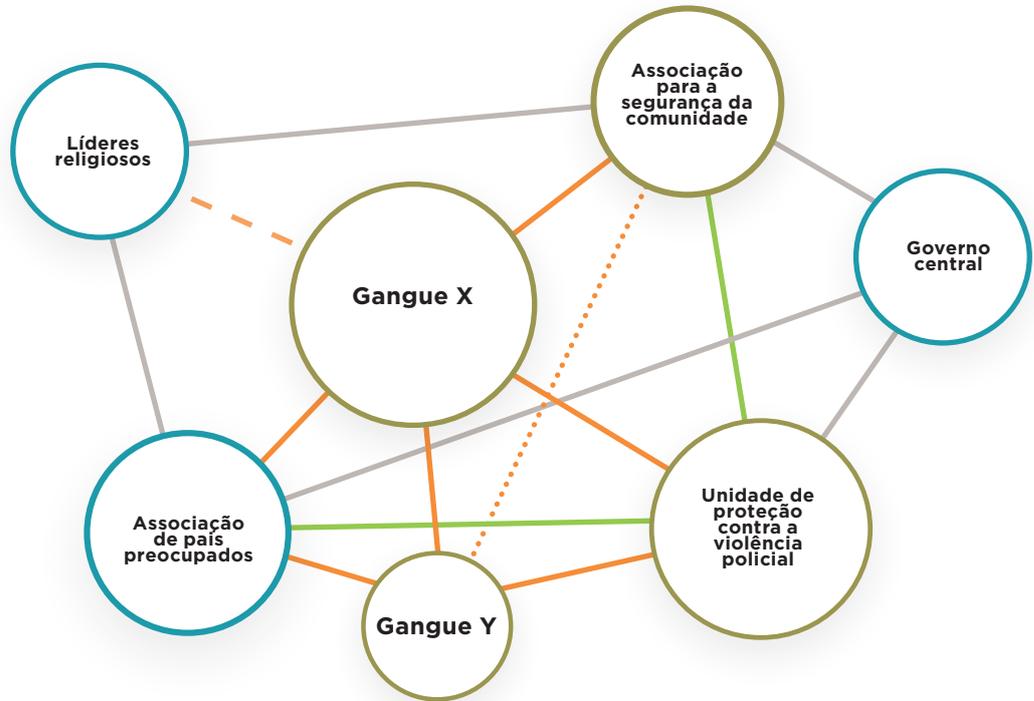
BOA RELAÇÃO

RELAÇÃO QUEBRADA

ALIANÇA

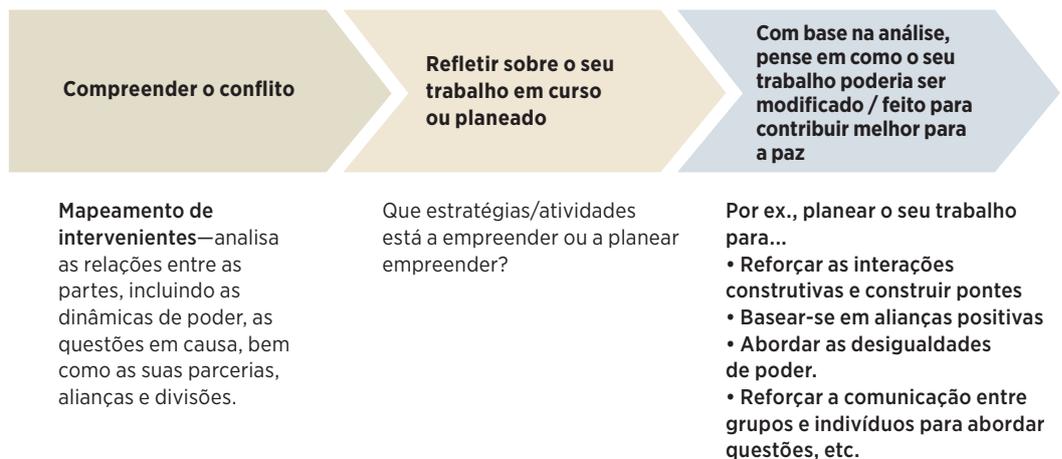
TENSÃO

CONFLITO



Utilizar a análise para informar o seu trabalho

Refletir sobre as dinâmicas de poder e as relações entre as partes em conflito no mapa. Lembre-se de trazer a perspetiva de género e de jovens para a questão da dinâmica do poder. Pensar no trabalho que já se está a fazer (ou a planear fazer) e como pode influenciar (melhor) ou moldar estas relações para reduzir o conflito e promover a paz. Ver figura abaixo.



UNIDADE 2 / MATERIAL DE APOIO 6


FERRAMENTA 4: FERRAMENTA DE ANÁLISE DO CAMPO DE FORÇA¹⁷ —ANALISA O PROCESSO
O que é?

Este instrumento trata de identificar as diferentes forças que influenciam o conflito— tanto as forças negativas como as positivas.

A sua finalidade

Identificar as forças que escalam ou continuam o conflito (forças negativas) e as que desescalam e transformam o conflito ou promovem a paz (forças positivas). A ferramenta também traz mais clareza sobre o que está a manter o status quo. Pode facilitar a avaliação dos pontos fortes de um processo de consolidação da paz que precisa de ser consolidado e dos pontos fracos/lacunas que precisam de ser resolvidos. Ajuda na análise da parte “processo” dos 4P.

Como usar esta ferramenta

Passo 1: Especificar a questão de conflito que pretende analisar utilizando a ferramenta de análise do campo de forças. Escrever isto no topo do papel em forma de título.

Passo 2: Por baixo deste título, desenhar uma linha no meio (linha central), dividindo a página em dois lados. No topo do lado esquerdo, escrever “Forças que aumentam o conflito”. No lado direito, escrever “Forças que promovem a paz”, tal como no diagrama de exemplo abaixo.

Passo 3: O grupo discute as forças que aumentam ou continuam o conflito. Estas são listados em baixo e os seus pontos fortes avaliados pelo grupo. Cada força é, então, listada em “Forças que aumentam o conflito”, representada por uma seta apontando para a linha central. A espessura da seta indica a força relativa desta força em comparação com outras.

Passo 4: O grupo discute as forças que desescalam o conflito ou promovem a paz. Estas são listados em baixo e os seus pontos fortes avaliados pelo grupo. Cada força é, então, listada em “Forças que promovem a paz”, representada por uma seta apontando para a linha central. A espessura da seta indica a força relativa desta força em comparação com outras.

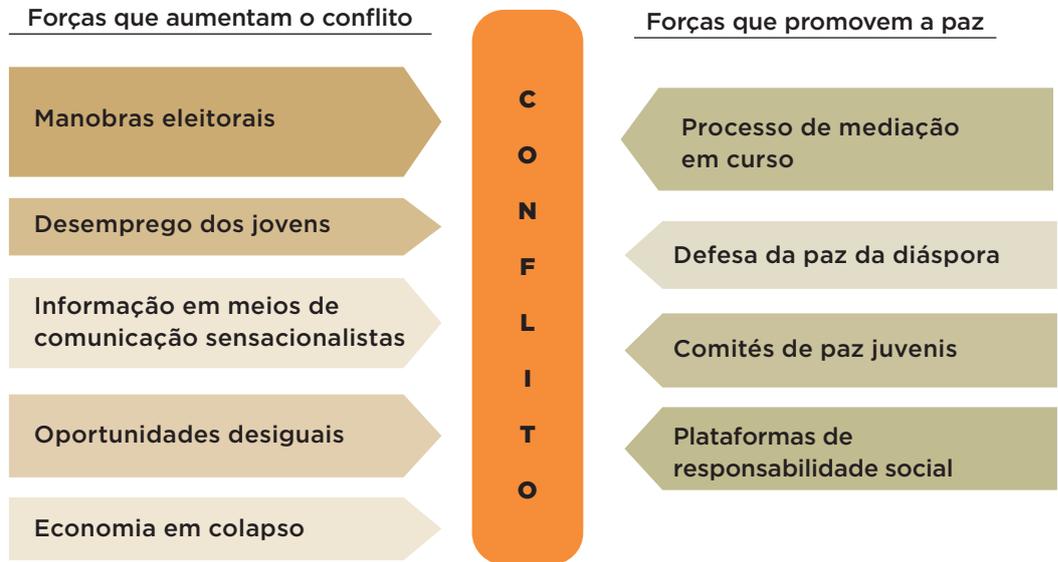
Passo 5: Pensar em quais destas forças poderiam ser influenciadas e como: ou para fortalecer as positivas que promovem a paz ou para minimizar / abordar as forças negativas de forma a transformar o conflito e promover a paz. Não deixar de considerar o papel das normas de género e como os jovens poderiam ser efetivamente envolvidos, considerando os ativos, o agenciamento e os contributos dos mesmos.

Passo 6: Rever e modificar o seu plano/estratégia em conformidade.

¹⁷ Adaptado de Consolidação da Paz: Um Manual de Formação da Caritas, Caritas Internationalis, 2002.

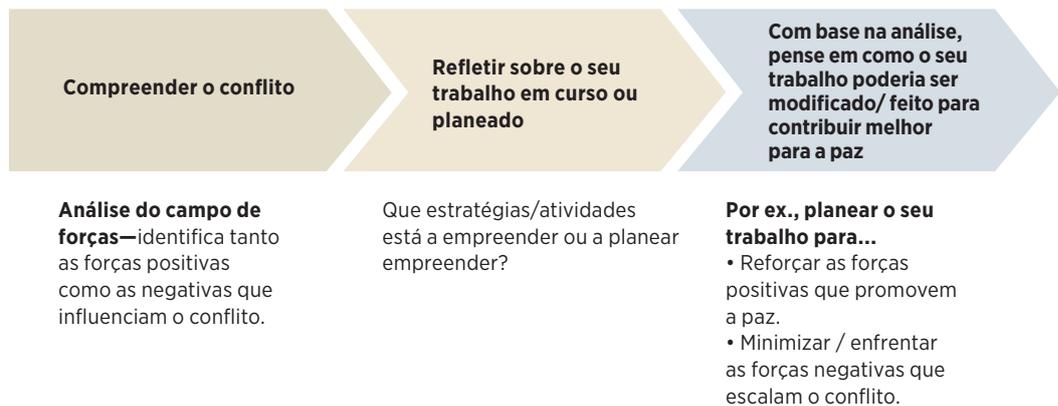
Amostra de Análise do Campo de Forças

ANÁLISE DO CAMPO DE FORÇAS: Conflito Violento entre Partidos Políticos no País X



Utilizar a análise para informar o seu trabalho

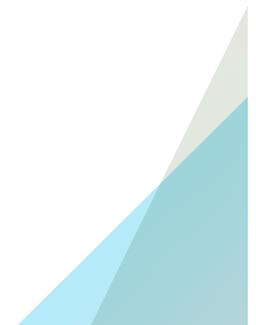
Refletir sobre as forças identificadas para influenciar o conflito que se pretende resolver. Pensar no trabalho que já se está a fazer (ou a planear fazer) e como pode contribuir (melhor) para reduzir o conflito e promover a paz. Ver figura abaixo.



Caso de estudio - reflexión en proceso

- ¿Cómo se complementan las cuatro herramientas entre sí para tener una visión más amplia del conflicto?
- ¿Qué se hizo bien y mal al aplicar las herramientas?
- ¿Dónde consideras que podría ser complicado utilizar las herramientas?
¿Por qué?
- ¿Cómo cree que podría resolver los retos del proceso?
- ¿En qué momento resulta más útil cada una de las herramientas?







MENSAGENS-CHAVE

- A utilização de diferentes ferramentas durante a análise permite uma triangulação e uma análise que é mais representativa do que está a acontecer.
- As ferramentas produzem uma melhor análise quando são utilizadas como ferramentas participativas—sendo a análise feita por grupos cuidadosamente selecionados, incluindo os diretamente afetados pelo conflito e considerando as dinâmicas de género e de jovens.
- A produção dos diagramas não é o objetivo final, mas as discussões que ocorrem à medida que os participantes geram o diagrama são uma fonte de dados muito importante e devem ser recolhidos e utilizados para melhorar a análise.



RECURSOS E MATERIAL DE APOIO

UNIDADE 2 / RECURSO DE FORMAÇÃO 1

Caso de estudo: Os Kaatars e Emers de Cusmar ¹⁸

1. Cusmar es un país montañoso con un solo punto de acceso al mar. Tiene muchos ríos y valles, ricas tierras de cultivo y bosques en las montañas. Aproximadamente, el 75 % de la población es kaatar y el 25 % es emeritense, el 55 % son mujeres y el 45 % son hombres. Los emers mantienen estrechos vínculos culturales, religiosos y políticos con los emers del país vecino. Los emers y los kaatares hablan una lengua muy parecida y se entienden muy bien.
2. Los kaatares tienen una larga y singular tradición cultural. Los kaatares son musulmanes y los emers son cristianos. Los kaatares se convirtieron al islam en el siglo XVI. En el siglo XVIII, los emers llegaron desde el país vecino, aportando tanto el cristianismo como una herencia cultural muy diferente a la de los kaatares, especialmente la música y la comida. Entre kaatares y emers, mujeres, niñas y jóvenes no tienen voz en la sociedad.
3. A principios del siglo XIX, se produjo una fuerte guerra entre kaatares y emers. Lucharon por tierra y otros recursos, especialmente el único punto de acceso al mar, fundamental para la riqueza y el prestigio. La minoría emeritense contaba con que los compatriotas de su país natal acudirían en su ayuda. Esto, aunado a un armamento superior, les permitió vencer en dicha guerra y conquistar la ciudad portuaria. Veinte años más tarde, los kaatares buscaron venganza y consiguieron expulsar a los emers de la ciudad portuaria y exiliarlos a las montañas del país.
4. Además, otro factor generó una fuerte discordia entre los dos grupos: la dominación externa de los lomaes del otro lado del mar de Tirón. Cuando los lomaes invadieron el país a finales del siglo XIX, se pusieron del lado de la minoría emers y los restablecieron como grupo dominante.
5. La ocupación duró hasta la Segunda Guerra Mundial. Finalmente, los kaatares recuperaron el dominio cuando se aliaron con potencias internacionales para derrotar tanto a lomaes como a emers. Los lomaes se marcharon para siempre. Los kaatares establecieron una fuerte estructura socialista de gobierno. El gobierno ha hablado de reparto e igualdad, pero los emers casi no tienen poder político ni económico.
6. En las comunidades, los emers y los kaatares vivían cerca unos de otros, sobre todo en los centros urbanos. Aunque la religión se mantuvo, las estructuras socialistas fueron debilitándola. Muchas personas rechazaron el tabú de casarse con alguien de diferente procedencia religiosa y étnica. Esto hizo que aproximadamente el 15 % de la población se casara con personas de diferente origen étnico.
7. En 1990, la situación política internacional desencadenó de nueva cuenta una guerra en Cusmar. Facciones en conflicto pusieron a kaatares y emers en contra. Mujeres y jóvenes participaron activamente en los combates. Personas que habían vivido juntas se distanciaron unas de otras a causa de las diferencias étnicas. Muchas personas huyeron de sus hogares o del país con carencias de vivienda, alimentos, medicina y servicios psicosociales. Otras se vieron obligadas a luchar o matar a su(s) vecino(s) para protegerse. Muchos terminaron adoptando las creencias racistas fomentadas por sus líderes.

¹⁸ Esta é uma versão abreviada. Adaptada de Neufeldt, R, Fast, L., Robert Schreiter, Fr R., Starken, Fr. B., MacLaren, D., Cilliers, J., & Lederach, J.P. (2002). *Consolidação da paz: Um Manual de Formação da Caritas. Cidade do Vaticano: Caritas Internationalis*. Páginas 180-181.

- 
8. Más adelante, la guerra finalizó mediante la intervención de la comunidad internacional. El acuerdo de cese de hostilidades establecía objetivos para la reestructuración política y económica, así como una eventual reconciliación entre emers y kaatares en Cusmar. El acuerdo abrió camino a las agencias de ayuda internacional. Muchas oenegés, entre ellas CRS, empezaron a contribuir a la reconstrucción del país desgarrado por la guerra.



Os líderes da aldeia ouvem atentamente um ancião enquanto participam num workshop de Cultura de Paz em Mindanao, Filipinas. Foto por Ian Dugal para os CRS

Unidade 3: Consolidação da paz

Com base nas Unidades 1 e 2, esta Unidade visa reforçar a compreensão dos participantes sobre a consolidação efetiva da paz. A Unidade introduz os princípios de consolidação da paz da CRS, centra-se em diferentes quadros que informam a resposta de consolidação da paz e introduz abordagens-chave utilizadas pelos CRS para reforçar a coesão social a vários níveis.

Objetivos de aprendizagem:

- Os participantes articularão os principais termos de consolidação da paz e os princípios de consolidação da paz da CRS.
- Os participantes descreverão quadros conceptuais e abordagens-chave que orientem respostas eficazes para a consolidação da paz.
- Os participantes dominarão a lógica da abordagem da Coesão Social dos 3C3C/4D da CRS e a sua aplicação em diferentes contextos.

UNIDADE 3(A): VISIONAR A PAZ E COMPREENDER A CONSOLIDAÇÃO DA PAZ

BREVE INTRODUÇÃO

Esta sessão introduzirá a consolidação da paz como um conceito, uma visão e um caminho. A sessão começará com um exercício de visionamento em grupo.

VISIONAR A PAZ E COMPREENDER A CONSOLIDAÇÃO DA PAZ



ATIVIDADE—EXERCÍCIO DE GRUPO, VISIONAMENTO E DESENHO

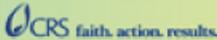
Ejercicio grupal - Visualización y dibujo

- Visualiza un mundo pacífico.
- En ese mundo, ¿cómo se mira la paz en términos concretos?

En grupos, las personas participantes se turnarán para compartir su visión de paz.

Cada grupo trazará un dibujo para representar su visión (o visiones) de paz.

Cada grupo trazará un dibujo para representar su visión (o visiones) de paz.



OS CONCEITOS DE “PAZ POSITIVA” E DE “PAZ EM GRANDE ESCALA” (PWL)

¿Qué queremos decir con «paz»?

Paz positiva

- Término concebido por Johan Galtung.
- Contrasta con la «paz negativa» o la ausencia de violencia directa.
- Se manifiesta en condiciones adecuadas para el Desarrollo Humano Integral

Paz en general

- Proviene del texto Reflexiones sobre la paz, práctica de proyecto del CDA.
- Contrasta con la «paz pequeña», o paz individual/interpersonal.
- Significa una paz a gran escala en la sociedad.



“Paz positiva” é um termo cunhado por Johan Galtung para se referir a um estado desejado em que não há apenas ausência de violência, mas também as condições de justiça, justiça e equidade em que o desenvolvimento humano integral pode ocorrer. Pelo contrário, quando há uma ausência de violência direta/aberta, mas a violência estrutural ou cultural persiste, isto pode-se chamar “paz negativa”.

Retomar a Unidade 2, Anexo 2, para consultar mais destas formas de violência.

“Paz em grande escala” refere-se à paz social em grande escala, em contraste com a paz individual ou interpessoal (que se pode chamar “paz em pequena escala”). Este termo vem do estudo *Reflexar sobre a Prática da Paz da CDA*, que também concluiu que muitas intervenções de consolidação da paz visam alcançar dois objetivos de “grande paz”.

Há um amplo consenso de que estes são os dois objetivos a longo prazo:

- Parar a violência e os conflitos destrutivos; e
- Construir uma paz justa e sustentável.

A consolidação da paz é tanto um processo como um objetivo, e é um meio e um fim. Para facilitar uma melhor compreensão do conceito de consolidação da paz, considerar as seguintes definições como exemplo.^{19 20}

O projeto a longo prazo de construção de comunidades e sociedades pacíficas e estáveis... Baseando-se numa base firme de justiça e reconciliação.

Fonte: Caritas Internationalis (2002)

“A consolidação da paz inclui uma série de esforços de diversos intervenientes do governo e da sociedade civil a nível comunitário, nacional e internacional para abordar os impactos imediatos e as causas profundas do conflito antes, durante e após a ocorrência de conflitos violentos”.

Fonte: Lisa Schirch (2013)

¹⁹ Lisa Schirch, *Avaliação do Conflito e Planeamento da Consolidação da Paz: Rumo a uma Abordagem Participativa à Segurança Humana*, Kumarian, 2013, pp. xi-xiv.

²⁰ Caritas Internationalis, *Consolidação da Paz: Um Manual de Formação da Caritas*, Cidade do Vaticano: Caritas, 2002.



MENSAGENS-CHAVE

- A consolidação da paz é tanto um processo como um objetivo, e é um meio e um fim.
- Procura não só o fim da violência direta, mas também a construção de uma paz justa e sustentável—a paz positiva que a maior parte dos desenhos retrata.

De seguida, vamos analisar os 5 princípios de consolidação da paz da CRS que orientam o nosso trabalho no sentido de alcançar estas visões de paz. Refletirão novamente sobre as suas visões durante a unidade de metodologia 3C/4D adiante.

UNIDADE 3 (B): PRINCÍPIOS DE CONSOLIDAÇÃO DA PAZ DA CRS

BREVE INTRODUÇÃO

A consolidação da paz é um campo muito vasto, e o termo pode significar coisas diferentes para pessoas diferentes. Nesta unidade, tentaremos compreender o que a CRS considera serem os princípios-chave da consolidação da paz.



5 PRINCÍPIOS DE CONSOLIDAÇÃO DA PAZ DA CRS

Os princípios abreviados de consolidação da paz da CRS são apresentados abaixo (ver Unidade 3/Material de apoio 1 para obter detalhes). O acrónimo ou a mnemónica PEACE é para permitir aos participantes lembrarem-se dos 5 princípios.





MENSAGENS-CHAVE

É importante basear o nosso trabalho de paz em princípios acordados. Não só oferecem uma base comum para sustentar todo o nosso trabalho de paz, como são também uma expressão concreta dos nossos compromissos, valores e compreensão comuns do que é importante para tornar o nosso trabalho pela paz mais eficaz



RECURSOS E MATERIAL DE APOIO

UNIDADE 3 / MATERIAL DE APOIO 1

5 princípios de consolidação da paz da CRS²¹

- P** Participatory conflict analysis is the foundation (A análise participativa do conflito é a base)
- E** Effectively addresses root causes, core conflict issues and effects (Aborda de forma eficaz as causas de raiz, as questões centrais do conflitos e os efeitos)
- A** Advances right relationships that are interdependent (Avança as relações certas que são interdependentes)
- C** Change vision and theory are clearly spelled out in a strategic manner (A visão e a teoria da mudança são claramente explicitadas de forma estratégica)
- E** Endures and builds sustainability based on a long-term commitment (Resiste e constrói a sustentabilidade com base num compromisso a longo prazo)

²¹ Catholic Relief Services, Princípios de consolidação da paz, Disponível em Princípios de consolidação da paz da CRS

UNIDADE 3 / MATERIAL DE APOIO 2

Princípios de consolidação da paz da CRS

Os cinco princípios de consolidação da paz dos CRS podem ser resumidos usando o seguinte acrónimo **PEACE**:

Participatory conflict analysis is the foundation (A análise participativa do conflito é a base)

Effectively addresses root causes, core conflict issues and effects (Aborda de forma eficaz as causas de raiz, as questões centrais do conflitos e os efeitos)

Advances right relationships that are interdependent (Avança as relações certas que são interdependentes)

Change vision and theory are clearly spelled out in a strategic manner (A visão e a teoria da mudança são claramente explicitadas de forma estratégica)

Endures and builds sustainability based on a long-term commitment (Resiste e constrói a sustentabilidade com base num compromisso a longo prazo)

Os cinco princípios de consolidação da paz são mais elaborados abaixo:

A análise participativa de conflitos é a base

- É impulsionada pela compreensão comunitária das questões e necessidades definidas e envolve uma série de intervenientes, incluindo os imediatamente afetados por conflitos destrutivos.
- Identifica soluções que se baseiam em abordagens indígenas não violentas à transformação e reconciliação de conflitos.

Aborda de forma eficaz as causas de raiz, as questões centrais do conflito e os efeitos

- Responde às causas estruturais e imediatas do conflito violento, para além de abordar as questões de conflito e os seus efeitos.
- Inclui a influência e defesa a nível local, nacional e global para transformar instituições, sistemas e estruturas injustas.
- Utiliza uma abordagem abrangente que se concentra na comunidade local, ao mesmo tempo que envolve estrategicamente os níveis médios e superiores de liderança.

Avança as relações certas que são interdependentes

- Fornece uma metodologia para alcançar as relações certas que devem ser integradas em toda a programação.

- Envolve um sistema de pessoas interligadas, papéis e atividades necessárias para alcançar e sustentar a mudança desejada.
- Promove relações que defendem a dignidade e o bem-estar de cada pessoa independentemente da raça, etnia, classe, religião, sexo, idade ou outras características definidoras e engloba os valores da inclusão, justiça e equidade, igualdade de oportunidades e respeito pela diversidade.

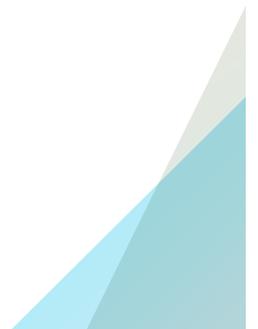
A visão e a teoria da mudança são claramente explicitadas de forma estratégica

- Responde proativamente a situações sociais emergentes, responde a preocupações e necessidades imediatas e, ao mesmo tempo, reforça um processo de mudança mais amplo e a longo prazo (visão de mudança desejada).
- Articula uma teoria clara da mudança que expressa o pensamento por detrás das estratégias e escolhas do programa que serão empregues para provocar a mudança desejada rumo à paz.

Resiste e constrói a sustentabilidade com base num compromisso a longo prazo

- Reforça as capacidades locais de paz para responder e transformar os ciclos recorrentes de conflito.

No espírito da subsidiariedade, depende da Igreja e dos parceiros locais, que são conhecidos e em quem as suas comunidades confiam, para liderar os esforços de consolidação da paz a longo prazo.



UNIDADE 3 (C): A MUDANÇA QUE PROCURAMOS—QUATRO DIMENSÕES DA TRANSFORMAÇÃO DO CONFLITO

BREVE INTRODUÇÃO

Esta sessão introduzirá as quatro dimensões da mudança frequentemente pretendida na transformação de conflitos, e explorará processos de mudança que as possam associar.

A MUDANÇA QUE PROCURAMOS: QUATRO DIMENSÕES DA TRANSFORMAÇÃO DO CONFLITO

Que tipos de impactos/mudanças provocam os conflitos?

O conflito afeta pessoas e sociedades a múltiplos níveis: pessoal, relacional, estrutural e cultural, conforme mostra o diagrama das Quatro Dimensões da Mudança abaixo.²²



Os nossos esforços de consolidação da paz poderão também visar mudanças em qualquer uma destas quatro dimensões. De notar que as mudanças numa dimensão podem levar a, ser afetadas por, ou ser um trampolim para a catalisação de mudanças noutras dimensões.

²² Lederach, John Paul, Reina Neufeldt e Hal Culbertson. *Consolidação reflexiva da paz: Um conjunto de ferramentas de planeamento, monitorização e aprendizagem*. Instituto Joan B. Kroc para Estudos Internacionais da Paz e Catholic Relief Services, 2007.



ATIVIDADE—DISCUSSÕES EM GRUPOS DE MESA

Refletir sobre como as mudanças numa dimensão podem levar a, ser afetadas por, ou ser um trampolim para a catalisação de mudanças noutras dimensões.

As quatro dimensões da transformação de conflitos ajudam-nos a ser intencionais nos nossos esforços para provocar mudanças nas dimensões pessoal, relacional, estrutural e cultural.



MENSAGENS-CHAVE

- O conflito provoca mudanças a nível pessoal, relacional, estrutural e cultural, pelo que as nossas intervenções de consolidação da paz podem concentrar-se em qualquer uma destas quatro dimensões.
- Porque a consolidação da paz é um processo dinâmico, e porque procuramos a transformação para uma paz justa e sustentável, podemos usar a nossa compreensão destas quatro dimensões para planear os nossos pontos de entrada, bem como para ligar as mudanças numa dimensão às mudanças nas outras.



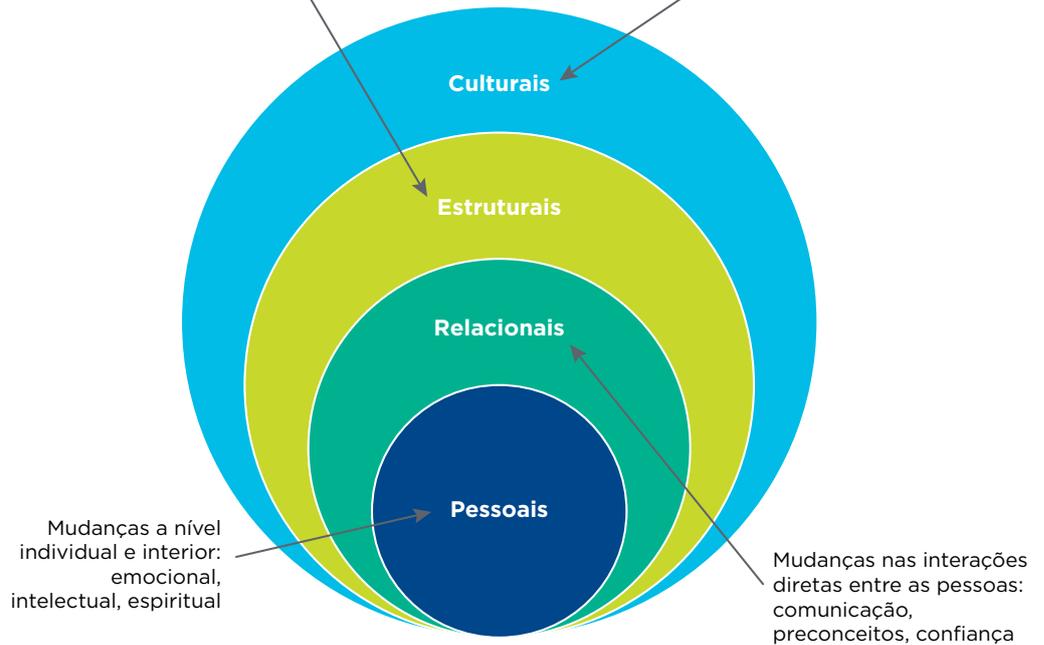
RECURSOS E MATERIAL DE APOIO

UNIDAD 3 / FOLLETO 3

Unidade 3 / Material de apoio 3

Mudanças em estruturas e sistemas (família, comunidade, sociedade); acesso, poder, decisões

Mudanças nas normas e nos valores que orientam o comportamento



Fonte: Lederach, John Paul, Reina Neufeldt e Hal Culbertson. *Consolidação reflexiva da paz: Um conjunto de ferramentas de planeamento, monitorização e aprendizagem*. O Instituto Joan B. Kroc para os Estudos Internacionais da Paz e os Catholic Relief Services, 2007 (o diagrama original tem quatro quadrantes).

UNIDADE 3(D): RESPOSTAS DE CONSOLIDAÇÃO DA PAZ A VÁRIOS NÍVEIS

BREVE INTRODUÇÃO

As respostas de consolidação da paz precisam de ser bem pensadas, tendo em consideração os diferentes níveis visados pela intervenção—nível básico, intermédio e/ou superior. Uma estrutura simples e útil para o fazer é a Pirâmide de intervenientes e níveis.²³ Este será o foco desta sessão.

UTILIZAÇÃO DA PIRÂMIDE DE INTERVENIENTES E NÍVEIS

A pirâmide destina-se a representar a forma como a sociedade está estruturada—com poucas pessoas no topo, relativamente mais pessoas no nível intermédio e a maioria no nível básico inferior. Para intervir eficazmente numa situação de conflito, é importante identificar os principais intervenientes e as partes interessadas a visar ou trabalhar com os três níveis, e, depois, determinar as abordagens e ações adequadas a tomar em cada nível.

A Pirâmide de intervenientes e níveis ajuda a

- Identificar os principais intervenientes a cada nível;
- Decidir os tipos de abordagens e ações que são apropriadas para cada nível;
- Pensar em formas de ligar as ações que acontecem a diferentes níveis; e
- Planear ações que abordem conflitos a vários níveis.



ACTIVIDAD—REFLEXIÓN INDIVIDUAL Y PUESTA EN COMÚN

Tome en cuenta su(s) contexto(s) de conflicto y precise los tipos de actor que entrarían en cada nivel.

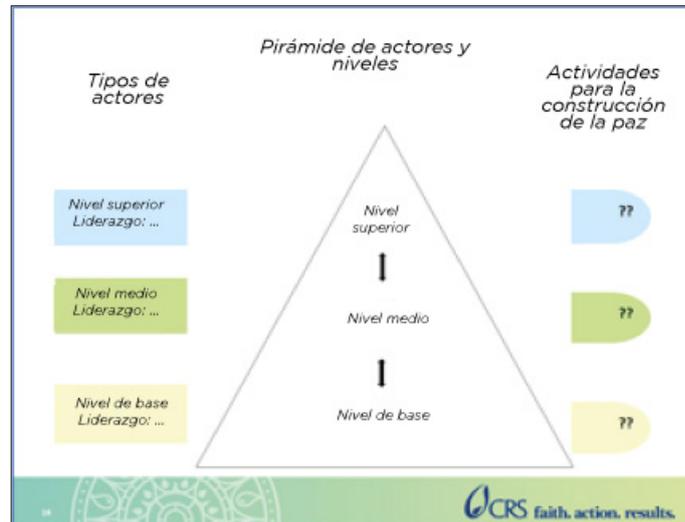
Pirámide de actores y niveles

Reflexionen sobre los conflictos en sus contextos y especifiquen los tipos de actores que quedarían en cada uno de los siguientes niveles:

¿Quiénes son los actores en la cima?
 ¿Quiénes son los actores al nivel medio?
 ¿Quiénes son los actores de base?

 faith. action. results.

²³ Derivado de John Paul Lederach, *Consolidación da paz: Reconciliação Sustentável em Sociedades Divididas*, Washington D.C: United States Institute of Peace Press, 1997



Como indicado acima, a pirâmide considera três níveis:

- **Nível superior:** Líderes com grande visibilidade e influência, por exemplo, líderes militares, políticos, tradicionais ou religiosos, líderes de organizações internacionais, e funcionários governamentais de alto nível.
- **Nível intermédio:** Líderes nos setores, líderes étnicos/clãs/tradicionais/religiosos, acadêmicos, líderes de ONG e profissionais.
- **Nível básico:** Principais líderes e intervenientes locais que podem incluir: Trabalhadores de ONG e da comunidade, trabalhadores da área da saúde, mulheres e grupos de jovens, líderes de campos de refugiados e deslocados internos, ativistas comunitários, líderes religiosos e tradicionais a nível básico.

De notar que os principais intervenientes específicos e as partes interessadas a cada nível variarão em função do contexto.

- Os intervenientes a diferentes níveis têm interações dinâmicas complexas, caracterizadas por relações de poder desiguais. Estas devem ser tidas em conta nas respostas e abordadas para uma consolidação da paz mais eficaz.
- Além disso, a consolidação da paz de nível superior pode influenciar / impactar a consolidação da paz de nível intermédio e a consolidação da paz de nível intermédio pode ter uma influência / impacto na consolidação da paz de nível básico, e o contrário é verdade.

Com base nos intervenientes identificados nos três níveis, as abordagens e ações podem ser diferentes.



Pirámide de actores y niveles

A partir de los actores identificados en los tres niveles, ¿qué intervención y acciones serían adecuadas para cada nivel?

[En el diagrama, esta parte se representada con los signos de interrogación]



A pirâmide sugere três abordagens à consolidação da paz (ver Unidade 3/Material de apoio 3 para mais detalhes).

Pirámide de actores y niveles

Tres formas de abordar la construcción de la paz:

- Enfoque descendente
- Enfoque ascendente
- Enfoque medio

Una combinación de estos tres enfoques tiene mejores oportunidades de una construcción de la paz efectiva.





MENSAGENS-CHAVE

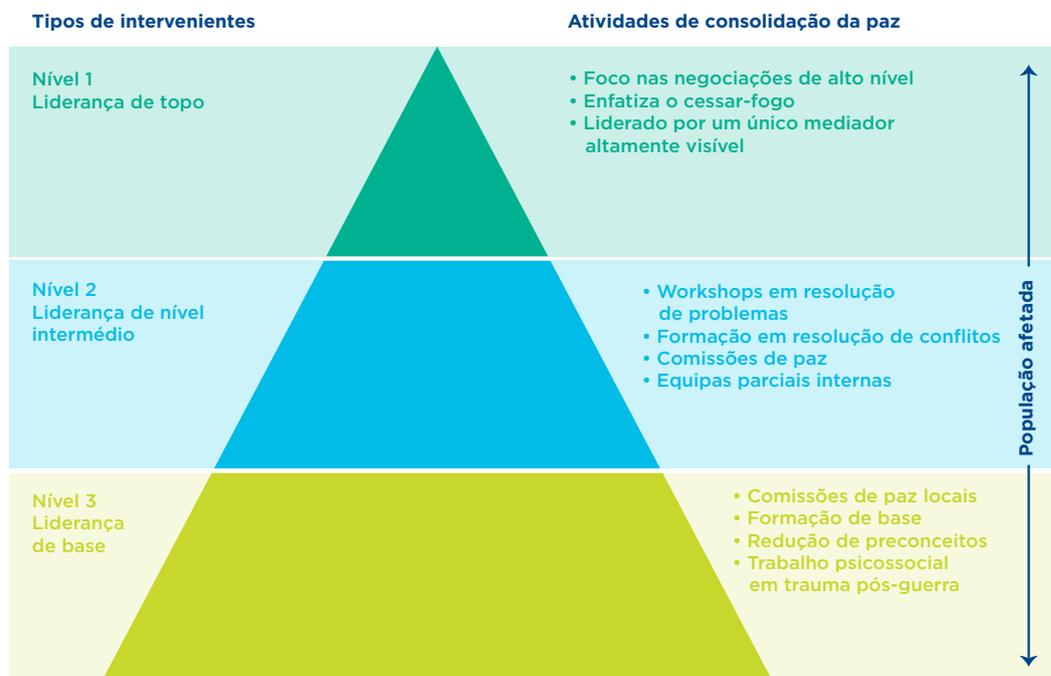
- Tomar nota da importância de compreender a interação dinâmica e a interdependência entre os níveis à medida que se tomam decisões de consolidação da paz.
- A coerência e coordenação das intervenções ao nível das bases, do meio e do topo são igualmente importantes.
- Fazer sempre um esforço para compreender as relações de poder complexas e desiguais entre os intervenientes aos vários níveis e influenciá-las nas respostas de consolidação da paz.
- Uma combinação das abordagens descendente, a partir do meio e ascendente promete um melhor impacto.



RECURSOS E MATERIAL DE APOIO

UNIDADE 3 / MATERIAL DE APOIO 4

Pirâmide de actores y niveles



Introdução

Reconhecemos que existem muitas estruturas de consolidação da paz e muitas escolas de pensamento na conceção para responder a conflitos ou construir a paz. Referimo-nos ao modelo de consolidação da paz de John Paul Lederach que é amplamente citado no campo da consolidação da paz.

O modelo é baseado em três abordagens (descendente, a partir do meio e ascendente), envolvendo três tipos de liderança em qualquer sociedade. O modelo é construído sobre o facto de, em todos os níveis da sociedade, existem líderes. Há líderes aos níveis superior, intermédio e básico de qualquer sociedade. Há cada vez menos líderes à medida que se passa do nível básico para o nível superior, dando a forma de um triângulo (pirâmide).

As três abordagens

O modelo destaca três abordagens à consolidação da paz:

A abordagem ascendente: Esta abordagem pressupõe que a mudança social poderia ocorrer se as pessoas na base fossem mobilizadas para a mudança desejada. Contudo, a experiência mostra que, na base, as pessoas estão frequentemente preocupadas com as suas necessidades imediatas. A sua diversidade e as clivagens, e as suas identidades e os seus interesses nem sempre lhes permitem forjar uma visão

unificada e fazer os sacrifícios necessários para uma mudança transformadora. Além disso, é preciso muito tempo para mudar comportamentos enraizados.

A abordagem descendente: Esta abordagem pressupõe que as mudanças ou decisões tomadas ao mais alto nível provocarão mudanças em toda a sociedade ao chegarem às bases. Este pressuposto deve ser testado, especialmente em situações em que os líderes / quem está no topo carecem de legitimidade ou onde a capacidade institucional é deficiente ou fraca e/ou ineficiente.

A abordagem a partir do meio: A terceira abordagem baseia-se na crença de que a mudança social poderia ter lugar quando os líderes de nível intermédio fossem mobilizados para ela. Devido à sua capacidade de aceder tanto ao topo como à base, os intervenientes de nível intermédio estão estrategicamente posicionados no processo de mudança social. No entanto, por vezes, não têm credibilidade ou profundas raízes comunitárias, e/ou podem não ter tanta influência de liderança como se supõe.

Conclusão

Cada uma das abordagens tem o seu próprio valor. No entanto, uma combinação estratégica das três oferece uma melhor hipótese de eficácia. Quando combinadas, as abordagens aumentam a possibilidade de reforçar as relações verticais entre níveis de liderança, reduzindo as disparidades e a marginalização. Podem também reforçar as relações horizontais através de diálogos facilitados, redução de preconceitos, projetos de ligação, medidas de criação de confiança e criação de capacidades. A construção de uma paz duradoura requer uma teia de relações que estabeleça uma ponte entre as clivagens e os níveis de liderança voluntária e sistemática.



UNIDADE 3(E): RESPOSTAS DE CONSOLIDAÇÃO DA PAZ — COMBINANDO DIFERENTES NÍVEIS, FASES DO CONFLITO E DIMENSÕES DA MUDANÇA

BREVE INTRODUÇÃO

A unidade 3(e) baseia-se no entendimento adquirido nas unidades anteriores—que se centrou nas fases de conflito, nas quatro dimensões da transformação do conflito e nos vários níveis da sociedade onde os agentes da paz podem intervir—e confere aos participantes competências para conceberem cuidadosamente as respostas adequadas.

COMBINANDO DIFERENTES NÍVEIS, FASES DO CONFLITO E DIMENSÕES DA MUDANÇA

Refletir, mais uma vez, sobre o seguinte:

- As fases do conflito—diagrama do conflito como fogo
- As dimensões da mudança—quatro dimensões da transformação do conflito
- O Triângulo de Lederach—a pirâmide de intervenientes e níveis

O próximo exercício de grupo é sobre a identificação de intervenções de consolidação da paz apropriadas para cada fase do conflito, nível de intervenientes (superior, intermédio e básico) e as dimensões da mudança (pessoal, relacional, estrutural e cultural).



ATIVIDADE—EXERCÍCIO EM GRUPO E PASSEIO PELA GALERIA

Em grupos pequenos, discutir e preencher a secção atribuída da matriz na Unidade 3 / Recurso de Formação 1.

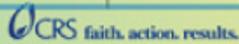
**Combinación de niveles, etapas del conflicto y
dimensiones para la transformación de conflictos**

Ejercicio grupal - pregunta clave

- * ¿Qué actividades para la construcción de la paz / intervenciones son apropiadas para cada etapa del conflicto y los niveles de cada actor para alcanzar el cambio en cada dimensión?

Ejercicio grupal: ¿Qué actividades para la construcción de la paz/ intervenciones son apropiadas para cada etapa del conflicto y los niveles de cada actor para alcanzar el cambio en cada dimensión? Considere la guía bajo el enfoque de construcción de la paz.

Etapa del conflicto-fuego	Dimensión	Tipos de actores			Enfoque para construcción de paz
		Nivel de base	Nivel medio	Nivel superior	
Recolección/ potencial	Personal				Transformar los materiales – prevención del fuego
	Relacionales				
	Estructurales				
	Culturales				
Ignición/ empieza el conflicto	Personal				Limitar la ignición- prevenir que las llamas se esparzan
	Relacionales				
	Estructurales				
	Culturales				
Fogata/crisis	Personal				Contener el daño
	Relacionales				
	Estructurales				
	Culturales				
Brasas/potencial	Personal				Enfriar las brasas
	Relacionales				
	Estructurales				
	Culturales				
Extinción/ regeneración	Personal				Regeneración
	Relacionales				
	Estructurales				
	Culturales				

 CRS faith. action. results.

Refletir também sobre a matriz preenchida e considerar o seguinte:

Combinación de diferentes niveles, etapas del conflicto y dimensiones de la transformación del conflicto

- ¿Por qué escogieron ese tipo de intervenciones, considerando la etapa del conflicto, la dimensión de cambio y los niveles de actores (la razón detrás de su elección)?
- ¿Existen instancias donde identificaron intervenciones similares a través de etapas y niveles? Si fue así, ¿por qué consideras que sucedió?
- ¿Cuáles intervenciones identificaste para abordar las raíces y consecuencias del conflicto?
- ¿Qué consideraciones de género hicieron?



MENSAGENS-CHAVE

A combinação dos vários quadros para informar as decisões sobre as respostas apropriadas proporciona uma oportunidade de apresentar uma abordagem mais abrangente para alcançar a paz.



RECURSOS E MATERIAL DE APOIO

UNIDADE 3 / RECURSO DE FORMAÇÃO 1

A matriz onde e quando²⁴

FASE DO CONFLITO—“FOGO”	DIMENSÃO	TIPOS DE INTERVENIENTES			FOCO NA CONSOLIDAÇÃO DA PAZ
		NÍVEL BÁSICO	NÍVEL INTERMÉDIO	NÍVEL SUPERIOR	
Encontro / potencial	Pessoal				Materiais de transformação—evitar o fogo
	Relacional				
	Estrutural				
	Cultural				
Começa a arder / confronto	Pessoal				Limitar o que se acende—evitar que as chamas se propaguem
	Relacional				
	Estrutural				
	Cultural				
Fogueira / crise	Pessoal				Limitar os danos
	Relacional				
	Estrutural				
	Cultural				
Brasas / potencial	Pessoal				Arrefecimento das brasas
	Relacional				
	Estrutural				
	Cultural				
Fora / regeneração	Pessoal				Regeneração
	Relacional				
	Estrutural				
	Cultural				

²⁴ Matriz modificada. A matriz original é da Caritas Internationalis, *Consolidação da Paz: Um Manual de Formação da Caritas, Cidade do Vaticano: Caritas, 2002.*

UNIDADE 3 / MATERIAL DE APOIO 5

Estratégias ilustrativas de consolidação da paz

Abaixo, encontra-se um conjunto ilustrativo de estratégias de consolidação da paz (PB) que podem ser consideradas a diferentes níveis. Esta não é uma lista exaustiva, mas pode desencadear ideias!

ESTRATÉGIA DE PB	FUNDAMENTAÇÃO E ATIVIDADES ILUSTRATIVAS	PONTOS FORTES E APLICABILIDADE	LIMITAÇÕES
PARA PROMOVER MUDANÇAS A NÍVEL PESSOAL, CONSIDERAR:			
Consciência do trauma e resiliência	<ul style="list-style-type: none"> Ajuda a preparar as pessoas para uma paz sustentável; ajuda a assegurar que os acordos de paz assentam numa base sólida de cura interior. Pode incluir: workshops sobre a consciência do trauma e resiliência; serviços de aconselhamento; discussões em grupos pequenos. 	<ul style="list-style-type: none"> Pode ser uma componente de uma estratégia maior, por exemplo, a parte vinculativa dos 3B. Pode ser vital para quebrar o ciclo de violência e retaliação. As ferramentas e os recursos dos CRS incluem: <i>Cantar para os Leões; Introdução à Consciência do Trauma e Resiliência; Árvore da Vida; Estou Pronto!; Renascer de Raízes Resilientes</i> 	<ul style="list-style-type: none"> Improvável, por si só, que contribua para “a paz em grande escala”; para isso, são tipicamente necessárias intervenções complementares. Pode ser difícil de abordar no contexto da violência/ retraumatização em curso.
<i>Exemplos de Programação dos CRS: Escolher a Paz em Conjunto (Bósnia-Herzegovina); Comunidades Seguras, Poderosas e Ligadas da África Central (República Centro-Africana).</i>			
Capacitação em consolidação da paz	<ul style="list-style-type: none"> Cette stratégie permet de développer des compétences personnelles pour aborder les conflits de manière plus saine et elle peut aider à renforcer les attitudes et les engagements positifs envers la paix. Elle permet de cibler des « personnes clés » ou « plus de personnes ». Elle peut inclure : des ateliers sur les réponses non violentes à la transformation du conflit; sur les compétences interpersonnelles et de communication; sur les aptitudes à la vie quotidienne. 	<ul style="list-style-type: none"> Les formations et les ateliers peuvent être des espaces importants pour changer les attitudes individuelles vis-à-vis des conflits. Rassembler des personnes dans des ateliers organisés conjointement peut être en soi une intervention de l'édification de la paix. Elle peut être facilement associée à d'autres activités conçues pour agir sur les attitudes et les comportements individuels. Les outils et ressources de CRS comprennent : les manuels de l'animateur et du participant sur les principes fondamentaux de la CP. 	<ul style="list-style-type: none"> Le renforcement des capacités n'implique pas forcément que les personnes appliqueront ces nouvelles compétences. Pour entraîner un changement de comportement, il faut élaborer une stratégie plus solide, fondée sur la connaissance des facteurs favorables et des facteurs restrictifs. Elle requiert une réflexion critique sur les capacités à renforcer, sur les raisons et la façon de les renforcer. Le coût par participant peut être élevé (en temps et en argent), si l'on tient compte de l'accompagnement continu.
<i>Exemplos de Programação dos CRS: Jovens Construtores da América Central (Jóvenes Constructores da América Central; El Salvador, Nicarágua, Honduras, Guatemala); Capacidades para a Ação Comunitária Inter-Religiosa (CIRCA; Egipto, Quênia, Níger, Nigéria, Tanzânia, Uganda).</i>			

ESTRATÉGIA DE PB	FUNDAMENTAÇÃO E ATIVIDADES ILUSTRATIVAS	PONTOS FORTES E APLICABILIDADE	LIMITAÇÕES
PARA PROMOVER MUDANÇAS A NÍVEL RELACIONAL, CONSIDERAR:			
Fomentar a interação entre as divisões— “contacto social”	<ul style="list-style-type: none"> Ajuda a aumentar a compreensão, reduzir preconceitos e construir relações entre pessoas de grupos divididos por conflitos. Pode incluir: intercâmbios culturais e religiosos, eventos desportivos, eventos e espaços sociais, acampamentos de jovens, e atividades baseadas nas artes, tais como exposições, séries de filmes e teatro. 	<ul style="list-style-type: none"> As provas mostram que uma maior interação positiva aumenta a empatia e compreensão, e melhora as atitudes em relação ao “Outro”. Potencial fantástico para aplicar as ferramentas de ICT4Peace para apoiar o contacto social. As atividades podem estar associadas a oportunidades de diálogo para aumentar a compreensão mútua. Funciona bem em conjunto com a cooperação em torno da estratégia de interesses mútuos. As ferramentas e os recursos dos CRS incluem a abordagem 3C e a metodologia de coesão social 3C/4D—ver <i>Laços que Vinculam</i> 	<ul style="list-style-type: none"> Esta abordagem pode ser inapropriada ou inadequada quando existe um grande desequilíbrio de poder entre grupos. É pouco provável que as mudanças entre os participantes diretos conduzam a um impacto mais amplo sem estratégias complementares. Os participantes diretos podem não ser capazes de sustentar mudanças de atitude pessoal sem um ambiente de apoio/capacitação e oportunidades contínuas de manter o contacto através das linhas de conflito.
	Exemplos de Programação dos CRS: Apoio aos Jovens Agentes da Paz na Fronteira entre a Colômbia e o Equador (Equador); projeto Gemini (Jerusalém/Cisjordânia/Gaza).		
Cooperação em torno de interesses mútuos	<ul style="list-style-type: none"> Pode melhorar as relações e a comunicação, ao mesmo tempo que demonstra os benefícios concretos da cooperação entre linhas de conflito. Inclui várias formas de projetos de ligação e iniciativas de reconciliação comunitária, incluindo a abordagem de necessidades mútuas noutros sectores (meios de subsistência, água e saneamento, infraestruturas, educação, cuidados infantis, etc.). 	<ul style="list-style-type: none"> Excelente potencial de integração com meios de subsistência, gestão de recursos naturais, e outras intervenções setoriais. Um processo cuidadosamente facilitado de trabalhar em conjunto para planear e implementar o projeto conector ou outra iniciativa pode proporcionar uma experiência positiva de quebra de barreiras, construção de relações e tomada de decisão partilhada, ao mesmo tempo que proporciona um resultado benéfico. As ferramentas e os recursos dos CRS incluem: <i>O Guia de Água e Conflitos</i> e <i>Guia de Abordagem de Projetos Conectores</i> 	<ul style="list-style-type: none"> A integração com meios de subsistência ou outros sectores exige especialização técnica destes sectores, para além de especialização na consolidação da paz. As evidências sugerem que a simples reunião das pessoas para uma interação positiva, sem abordar diretamente as questões que as dividem, não contribui necessariamente para “a paz em grande escala”. Exige tempo intensivo de pessoal no terreno para assegurar a inclusão de diversos grupos e uma tomada de decisões verdadeiramente participativa; a atenção à dinâmica do poder é fundamental.
	Exemplos de Programação dos CRS: Commerçantes Solidaires pour la Paix (COSOPAX, Comerciantes Unidos para a Paz; Ruanda, Burundi, República Democrática do Congo); Fortalecer as Oportunidades da Comunidade para a Paz e Equidade (Senegal).		

ESTRATÉGIA DE PB	FUNDAMENTAÇÃO E ATIVIDADES ILUSTRATIVAS	PONTOS FORTES E APLICABILIDADE	LIMITAÇÕES
PARA PROMOVER MUDANÇAS A NÍVEL ESTRUTURAL, CONSIDERAR:			
<p>Reforço ou melhoria dos mecanismos tradicionais de resolução de litígios</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tenta mitigar o potencial de escalada dos conflitos para a violência, oferecendo uma alternativa baseada na comunidade aos sistemas de justiça formal. • Pode incluir: desenvolvimento de capacidades em mediação e arbitragem; formação em sensibilidade de gênero e inclusão de jovens; promoção da sensibilização e utilização destes mecanismos; estabelecimento de ligações com sistemas de justiça formal. 	<ul style="list-style-type: none"> • Baseia-se em recursos e tradições locais que, normalmente, são culturalmente aceitáveis, muitas vezes mais eficientes e acessíveis do que os tribunais. • Estes mecanismos podem e, muitas vezes, incorporam abordagens restaurativas da justiça, que reparam as relações em vez de se limitarem a aplicar punições. • Pode aumentar o acesso à justiça das pessoas que não dispõem dos recursos (financeiros, educacionais, etc.) para aceder aos sistemas de justiça formal. 	<ul style="list-style-type: none"> • Os mecanismos tradicionais podem ser tendenciosos para os interesses dos homens, dos mais velhos e/ou do(s) grupo(s) de identidade localmente dominante(s). Recomenda-se uma análise e um planeamento sólidos para assegurar que estes mecanismos proporcionem justiça de formas que respondam às questões de gênero, incluindo a juventude. • Dependendo do contexto, os mecanismos tradicionais podem não estar disponíveis para todos os grupos de identidade de uma comunidade. • As suas decisões não são, muitas vezes, reconhecidas / respeitadas pelos sistemas de justiça formal.
<p><i>Exemplos de Programação dos CRS: Aplicação dos 3B [Binding, Bonding, Bridging—Conexão, Contato, Construção] ao Conflito de Terras em Mindanao (Filipinas); Connect 4 Peace (Libéria).</i></p>			
<p>Aumentar a voz dos cidadãos na tomada de decisões</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tenta influenciar estruturas e sistemas para serem mais responsivos às injustiças. • Pode incluir: construção de coligações e redes; formação e acompanhamento de defesa dos cidadãos; organização de fóruns públicos; reforço dos mecanismos de responsabilidade social. Pode estar relacionado com a educação cívica, educação dos eleitores, monitorização e reforço da voz e agenciamento eleitoral entre jovens, mulheres, e outros grupos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Aborda as causas profundas dos conflitos, proporcionando um canal não violento para a divulgação de queixas e a participação dos cidadãos no desenvolvimento de soluções, na definição de prioridades e na atribuição de recursos. • Põe em prática a subsidiariedade: os mais afetados pelas decisões devem ser incluídos na sua tomada. • As ferramentas e os recursos dos CRS incluem: <i>Guia do Governo de Participação e Modelo de Protótipo de Responsabilidade Social</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • Poderá também ser necessário trabalho complementar com as autoridades e instituições governamentais para aumentar a sua prontidão e capacidade de trabalharem construtivamente com os cidadãos e de cumprirem as suas responsabilidades de forma eficaz, responsável e transparente. • Requer uma análise exaustiva dos riscos e das estratégias de mitigação.
<p><i>Exemplos de programação dos CRS: Programa de Participação Cívica (Jerusalém/Cisjordânia/Gaza); Moldar o Nosso Mundo (Zimbábue); Reconciliação para a Paz (Sul do Sudão).</i></p>			

ESTRATÉGIA DE PB	FUNDAMENTAÇÃO E ATIVIDADES ILUSTRATIVAS	PONTOS FORTES E APLICABILIDADE	LIMITAÇÕES
PARA PROMOVER MUDANÇAS A NÍVEL CULTURAL, CONSIDERAR:			
Meios de paz	<ul style="list-style-type: none"> Tenta influenciar a opinião pública, assegurando a divulgação de mensagens a favor da paz. Pode incluir: formação de jornalistas, cultivo de redes de jornalistas simpáticos e conselhos editoriais, fornecimento de conteúdos mediáticos incluindo anúncios, editoriais, e dramas em série na imprensa, rádio ou vídeo/ televisão, e utilização de canais de comunicação social. 	<ul style="list-style-type: none"> Estratégia comum na construção de uma "cultura de paz". Pode ajudar a mudar atitudes a favor de uma maior inclusão e coexistência pacífica, ajudando as pessoas a ligarem-se às histórias e experiências dos outros. Quando é bem feito, ajuda a envolver as pessoas a reexaminar as suas próprias narrativas e comportamentos. Potencial fantástico para aplicar as ferramentas de ICT4Peace para apoiar o contacto social. 	<ul style="list-style-type: none"> A formação de jornalistas é frequentemente inadequada como atividade autónoma, uma vez que podem ter outros incentivos. Influenciar as práticas dos meios de comunicação e os interesses editoriais requer frequentemente uma estratégia mais ampla. Os meios de comunicação de paz e outras campanhas de mensagens/ sensibilização podem influenciar as atitudes, mas isto não leva a uma mudança de comportamento.
<i>Exemplos de Programação dos CRS: PRO-Future (Bósnia-Herzegovina); Promoção da Paz no Norte do Gana (Gana).</i>			
Educação para a paz	<ul style="list-style-type: none"> Tenta inculcar em crianças, jovens e outros os valores, atitudes, comportamentos e aptidões que apoiam relações pacíficas e justas. Pode incluir: desenvolvimento e entrega de currículos de educação para a paz (formal e informal), formação de professores, apoio a clubes para a paz, conferências e intercâmbios de estudantes, e parcerias com Ministérios da Educação para institucionalizar a educação para a paz. 	<ul style="list-style-type: none"> Estratégia comum na construção de uma "cultura de paz". Pode ser entregue numa variedade de modelos (na escola, pós-escola, programas de verão, etc.). Pode ser integrado com os valores e ensinamentos da fé, conforme o caso. Tem o potencial de mudar as normas e práticas da sociedade a longo prazo, particularmente quando é sistematicamente integrado na educação formal. 	<ul style="list-style-type: none"> Os pais/família normalmente exercem a maior influência sobre os valores dos seus filhos. Poderá ser necessária uma estratégia que envolva os pais e/ou a comunidade em geral para criar um ambiente mais favorável às crianças e jovens para viverem as atitudes e comportamentos promovidos. A obtenção da adesão institucional pode exigir um processo moroso; e, interesses instalados em conflito ou uma paz negativa podem bloquear o acesso institucional.
<i>Exemplos de Programação dos CRS: Governança da Paz para a Transformação em Mindanao (Filipinas); Parceria Inter-Religiosa para a Consolidação da Paz da República Centro-Africana (República Centro-Africana).</i>			

UNIDADE 3(F): MÉTODOS DE RESPOSTA AO CONFLITO

BREVE INTRODUÇÃO

Há várias formas de lidar com o conflito. A escolha do(s) método(s) deverá depender da situação em causa e é feita após uma análise de conflito. Contudo, em resposta ao conflito, prefere-se abordagens participativas de resolução de problemas que promovam a colaboração, o compromisso e a apropriação do processo. Abaixo, deixamos um continuum de respostas comumente utilizadas a considerar.

O CONTINUUM DE GESTÃO DO CONFLITO²⁵



Ver Unidade 3 / Material de apoio 5 para mais detalhes e explicações. No Continuum, as partes em conflito perdem o controlo do processo, do conteúdo, da solução e dos resultados à medida que se vai passando das discussões informais para o uso da força e da violência.

Refletir sobre os quatro tipos de conflito (**intrapessoal, interpessoal, intragrupo e intergrupo**) brevemente introduzidos anteriormente na Unidade 2 (a) e elaborados na Unidade 2 / Anexo 1. Nesta unidade, o foco será na forma de responder a esses conflitos. Esta unidade estabelece igualmente uma base para a metodologia da coesão social 3C/4D que será abrangida pela Unidade 3 (g).

RESPONDER A TIPOS ESPECÍFICOS DE CONFLITO

Tire partido das suas próprias experiências e da informação fornecida na Unidade 3 / Material de apoio 5 para praticar, através de role-plays, como responder a diferentes situações.

²⁵ Adaptado com modificações do Centro Africano para a Resolução Construtiva de Litígios (ACCORD), 2004. *Formação em Negociação e Mediação: Em busca de soluções africanas para os desafios africanos através de um processo de aprendizagem participativa—Workbook.*

De notar que se deve ter cuidado extra ao gerir conflitos com dinâmicas de poder assimétrico. As diferenças de género, idade e capacidade podem acrescentar complexidades adicionais a qualquer um dos tipos de conflito e influenciarão a escolha das respostas ou a forma como a resposta escolhida se desenrola. Por exemplo, um conflito de natureza de violência doméstica que envolver marido e mulher não será tratada da mesma forma que outro tipo de conflito.



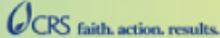
ATIVIDADE—ROLE-PLAYS

Juego de roles - Véase la unidad 3 / recurso 2 y unidad 3 / folleto 5

Grupo 1 - juego de rol 1 - respuesta a un conflicto intragrupal: Existe un conflicto dentro de un grupo tribal. Los miembros del grupo están divididos, algunos aceptan una propuesta de diálogo con sus enemigos (otro grupo tribal) y otros se mantienen firmes en que no quieren dialogar con el enemigo. Intentan resolver este desacuerdo internamente mediante una negociación.

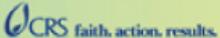
Grupo 2, juego de rol 2 - respuesta a un conflicto interpersonal: Una pareja de esposos está en conflicto sobre el uso de los recursos familiares. Solicitan ayuda a un anciano del clan para que medie y les asista en la resolución de este problema.

Grupo 3, juego de rol 3 - respuesta al conflicto intergrupual: Hay un conflicto entre dos grupos: una comunidad agrícola y un grupo de pastores con grandes rebaños. Están librando una disputa por la tierra. Los agricultores quieren la tierra para cultivar, mientras que los pastores la reclaman para pastoreo. Acuerdan traer o designar a otra parte para que tome una decisión sobre los derechos sobre la tierra (arbitraje).

 faith. action. results.

Preguntas para el juego de rol

- ¿Qué métodos utilizó?
- ¿Qué aspectos tomó en cuenta para lograr una respuesta exitosa?
- ¿Qué consideraciones hizo para tratar las asimetrías de poder que podrían incidir negativamente en la decisión final?
- ¿Qué ventajas y desventajas observó en el método utilizado?
- ¿Qué lecciones aprendió sobre las respuestas al conflicto?

 faith. action. results.



MENSAGENS-CHAVE

- Em resposta ao conflito, prefere-se abordagens participativas de resolução de problemas que promovam a colaboração, o compromisso e a apropriação do processo. Podem incluir discussões informais, diálogo, mediação e negociação. Em alguns casos, como quando se recorre à arbitragem, uma terceira parte é levada a decidir em nome das partes em conflito.
- O tipo de conflito com que está a lidar e as circunstâncias que o rodeiam, determinam o(s) método(s) que irá utilizar para o resolver. É uma boa prática realizar sempre uma análise de conflito para informar as suas decisões.



RECURSOS E MATERIAL DE APOIO

UNIDADE 3 / RECURSO DE FORMAÇÃO 2

Juegos de rol—Respuesta al conflicto

Cada grupo deve criar um role-play baseado na informação fornecida abaixo e na Unidade 3 / Material de apoio 6 (Métodos de resposta ao conflito). A informação-chave para cada role-play é fornecida, mas espera-se que cada grupo se baseie nesta informação de forma criativa para conceber um role-play que irá apresentar aos outros participantes.

Grupo 1, role-play 1—responder ao conflito intragrupo

Existe conflito dentro de um grupo tribal. Os membros do grupo estão divididos, alguns concordando com uma proposta de diálogo com os seus inimigos (outro grupo tribal) e outros mantendo-se firmes de que não querem dialogar com o inimigo. Tentam resolver este desacordo internamente por si próprios através da negociação.

Grupo 2, role-play 2—responder ao conflito interpessoal

A esposa e o marido estão em conflito sobre a forma como os recursos familiares estão a ser utilizados. Procuram a ajuda de um ancião do clã para mediar e ajudá-los na resolução deste problema.

Grupo 3, role-play 3—responder ao conflito intergrupar

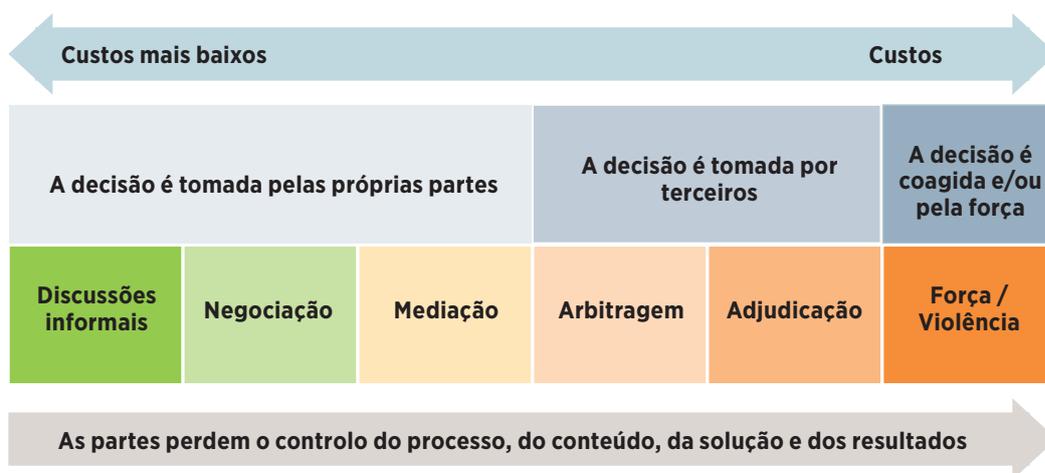
Existe conflito entre 2 grupos—uma comunidade agrícola e um grupo pastoril com grandes manadas de gado. Estão a lutar por causa de terra. Os agricultores querem terra para cultivar, enquanto os pastores querem a terra para pastorear. Concordam em recorrer a / nomear outra parte quem tem direitos de utilizador (arbitragem).

UNIDADE 3 / MATERIAL DE APOIO 6

Métodos de resposta ao conflito

Introdução

Em resposta ao conflito, prefere-se abordagens participativas de resolução de problemas que promovam a colaboração, o compromisso e a apropriação do processo. Podem incluir discussões informais, diálogo, negociação e mediação. Em alguns casos, como quando se recorre à arbitragem, uma terceira parte é levada a decidir em nome das partes em conflito (ver continuum de gestão do conflito²⁶ abaixo).



De notar que as partes em conflito perdem o controlo do processo, do conteúdo, da solução e dos resultados à medida que se vai passando das discussões informais para o uso da força e da violência. O conflito poderia ser resolvido utilizando um método, mas, muitas vezes, é utilizada uma mistura de métodos para resolver um conflito em particular.

- Discussões informais acontecem dentro de situações do quotidiano. É uma forma de **negociações muito informais**.
- A negociação é quando as partes envolvidas **falam umas com as outras** para resolver um problema/conflito. É um processo interativo onde deve haver mesmo equilíbrio de poder e as partes querem chegar a um acordo conjunto.
- A mediação é uma forma de *negociação facilitada* onde **as partes convidam um terceiro neutro**, aceitável para todos, para os ajudar a chegar a um acordo conjunto e é apropriada em situações de desequilíbrio de poder desigual.
- A arbitragem é quando se solicita a um **terceiro externo (um árbitro)**, alguém com “sabedoria” ou especialização, que **resolva o problema e tome uma decisão em nome das partes**.
- A adjudicação é quando o problema é **resolvido por um juiz ou pelos tribunais** com base em procedimentos e regras de direito estabelecidos.
- A força é onde o **conflito é combatido**, em vez de se falar sobre ele.

Segue-se uma orientação sobre a resposta a quatro tipos de conflito: conflitos

²⁶ Adaptado com modificações do Centro Africano para a Resolução Construtiva de Litígios (ACCORD), 2004. Formação em Negociação e Mediação: Em busca de soluções africanas para os desafios africanos através de um processo de aprendizagem participativa—Workbook

intrapessoais, interpessoais, intragrupoais e intergrupoais (apresentados na Unidade 2 (a)). De notar também que a metodologia 3C/4D introduzida na Unidade 3 (g) se baseia nos princípios descritos abaixo.

Para conflitos intrapessoais—É importante ajudar a pessoa a compreender as suas emoções profundas e aprender a tratá-las de forma construtiva. Equipar essas pessoas com aptidões para gerir o stress e as emoções destrutivas, aptidões para lidar com conflitos de forma significativa (por exemplo, aptidões básicas de transformação de conflitos e respostas não violentas para mudança de atitude e comportamento), bem como outras competências para a vida em paz. Prestar apoio psicossocial básico e aconselhamento quando necessário, e se necessário (por exemplo, nos casos em que a pessoa está a sofrer sintomas graves de trauma), encaminhá-la para cuidados profissionais. Os recursos da CRS para abordar o trauma incluem o guia de formação Introdução à Consciência do Trauma e Resiliência, Cantar para os Leões e Renascer de Raízes Resilientes.²⁷ As informações nesta secção também se referem à Unidade 3 (g) em Binding (Conexão—consigo mesmo).

Conseguir gerir conflitos intrapessoais é importante para gerir outros tipos de conflitos. Por exemplo, a compreensão mais profunda das próprias emoções e interesses estabelece uma melhor base para a negociação através de conflitos interpessoais—permitindo a construção de relações melhores e mais confiantes.

Para conflitos interpessoais—Responder com abordagens participativas de resolução de problemas que promovam a colaboração, o compromisso e a apropriação do processo. Podem incluir discussões informais, diálogo e negociação. Se necessário, poderão ser utilizados métodos que exijam um terceiro de confiança e objetivo para apoiar o processo, tais como a mediação e a arbitragem.

Contudo, a mediação convencional pode não ser apropriada em situações de conflito assimétrico e certas modificações são necessárias para retificar os desequilíbrios de poder entre as partes. Por exemplo, em casos de violência baseada no género, incluindo violência doméstica, onde as normas culturais desempenham um forte papel e onde as pressões e expectativas culturais e familiares ocultas podem limitar a capacidade de todas as partes de participar plenamente e de falar abertamente sobre as questões.

É essencial começar por compreender a situação (por exemplo, através de uma análise de conflito) antes de levar as partes a definir o problema em termos de necessidades. De seguida, seria fazer um brainstorming de soluções possíveis e explorar uma variedade de opções antes de selecionar soluções viáveis que melhor satisfaçam as necessidades de ambas as partes. É também importante chegar a uma decisão sobre como a solução acordada será realizada, por exemplo, acordar quem fará o quê até quando, etc. Alguns princípios-chave são importantes e estes devem ser utilizados para orientar o processo ²⁸:

- **Separar as pessoas do problema** para lhe permitir compreender claramente o problema e transformar as relações;
- Concentrar-se em **interesses**, não em **posições** que lhe permitam chegar a uma solução que responda às necessidades e aos interesses de todas as partes;
- Considerar **uma série de estratégias / opções**, incluindo estratégias criativas, antes de decidir o que deve ser feito; e

²⁷ CRS, 2018. Introdução à Consciência do Trauma e Resiliência, Edição revista, CRS Sudão do Sul. <https://www.crs.org/our-work-overseas/research-publications/introduction-trauma-awareness-and-resilience>

²⁸ Do projeto de Negociação de Harvard.

- Basear o resultado em alguma **norma ou algum critério objetivo** para determinar o que é justo e razoável de modo que a solução seja mais equitativa. Por exemplo, se o acordo for o infrator pagar uma taxa, a taxa poderá ser baseada nos preços de mercado em curso.

Para conflitos intragrupos—As abordagens, as técnicas e os princípios para responder ao conflito intragrupo assemelham-se muito aos utilizados para o conflito interpessoal. No entanto, realçar o seguinte:

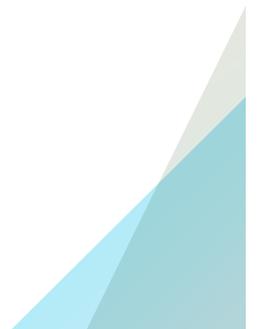
- As respostas destinam-se a abordar as lutas internas—desacordos internos dentro de um grupo com características semelhantes ou grupo de identidade única. O conflito pode ser resolvido internamente. No entanto, dependendo da gravidade / profundidade do conflito, o grupo pode decidir obter ajuda externa para resolver as diferenças, por exemplo, através de terceiros.
- Uma vez que o conflito está dentro de um grupo, os esforços para ajudar o grupo a unir-se em torno dos seus valores, interesses e visão comuns são vitais, tal como explicado na Unidade 3(g) em Bonding (contacto).

Para conflitos intergrupais—Como referido acima, são úteis abordagens, técnicas e princípios semelhantes aos utilizados em conflitos interpessoais. Destacam-se os seguintes pontos:

- As respostas destinam-se a resolver conflitos entre diferentes grupos de identidade ou grupos de características diferentes.
- Antes de reunir os grupos para quaisquer atividades, avaliar a temperatura. De seguida, determinar o que é necessário para preparar cada grupo separadamente—através de um trabalho de identidade única. Isto é para garantir que cada grupo está pronto para um compromisso significativo com o outro grupo. O trabalho de identidade única pode incluir o trabalho sobre atitudes negativas, percepções e crenças que cada grupo tem sobre o outro, etc. Pode também ser para lhes permitir unir em torno de uma visão/objetivo positivo comum.
- Quando for oportuno, reunir os grupos para se envolverem em torno das suas preocupações e dos seus objetivos comuns em espaços seguros. O princípio “Do No Harm” deve estar subjacente a quaisquer decisões e atividades que estejam em curso. Se não parece haver um desejo de que a parte com mais poder se comprometa a resolver o conflito, então, a união pode não oferecer os resultados desejados.
- O contacto positivo entre grupos divididos é encorajado para melhorar a compreensão mútua, construir relações e um ambiente para esforços de colaboração no sentido da justiça social. Evitar atividades de contacto entre grupos divididos que enfatizem as divisões e diferenças entre eles. Isto pode ser feito, por exemplo, através de projetos conectores onde grupos de diferentes identidades obtêm uma oportunidade de conceber, projetar e implementar projetos em conjunto.
- Uma abordagem de exemplo para isto é explicada na Unidade 3(g)—Bridging (construção).

Conclusão

É importante compreender o tipo ou tipos de conflitos envolvidos no conflito que se está a tentar resolver. Isto determina as estratégias e os métodos que se utilizam para resolver o conflito. Mais uma vez, as ligações entre os diferentes tipos de conflito exigem ligações entre as respostas. Por exemplo, quando se responde a um conflito intergrupar, pode ser necessário abordar primeiro o conflito intragrupal ocorrido por um dos grupos em conflito, para que a resposta seja eficaz. De notar que as pessoas “saudáveis” (por exemplo, as capazes de gerir o seu conflito intrapessoal) e os grupos “saudáveis” (os capazes de lidar eficazmente com as diferenças internas) estão melhor posicionados para abordar conflitos de outros tipos e para participar mais eficazmente na promoção da justiça social e da transformação. De notar também que deve ser considerado o trabalho de identidade única antes de se reunirem grupos em conflito para ultrapassar as suas diferenças. Mais uma vez, prefere-se abordagens participativas de resolução de problemas que promovam a colaboração, o compromisso e a apropriação do processo.



UNIDADE 3(G): INTRODUÇÃO À METODOLOGIA DE COESÃO SOCIAL 3C/4D DA CRS

BREVE INTRODUÇÃO

Uma forma de responder ao conflito ou abordar as divisões é identificar um processo que leve as partes a envolverem-se mutuamente num diálogo construtivo. “Laços que Vinculam”²⁹ ou os 3C/4D é uma das metodologias que promove um processo deste tipo. “3B” significa Binding-Bonding-Bridging (“3C”—Conexão, contacto, construção) e “4D”, Discovery-Dream-Design-Deliver.

Nesta metodologia, os principais intervenientes dos conflitos são facilitados para descobrir os seus pontos fortes individuais e coletivos e identificar as suas responsabilidades mútuas na promoção da coesão social. O foco está mais no que liga e energiza as pessoas, do que nos obstáculos e questões que as separam. Isto está no cerne da metodologia. A metodologia 3C/4D pode ser utilizada com os principais intervenientes a nível superior, intermédio e básico (os níveis definidos anteriormente) para promover a coesão social em comunidades caracterizadas por clivagens sociais baseadas na religião, raça, etnia, género, classe, ocupação de meios de subsistência, geografia, etc. Ajuda a abordar os conflitos intrapessoais, intragrupos e intergrupos, como será explicado mais tarde.

COMPREENDER A COESÃO SOCIAL



ATIVIDADE—DISCUSSÃO A PARES SOBRE A COMPREENSÃO DA COESÃO SOCIAL



A noção de coesão social abraçada pela metodologia 3C/4D considera a compreensão do termo por parte da CRS. A CRS a CRS vê a coesão social como “a força, qualidade e diversidade das relações entre indivíduos, grupos e comunidades, juntamente com as ligações entre a sociedade e o Estado, mercados e outras instituições, todas baseadas na confiança, no respeito, na mutualidade e na igualdade

²⁹ Catholic Relief Services, 2017. Laços que Vinculam: Construir a Coesão Social em Comunidades Divididas, Guia de formação. Disponível em https://www.crs.org/sites/default/files/tools-research/crs_ties_rev-08-03-2017_web.pdf

de oportunidades, para a dignidade e o bem-estar de cada pessoa e para o bem comum de todos.

A ênfase nas relações na definição acima referida de Coesão Social é consistente com a tradição da Doutrina Social Católica de construção de “Relações Certas”, tal como abrangido na Unidade 1. Ao caracterizar a coesão social, a CRS considera dois elementos-chave:

1. Dimensionalidade horizontal e vertical
2. Esferas socioculturais, económicas e políticas da interação humana

Estas estão representadas no Quadro Concetual da Coesão Social da CRS abaixo (Ver Unidade 3 / Material de apoio 7, onde estes conceitos são explicados em profundidade).



- De notar que, embora os princípios, valores e parâmetros da coesão social sejam universais, a compreensão da coesão social é contextual e pode diferir de contexto para contexto uma vez que o que mantém uma comunidade/sociedade unida e o que causa divisões dentro dela varia com base no contexto. Muitos fatores locais determinam o que mantém uma comunidade ou sociedade unida, e o que causa divisões. Portanto, como se vê na Unidade 2 “Comprender o conflito”, uma análise do contexto, das forças a favor e contra a coesão social e as dinâmicas de conflito e poder relacionadas é uma necessidade para uma compreensão mais matizada antes de qualquer intervenção de coesão social.
- As condições que facilitam o movimento rumo a uma sociedade socialmente coesa incluem: a redução da exclusão, de desigualdades e disparidades; e o reforço de relações e laços sociais. A equidade, a inclusão social, a confiança social e institucional e uma identidade partilhada são importantes.

A METODOLOGIA 3C/4D



A metodologia 3C/4D engloba os princípios do Inquérito Apreciativo (AI). Os 4D do AI, conforme explicados abaixo, são sustentados pelo princípio de que “as relações humanas prosperam onde há uma visão positiva”.

- **Descobrir** (o primeiro D)—Descobrir através de uma visão apreciadora, o ouro dentro de si e de outros (o seu grupo e outros grupos) que alimenta a coesão social
- **Sonhar** (o segundo D)—Com uma visão positiva, imagine um futuro harmonioso partilhado
- **Conceber** (o terceiro D)—Valorizar a importância de trabalhar em conjunto, co-conceber um projeto inovador e inclusivo
- **Concretizar** (o quarto D)—Através de uma ação conjunta, transforme o seu mundo num mundo socialmente coeso.

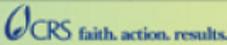
Outro componente-chave da metodologia são os 3C. São explicados abaixo:

- Ao **nível da conexão**—consigo mesmo (o primeiro B)—promove a auto-cura, a transformação e o agenciamento (aborda o conflito intrapessoal).
- Ao **nível do contacto** (o segundo B)—reforça as relações e a compreensão mútua dentro de um grupo de identidade (aborda o conflito intragrupo).
- Ao **nível da construção** (o terceiro B)—desenvolve a compreensão e a confiança entre dois ou mais grupos de identidade (aborda o conflito intergrupos).

Os 3C e 4D são combinados no quadro integrado mostrado abaixo (ver Unidade 3 / Material de apoio 8 para mais detalhes).

Marco integrado 3 C/4 D

		INDAGACIÓN APRECIATIVA				
		Descubrir a través de una visión apreciativa	Desear una visión apreciativa	Diseñar a través de la apreciación de construir en conjunto		Dar a través de la acción
				Favorable	Desfavorable	
Las 3 C	Conexión con uno mismo	¿Qué características positivas poseo?	¿Cuál es mi sueño por una sociedad/país más cohesionado?	¿Cómo puedo mejorar para lograr fomentar la cohesión social?	¿Qué cualidades personales puedo construir para aportar a la cohesión social?	¿Qué puedo hacer?
	Contacto con los demás	¿Qué cualidades positivas posee mi grupo?	¿Cuál es el sueño grupal para nuestra sociedad/país?	¿Qué necesita mejorar nuestro grupo?	¿Sobre qué características intragrupales podemos construir la cohesión social?	¿Qué puede hacer mi grupo identitario?
	Construcción de puentes	¿Qué cualidades positivas tienen los otros? ¿Qué cualidades positivas tenemos en común?	¿Qué sueño podemos compartir en armonía para nuestra sociedad/país?	¿Qué debemos mejorar en las relaciones intergrupales?	¿Qué cualidades intergrupales podemos estimular para construir un futuro más armonioso?	¿Qué actividades podemos hacer juntos para fortalecer la cohesión social?

 faith. action. results.

De notar que o objetivo do AI é criar uma visão positiva ao longo de todo o processo dos 3C. Os 3C exigem o compromisso individual de mudança comportamental a nível pessoal, a nível do grupo e em colaboração com outros.



ATIVIDADE—EXERCÍCIO EM GRUPO

Metodología integrada 3 C/4 D

- ¿Cuáles son las ventajas de utilizar la metodología de las 3 C / 4 D para movilizar la cohesión social?
- Según sus contextos, ¿qué desafíos espera encontrar al implementar la metodología de las 3 C / 4 D?
- ¿Cómo abordaría esos desafíos para hacer más efectiva la metodología?

 faith. action. results.

Esta metodologia está documentada no guia de formação “Laços que Vinculam”. A formação tem 16 módulos que abrangem vínculo, adesão e união. O documento permitir-lhe-á familiarizar-se ainda mais com a metodologia.

O BARÓMETRO DA COESÃO SOCIAL

Aprofundará a compreensão da metodologia através de uma experiência com uma das ferramentas—o barómetro da coesão social.³⁰ O processo de produção de um barómetro de coesão social começa com a construção de uma visão partilhada e contextualizada da coesão social.



ATIVIDADE—EXERCÍCIO INDIVIDUAL E EM GRUPO PARA SONHAR E VISIONAR

Esta atividade segue o processo especificado abaixo.



Depois de ter passado pelo processo conforme guiado pelo facilitador e ter uma visão de grupo geral, refletirá sobre esta visão mais adiante na sessão abaixo.



ATIVIDADE—PRODUZIR UM BARÓMETRO DE COESÃO SOCIAL

Nesta atividade, desenvolverá juntamente com outros um mini-Barómetro de Coesão Social (mini-SCB).

- O mini-SCB da CRS é um instrumento que mede opiniões sobre o nível de coesão social numa zona definida, utilizando 18 indicadores que se enquadram nos domínios sociocultural, económico e político e que são administrados em contexto de workshop. A zona/área definida pode ser um país, região, distrito, comunidade, etc.

³⁰ Encontram-se orientações sobre como administrar o barómetro da coesão social num contexto de workshop nos Catholic Relief Services, 2019. O mini-barómetro da Coesão Social: Uma Ferramenta para Avaliar e Fortalecer a Coesão Social em Comunidades Divididas. https://www.crs.org/sites/default/files/tools-research/the_mini-social_cohesion_barometer-ji-websingle.pdf

- O mini-SCB permite aos utilizadores comparar a sua realidade com o sonho / visão de coesão social (por exemplo, a visão desenvolvida na sessão anterior), apreciar a distância entre os dois e inspirar a ação para colmatar esta lacuna.

Lembre-se das 3 esferas da Coesão Social apresentadas anteriormente—esferas socioculturais, económicas e políticas. A grelha de avaliação do mini-SCB (ver Unidade 3 / Material de apoio 9 para a grelha), que preencherá nesta sessão como parte da produção do barómetro, baseia-se nestas três esferas. Os resultados combinados dos formulários da grelha de avaliação individual representam a realidade das pessoas. A “realidade” é, então, comparada com a sua visão da coesão social (a visão desenvolvida anteriormente). Tal como mencionado, isto é para permitir às pessoas avaliarem o fosso e inspirarem ações para promover a coesão social.



ATIVIDADE—DISCUSSÕES EM GRUPOS PEQUENOS

Discutir o seguinte em grupos pequenos:

Barómetro para medir la cohesión social

- Según sus contextos, ¿cómo creen que será la aplicación del barómetro de cohesión social?
- ¿Qué desafíos consideran que tendrán al aplicar el barómetro en sus contextos?
- ¿Cómo puede abordar esos desafíos para que el barómetro sea más efectivo?

 CRS faith. action. results.

LIÇÕES APRENDIDAS COM A IMPLEMENTAÇÃO DA METODOLOGIA 3C/4D

Esta metodologia tem sido aplicada a projetos em diferentes contextos, tais como as Filipinas, República Centro-Africana, Libéria, etc. Há lições que são aprendidas através desta experiência no terreno. Estas lições são importantes e, se forem consideradas, aumentarão a eficácia da metodologia. Quatro destacam-se especificamente:

- **A necessidade de estabelecer uma rede local de formação em coesão social através da formação de formadores (ToT).** Trata-se de equipar os ex-alunos de seminários anteriores sobre coesão social para conduzirem os seus próprios

seminários sobre coesão social. Os ToT são responsáveis por conduzir outros no caminho para a compreensão, o reforço e a expansão da coesão social nas comunidades.

- **A necessidade de criar união entre grupos em conflito / comunidades afetadas pelo conflito através de “projetos conectores”.** Estas são atividades de desenvolvimento de benefício mútuo para grupos em conflito que criam, concebem e implementam em conjunto. A CRS a CRS desenvolveu a sua abordagem aos “projetos conectores” (CNP).
- **A necessidade de mobilizar os líderes, recorrer ao apoio destes para potenciar o acesso e influenciar estruturas e sistemas para reforçar a coesão social.** O objetivo deve ser reforçar as capacidades estratégicas dos intervenientes / líderes da comunidade em princípios e estratégias de defesa.
- **A necessidade de construir alianças com uma rede de pessoas e organizações que partilhem princípios, valores e objetivos semelhantes.** Estas alianças devem visar o avanço da coesão social.



MENSAGENS-CHAVE

- A metodologia 3C/4D é sobre um processo de mudança de comportamento. Os 3C destinam-se a catalisar o compromisso individual de mudança comportamental a nível pessoal, a nível do grupo e em colaboração com outros.
- A metodologia 3C/4D promove a auto-cura e transformação (aborda o conflito intrapessoal) através de atividades de adesão, fortalece as relações e a compreensão mútua num grupo de identidade (aborda o conflito intragrupo) através de atividades de vínculo, e desenvolve a compreensão e confiança mútua entre dois ou mais grupos de identidade (aborda o conflito intergrupo) através de atividades de união.
- A parte 4D (AI) da abordagem integrada reforça a visão positiva necessária para que a coesão social ganhe raízes.
- A metodologia visa melhorar a coesão tanto horizontal como vertical nas esferas sociocultural, económica e política.
- Promover a equidade, a inclusão social, a confiança social e institucional e uma identidade partilhada é importante.

Para mais informações sobre a metodologia, os 3C/4D são elaborados no guia de formação “Laços que Vinculam”. É encorajado a obter o guia de formação e a familiarizar-se com ele. Além disso, ver Unidade 3 / Material de apoio 8 para leitura adicional.



RECURSOS E MATERIAL DE APOIO

UNIDADE 3 / MATERIAL DE APOIO 7

Compreender a Coesão Social³¹

A coesão social é um conceito com várias interpretações. Algumas definições enfatizam a harmonia e inclusão social, a solidariedade humana na diversidade, e o bem-estar inclusivo de uma comunidade ou sociedade. Outros concentram-se no tecido social: a abundância de ligações e associações numa sociedade, e a presença de ligações e contrapesos que moldam a relação entre o cidadão e o Estado.

A CRS vê a coesão social como **“a força, qualidade e diversidade das relações entre indivíduos, grupos e comunidades, juntamente com as ligações entre a sociedade e o Estado, mercados e outras instituições, todas baseadas na confiança, no respeito, na mutualidade e na igualdade de oportunidades, para a dignidade e o bem-estar de cada pessoa e para o bem comum de todos.**

A ênfase nas relações na definição acima referida de Coesão Social é consistente com a tradição da Doutrina Social Católica de “Relações Certas”. Isto significa relações que defendem a dignidade e o bem-estar de cada pessoa independentemente da raça, etnia, classe, religião, sexo, idade ou outras características definidoras e englobam os valores da inclusão, justiça e equidade, igualdade de oportunidades, diálogo aberto, respeito pela diversidade. Estes princípios devem ser manifestados em casa, no bairro, na comunidade e na sociedade. Devem também ressoar nas instituições socioculturais, económicas e políticas.

Ao caracterizar a coesão social, a CRS considera dois elementos-chave:

1. Dimensionalidade horizontal e vertical; e
2. As esferas sociocultural, económica e política da sociedade.

A continuação, se detallan:

■ **Dimensionalidade horizontal e vertical:** A coesão social é determinada pela força e qualidade das relações horizontais e verticais de uma sociedade. Ambas são de importância vital para a paz, justiça e estabilidade.

- A *coesão social horizontal* refere-se à qualidade das relações entre iguais ou quase iguais³² tanto para indivíduos como para grupos diversos dentro de uma sociedade; ou seja, aos níveis de solidariedade, confiança, aceitação, reciprocidade, mutualidade e multiplicidade de ligações. A coesão social horizontal é importante tanto dentro de grupos de identidade ou afinidade (vínculos) como através de múltiplos grupos de diversas identidades e características (uniões).
- A *coesão social vertical* refere-se às ligações que interligam as relações entre hierarquias, por exemplo, níveis de liderança, autoridade, poder e influência.³³

31 Esta secção sobre Compreender a Coesão Social é um excerto dos Catholic Relief Services, 2019. *O mini-Barómetro de Coesão Social: Uma Ferramenta para Avaliar e Fortalecer a Coesão Social em Comunidades Divididas*, pp. 1-4. https://www.crs.org/sites/default/files/tools-research/the_mini-social_cohesion_barometer-ji-websingle.pdf

32 Ver Uphoff (2000) citado em Colletta J. Nat e Cullen L. Michelle, 2000. *O Nexo entre Conflito Violento, Capital Social e Coesão Social: Casos de Estudo do Camboja e Ruanda*, Iniciativa Capital Social, Documento de Trabalho N.º 23, Banco Mundial. (p.3).

33 Estas ligações descendentes através de diferentes níveis de poder, estatuto social, hierarquias ou “distância vertical” dão às comunidades e grupos locais uma oportunidade de potenciar essas relações para aceder a recursos externos e/ou fontes de poder. Para uma melhor compreensão da coesão social vertical, consultar Valarie Vat Kamatsiko (2019), *Coesão Social Vertical na Metodologia Conexão*, Contacto, Construção (3C): Cristalizar a Compreensão Conceptual e Opções de Prática (CRS, não publicado).

Diz respeito ao grau em que as instituições estatais e não estatais—por exemplo, o mercado, culturais/tradicionais, religiosas, grupos da sociedade civil, ONG, etc.—interagem com comunidades e indivíduos de forma inclusiva, equitativa, transparente e responsável,³⁴ com o duplo objetivo de reforçar as relações sociais e reduzir as desigualdades, a exclusão e as divisões num ambiente de igualdade de oportunidades para todos. As instituições estatais e não estatais são sistemas de regras sociais estabelecidas e incorporadas (explícitas ou implícitas) que estruturam grande parte das interações humanas, restringem e permitem comportamentos e apoiam ou minam a coesão social.³⁵ Num sentido cívico, a coesão social vertical refere-se às ligações Estado-sociedade e ao contrato social (ver barra lateral)³⁶ entre os cidadãos e o Estado³⁷ No mercado, refere-se às relações entre consumidores, produtores e outros intervenientes do mercado, incluindo os decisores políticos.

O que queremos dizer com “contrato social”?

Refere-se ao entendimento implícito ou explícito entre a sociedade e o governo que define os direitos e as responsabilidades de cada um—especialmente a troca de bens e serviços públicos—e fornece um quadro para a harmonia social, incluindo um conjunto de regras formais e informais e normas de comportamento que regulam as relações entre o Estado e a sociedade.

- **Esferas sociocultural, económica e política:** A coesão social engloba três grandes esferas de interação humana—as esferas sociocultural, económica e política. Estas esferas têm também uma relação com as categorias de bens incluídos no quadro do Desenvolvimento Humano Integral (DSI).³⁸ Por exemplo, os bens sociais e espirituais dizem respeito à esfera sociocultural, os bens financeiros, físicos e naturais à esfera económica, e os bens políticos à esfera política. Os bens humanos (aptidões, capacidades, perícia, talento, etc.) podem estar associados às três esferas.
 - A esfera *sociocultural* centra-se em: relações sociais através de divisões tais como coexistência, tolerância e aceitação das diferenças; identidade de grupo e pertença a um todo maior; capital social (ver barra lateral)³⁹ que engloba a confiança mútua, reciprocidade e outros bens que resultam de redes e vida associativa e facilitam a cooperação em torno de objetivos partilhados; e normas que moderam e influenciam a vida sociocultural.

34 Nat J. Colletta et al, 2001. Coesão Social e Prevenção de Conflitos na Ásia: Gerir a Diversidade pelo Desenvolvimento, Banco Mundial, 2001.

35 North Douglas, 1990 citado em Acemoglu Daron e Robinson James, 2008. O Papel das Instituições no Crescimento e Desenvolvimento, Documento de Trabalho nº 10, O Banco Internacional sobre Reconstrução e Desenvolvimento/Banco Mundial, p.2; e Hodgson M. Geoffrey, 2006. O que são Instituições? Journal of Economic Issues, Vol. XL, No.1. p.2.

36 A explicação de “contrato social” na barra lateral é informada pela Equipa de Investigação MENA do Instituto Alemão de Desenvolvimento (DIE), 2018. Documento de contextualização para a sessão 1: Reconstrução de um contrato social baseado no diálogo social, Reunião Anual do Grupo de Trabalho de Resiliência da MENA-OCDE, Jeddah 4-5 de dezembro de 2018, p. 1.; e os bens públicos em referência são: paz e segurança; justiça e estado de direito; direitos humanos e civis; serviços e gestão de recursos; e acesso económico e oportunidade. Para mais informações sobre este assunto, consultar Catholic Relief Services, 2018. Envolver o Governo: Um Guia para Trabalhar para a Mudança Social da CRS, p.19.

37 Catholic Relief Services, 2017. Laços que Vinculam: Construir a Coesão Social em Comunidades Divididas, Guia de Formação. Disponível em https://www.crs.org/sites/default/files/tools-research/crs_ties_rev-08-03-2017_web.pdf. Para mais discussões sobre o “contrato social”, ver também a discussão do “consenso” no Quadro de Avaliação Estratégica de Democracia, Direitos Humanos e Governança da USAID (2014): 9-12), disponível em https://www.usaid.gov/sites/default/files/documents/1866/Master_SAF_FINAL%20Fully%20Edited%209-28-15.pdf

38 CRS, 2008. Guia do Utilizador para o Desenvolvimento Humano Integral (IHD), Guia Prático para o Pessoal e Parceiros da CRS, p.6.

39 A explicação de “capital social” na barra lateral é informada por Cloete, Anita, 2014, “Coesão social e capital social”: Possíveis implicações para o bem comum”, *Verbum et Ecclesia* 35(3), Art.º 1331, 6 páginas. <http://dx.doi.org/10.4102/ve.v35i3.1331>:

Qual é a diferença entre o capital social e a coesão social?

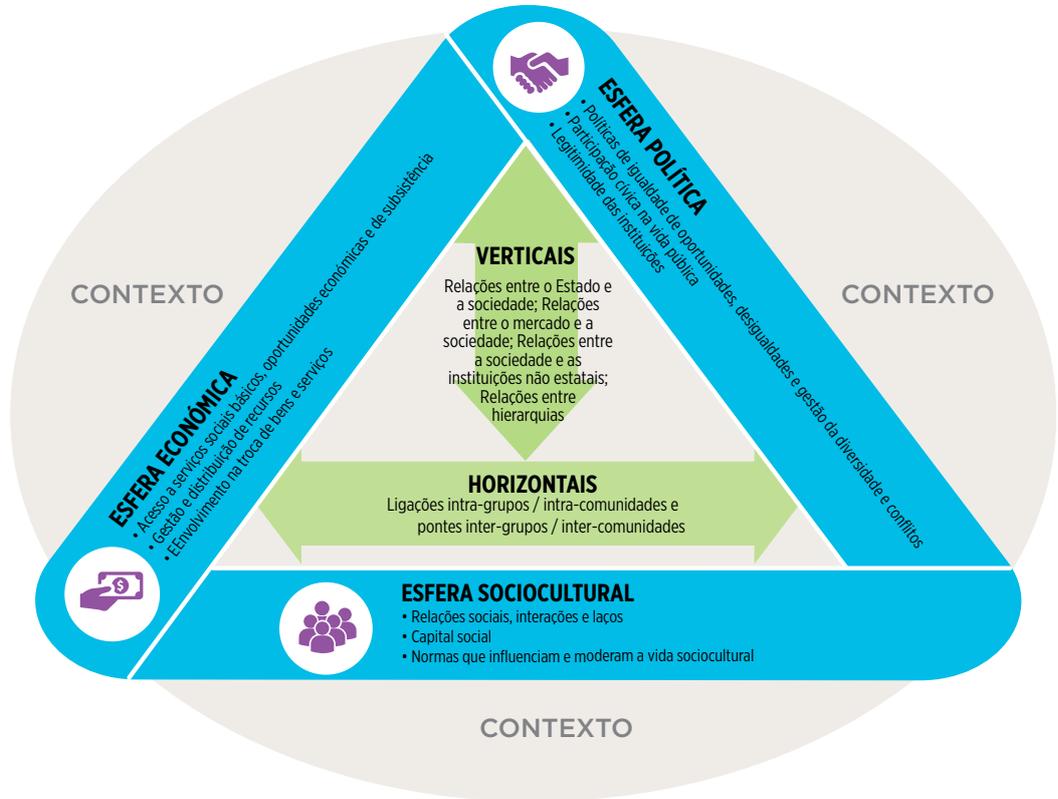
Podemos pensar no capital social como os bens e recursos intangíveis que surgem das redes humanas e da vida associativa e facilitar a cooperação em torno de objetivos partilhados. O capital social pode ser considerado um pré-requisito para a coesão social, que depende do capital social acumulado, mas vai para além dele para moldar as interações na sociedade.

- A esfera *económica* centra-se em: equidade na partilha, distribuição e gestão dos recursos (financeiros, naturais e físicos); e igualdade de oportunidades no acesso aos serviços sociais básicos, oportunidades económicas e de subsistência e progresso na vida (mobilidade social ascendente). Abrange também a autoajuda mútua, bem como as normas do mercado em questão com a equidade no acesso aos mercados e a troca de bens e serviços, incluindo o mercado de trabalho.
- A esfera *política* diz respeito ao grau de confiança nas instituições do Estado, ao envolvimento cívico inclusivo para influenciar os processos de tomada de decisões que afetam a vida pública, e à eficácia das instituições do Estado para assegurar a igualdade de oportunidades, reduzir as desigualdades e divisões na sociedade, e proporcionar quadros políticos que respondam às necessidades de todos os cidadãos.

A CRS reconhece que, enquanto os princípios, valores e parâmetros da coesão social são universais, a coesão social é moldada pelas preferências, história, cultura, crenças e valores de uma sociedade. Muitos fatores locais determinam o que mantém uma comunidade ou sociedade unida, e o que causa divisões. Portanto, uma análise do contexto, das forças a favor e contra a coesão social e as dinâmicas de conflito e poder relacionadas é uma necessidade para uma compreensão mais matizada antes de qualquer intervenção de coesão social.

O seguinte quadro conceptual capta a caracterização acima referida:

Marco conceptual de la cohesión social de CRS



UNIDADE 3 / MATERIAL DE APOIO 8

A Metodología 3C/4D da Coesão Social

A. **3B: Binding-Bonding-Bridging /3C: Conexão** [consigo mesmo], **-Contato** [com os demais], **-Construção** [de pontes],

Binding (o primeiro B) / Conexão(o primeiro C) encoraja a reflexão pessoal para explorar e quebrar estereótipos e preconceitos, constrói a consciência e o respeito pelo “outro” e pelas diferenças, ajuda os indivíduos a adquirir aptidões para lidar com conflitos de formas saudáveis e encoraja a introspeção para compreender as emoções profundas de cada um e como lidar construtivamente com elas, incluindo lidar com o stress e o trauma. Os indivíduos também descobrem e apreciam o seu papel na construção de sociedades socialmente coesas.

Bonding (o segundo B)/ Contato(o segundo C) reforça e reconstrói as relações/contatos no seio de uma comunidade ou grupo cujos membros são reunidos por características ou identidades semelhantes, preparando-os para um envolvimento substancial com o “outro”. Na relativa segurança da sua própria comunidade ou grupo, trabalham através das suas semelhanças e diferenças, compreensões e opiniões diversas, e visões alternativas do futuro. A adesão ajuda as comunidades / grupos individuais a agregar as suas preocupações, necessidades e prioridades, facilitando-lhes a voz durante os compromissos com o “outro”.

Bridging (o terceiro B) / Construção (o terceiro C) reúne duas ou mais comunidades ou grupos com características e identidades diferentes que estão em conflito para abordar questões de interesse mútuo e interagir propositadamente para benefício mútuo num espaço seguro. O diálogo intergrupar, um importante elemento da união, afasta o foco dos grupos para as causas do conflito, de modo a torná-los concretos e resolúveis. A união constrói confiança, criando plataformas de ação coletiva que podem permitir às comunidades divididas concentrarem-se no avanço de uma agenda partilhada. Os grupos podem alcançar uma compreensão mútua da sua história; analisar conjuntamente questões e conflitos violentos; gerar informação coletiva; resolver um incidente de conflito; construir uma visão comum e alcançá-la através de projetos/atividades conectores.

Os grupos criam ligações com instituições estatais e não estatais—por exemplo, o mercado, culturais/tradicionais, religiosas, grupos da sociedade civil, ONG, etc.— com o duplo objetivo de reforçar as relações sociais e reduzir as desigualdades, a exclusão e as divisões num ambiente de igualdade de oportunidades para todos. Comunidades ou grupos unidos combinam recursos e amplificam a sua voz em torno de reivindicações agregadas e comprometem-se com as instituições a abordar as injustiças sociais incorporadas em sistemas e estruturas que minam a construção de sociedades socialmente coesas.

B. **4D: Discover-Dream-Design-Deliver**

Com cada um dos processos dos 3B/3C, as partes devem utilizar os 4D para orientar a sua reflexão e resoluções.

Discover (o primeiro D): Desenterrar o ouro que alimenta a coesão social. Para cada B/C, os participantes são facilitados a descobrir, a nível pessoal e coletivo, que bens estão disponíveis para eles. Muito frequentemente, as partes em conflito tendem a negligenciar ou menosprezar os seus próprios pontos fortes existentes. Esta é

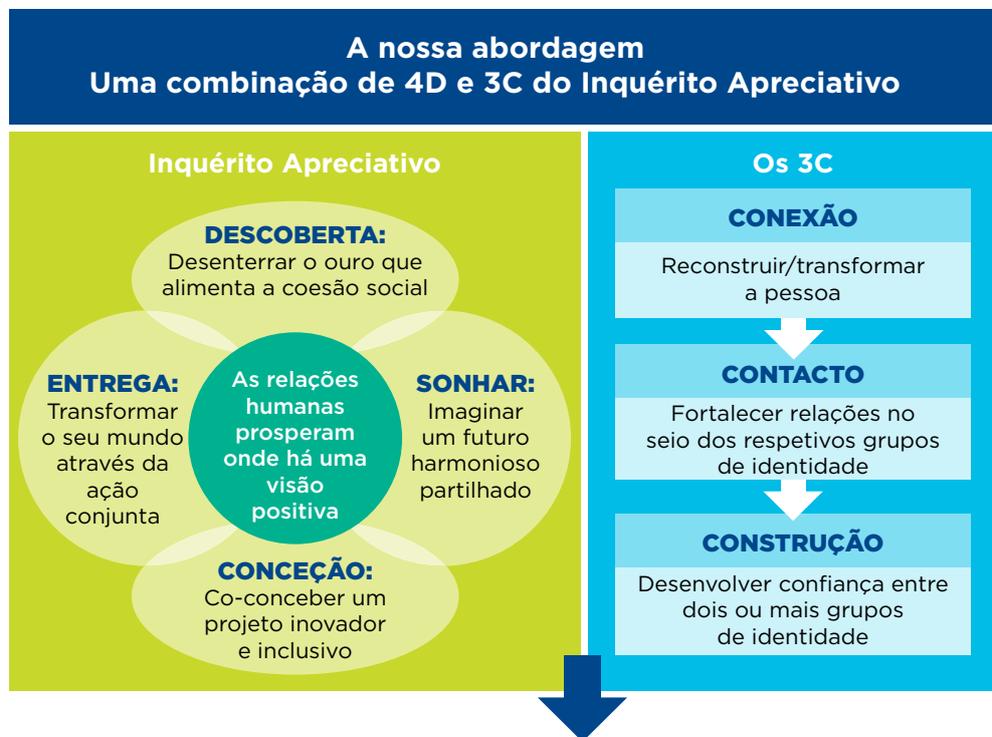
uma oportunidade de utilizar o quadro do Desenvolvimento Humano Integral para descobrir os bens internos necessários para responder ao conflito de uma forma sustentável. Estas capacidades locais são essenciais na abordagem das questões de conflito e na construção da resiliência das comunidades envolvidas.

Dream (o segundo D): Imaginar um futuro harmonioso partilhado. É importante que os participantes no processo 3B/4D desenvolvam um sonho, uma visão do que as partes em conflito, individual e coletivamente, gostariam de ver no futuro. É aqui que irão retirar as energias para resistir a choques e contratemplos nas suas relações. A resiliência é também construída por uma visão energizante.

Design (o terceiro D): Co-conceber um projeto inovador e inclusivo. Para dar vida à sua visão, as partes em conflito devem desenvolver, individual e coletivamente, planos para alcançar o sonho que definiram. Estes são planos claros que respondem concretamente às reivindicações existentes, mas que também reforçam a confiança e harmonia entre os membros da comunidade para as gerações presentes e futuras. Os planos devem basear-se nos seus pontos fortes internos e nas oportunidades que lhes são oferecidas.

Deliver (o quarto D): Transformem o seu mundo através de uma ação conjunta. As ações concebidas devem ser implementadas, monitorizadas e avaliadas a contento das partes. Os membros da sociedade em causa comprometer-se-ão a iniciar atividades de projetos concretos mutuamente benéficos. Estes projetos conectores contribuirão para a construção da resiliência das comunidades, cimentando a confiança e sustentando a coesão social.

Isto está representado no diagrama abaixo.



C. Um quadro 3B/4D integrado

Em cada fase do processo 3B, as partes em conflito, utilizam conjuntamente os 4D para orientar a sua reflexão sobre a avaliação do seu estado atual do conflito, moldando os seus sonhos e desenvolvendo e implementando as suas decisões e soluções acordadas conjuntamente. As perguntas ilustrativas em cada caixa permitem aos participantes avançar do vínculo à adesão à união, ao mesmo tempo que avançam de descobrir, sonhar, conceber e concretizar.

INQUÉRITO APRECIATIVO						
		Descobrir através de uma visão apreciadora	Sonhar para uma visão apreciativa	Conceber através da apreciação da construção em conjunto		Concretizar através da ação
				Desfavorável	Favorável	
OS 3 B/3C	Conectar	O que tenho de positivo?	Qual é o meu sonho para uma sociedade / país mais coesos socialmente?	O que posso fazer para me melhorar no sentido de alcançar uma maior coesão social?	Com base em que qualidades pessoais posso alcançar a coesão social?	O que posso fazer?
	ContaCtar	Que qualidades positivas possui o meu grupo?	Qual é o sonho do nosso grupo para a nossa sociedade / país?	O que é que o meu grupo precisa de melhorar?	Em que características intragrupo podemos construir a coesão social?	O que pode o meu grupo de identidade fazer?
	Construir	Que qualidades positivas têm os outros? Que qualidades positivas temos em comum?	Que sonho podemos todos nós partilhar para a paz e harmonia na nossa sociedade / país?	O que devemos melhorar nas nossas relações intergrupais?	Que qualidades intergrupais podemos desenvolver para construir um futuro melhor e mais harmonioso?	Que atividades podemos empreender em conjunto para reforçar a coesão social?

UNIDADE 3 / MATERIAL DE APOIO 9

A GRELHA DE AVALIAÇÃO DO MINI-BARÓMETRO DE COESÃO SOCIAL⁴⁰

INSTRUÇÕES: Marque a caixa que melhor representa a sua opinião. Não inclua o seu nome neste formulário.

Indicadores apresentados como uma declaração de avaliação	Discordo totalmente	Discordo	Nem discordo nem concordo	Concordo	Concordo plenamente
S1—Tenho fortes laços sociais em diversos grupos da minha comunidade.					
S2—Os membros da minha comunidade confiam uns nos outros independentemente das diferenças de identidade (por exemplo, etnia, religião, cultura, raça, filiação política, sexo, idade, etc.).					
S3—Todas as pessoas são tratadas com dignidade, independentemente de quem sejam.					
S4—Pessoas pertencentes a diferentes grupos de identidade (por exemplo, etnia, religião, cultura, raça, filiação política, sexo, idade, etc.) aceitam e toleram umas às outras.					
S5—Existem oportunidades formais e informais na minha comunidade onde pessoas pertencentes a diferentes grupos de identidade estabelecem relações e interagem.					
S6—A minha comunidade tem a capacidade de gerir pacificamente os problemas sociais.					
E1—Estou satisfeito com as atuais condições de vida da minha família, em comparação com outros membros da comunidade.					
E2—As pessoas da minha comunidade ajudam-se umas às outras em momentos de necessidade.					
E3—Os recursos públicos são geridos de forma justa em benefício de todas as pessoas.					
E4—As pessoas têm igual acesso aos meios de subsistência e às oportunidades de emprego, independentemente de quem sejam.					
E5—As pessoas gozam de igualdade de oportunidades no acesso a serviços básicos de qualidade razoável (por exemplo, saúde e educação), independentemente de quem sejam.					
E6—Os bens e serviços são trocados num ambiente justo.					

⁴⁰ Esta grelha de avaliação é dos Catholic Relief Services, 2019. *O mini-barómetro da Coesão Social: Uma Ferramenta para Avaliar e Fortalecer a Coesão Social em Comunidades Divididas*, p.20. https://www.crs.org/sites/default/files/tools-research/the_mini-social_cohesion_barometer-jl-websingle.pdf

Indicadores apresentados como uma declaração de avaliação	Discordo totalmente	Discordo	Nem discordo nem concordo	Concordo	Concordo plenamente
P1—Participo ativamente em iniciativas comunitárias para abordar questões de interesse comum a todos.					
P2—Todas as pessoas da minha comunidade são tratadas de forma justa pelos funcionários públicos.					
P3—Partilhamos os mesmos valores cívicos que os cidadãos do mesmo país, independentemente dos grupos de identidade a que pertencamos.					
P4—Todos têm uma oportunidade de participar em processos políticos sem medo.					
P5—As pessoas são ouvidas e as suas preocupações e ideias consideradas pelas estruturas e instituições governamentais.					
P6—As pessoas têm confiança em instituições e estruturas públicas e governamentais a nível nacional e local.					

Para fins de codificação: S—esfera sociocultural; E—esfera económica; e P—esfera política.

UNIDADE 3(H): INTRODUÇÃO À RECONCILIAÇÃO E AOS SEUS QUATRO PILARES⁴¹

BREVE INTRODUÇÃO

Reconciliação é um termo complexo e é concebido de forma diferente por pessoas diferentes. Por um lado, pode representar formas práticas de lidar com as injustiças do passado, a fim de atingir outros objetivos desejados. Por outro lado, pode ser o objetivo desejado em sociedades divididas. Há opiniões divergentes sobre se a reconciliação é um fim ou um meio, um resultado ou um processo. Algumas das coisas que influenciam a compreensão das pessoas sobre a reconciliação são a sua fé e crenças religiosas, as suas culturas e tradições, estudos sobre reconciliação, e outras. Esta subunidade apenas ajuda os participantes na sua viagem de exploração profunda do que a reconciliação implica. Há a tentação de ficar preso a pequenos passos, atividades isoladas do processo, o que nos faz perder de vista o conjunto—o panorama geral da reconciliação.

INTRODUÇÃO À RECONCILIAÇÃO, AOS SEUS QUATRO PILARES, DESAFIOS E DILEMAS

Esta sessão começa com um breve exercício para mobilizar os participantes para a compreensão da reconciliação.



ATIVIDADE—DISCUSSÕES EM GRUPOS PEQUENOS SOBRE A COMPREENSÃO DA RECONCILIAÇÃO

Comprender la reconciliación

Discutan las siguientes preguntas en grupos pequeños:

- ¿Qué comprenden por reconciliación?
- ¿Por qué es importante la reconciliación?
- ¿Cómo se relaciona la reconciliación a sus contextos religiosos y culturales?

⁴¹ Esta Unidade é influenciada pelos trabalhos de John Paul Lederach, “The Meeting Place”, <https://www.colorado.edu/conflict/transform/jplchpt.htm>; “Trabalhar para a Reconciliação: Um Manual da Caritas”, Caritas Internationalis, 1999, pp.122-124); e Módulo 2: *Desafios da Reconciliação na Caritas Internationalis, Consolidação da paz: Um Manual de Formação da Caritas, Cidade do Vaticano*: Caritas, 2002 e 2006, pp. 28-56.

Há riqueza na partilha sobre a reconciliação a partir de diferentes perspetivas. Ver a Unidade 3 / Material de apoio 10 sobre Reconciliação no Cristianismo. Consulte também o *Manual de Consolidação da Paz da Caritas Internationalis* para uma leitura mais aprofundada sobre este assunto e sobre a reconciliação na perspetiva de outras tradições religiosas como o judaísmo, o islamismo, o budismo e o hinduísmo.

Com base no acima exposto, há três elementos que são importantes para a abertura de espaços para reconciliação. São discutidos abaixo.

Tres elementos importantes para crear un espacio de reconciliación

- **La gente necesita espacios seguros y acogedores.**
La posibilidad de cubrir las necesidades básicas ayuda a superar temores y ansiedades; abre las oportunidades de reconciliación.
- **La gente necesita espacios para reconstruir su confianza.**
Espacio para tomar riesgo y confiar de nuevo; el proceso es voluntario, no forzado; se manifiestan actos de bondad, no amenazas; los sitios seguros y acogedores ayudan a reconstruir la confianza perdida.
- **La gente necesita espacios para reimaginar un futuro compartido.**
Un espacio creativo permite redescubrir, imaginar, renovar la confianza y desarrollar la habilidad para construir algo nuevo con los demás.



-
-
-
- **As pessoas precisam de espaços seguros e hospitaleiros.** Estar livre de danos físicos, ter abrigo e comida, etc., ajuda-nos a superar os nossos medos e ansiedade. Quando nos sentimos seguros e bem-vindos, estamos abertos à possibilidade de reconciliação.
 - **As pessoas precisam de espaços para reconstruir a confiança.** Espaços onde podem agir com gratiosidade e experimentar a gratiosidade. As relações fracassam em grande parte porque a confiança tem sido abusada. A confiança pode ser restaurada e a reconciliação alcançada se tivermos algum nível de certeza de que a nossa confiança não será novamente quebrada.
 - **As pessoas precisam de espaços para reinventarem juntas um futuro partilhado.** Os espaços criativos permitem a redescoberta, imaginação, confiança renovada e a capacidade de construir algo novo com os outros.

De notar que as sementes da reconciliação são semeadas e regadas quando as pessoas têm espaços onde podem pensar e agir de forma diferente, onde têm espaços e oportunidade de pensar mais do que apenas na sua sobrevivência física e têm espaços onde podem começar a imaginar uma vida com o “outro” sem medo e sem ódio.

De seguida, decorre um role-play e uma discussão em painel sobre os quatro pilares da reconciliação, Justiça-Paz-Verdade-Misericórdia, tal como concebidos por John Paul Lederach que dramatizou estes quatro conceitos para extrair ensinamentos úteis sobre os desafios e dilemas da reconciliação que muitos países estão a enfrentar. Aqui, a reconciliação é concebida como uma visão a que as sociedades devem aspirar. Um processo de reconciliação evoca uma sociedade que conseguiu criar espaços onde:

- A justiça (que não só castiga, mas também restaura) existe;
- Dizer a verdade é uma realidade;
- Misericórdia e perdão são oferecidos e recebidos (evitando, ao mesmo tempo, a impunidade); e
- A paz e a estabilidade reinam.



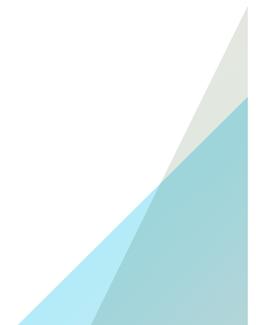
ATIVIDADE—ROLE-PLAY E PAINEL DE DISCUSSÃO SOBRE OS QUATRO PILARES DA RECONCILIAÇÃO

Cuatro pilares de la reconciliación - Justicia, piedad, verdad y paz

Actividad grupal: juego de roles y panel de discusión sobre los cuatro pilares de la reconciliación.

- ¿Qué necesitas en situaciones conflictivas?
- ¿Cuál de los otros tres términos le provoca miedo? ¿Por qué?
- ¿Cuál de los otros tres términos le parece más familiar, o con más posibilidades de funcionar en usted? ¿Por qué?
- ¿Qué relaciones existen entre los cuatro pilares?

 CRS faith. action. results.



Baseie-se nas experiências dos seus próprios países e discuta os desafios e dilemas da reconciliação. Considere as seguintes questões:

Experiencias, desafíos y dilemas de la reconciliación en sus países

- ¿En cuáles pilares han sido más enfáticos sus países con la esperanza de responder a agravios del pasado y estimular la reconciliación?
- ¿Por qué cree que se puso hincapié en esos pilares?
- ¿Cuáles son los desafíos y dilemas sobre la reconciliación? ¿Cómo se podrían superar?





MENSAGENS-CHAVE

- A reconciliação é um processo longo e complexo. Pode ser conceptualizada como um espaço onde as pessoas sentem que a justiça é feita de forma justa, existe paz e estabilidade duradouras, existem mecanismos para dizer a verdade e são satisfatórios.
- É também um espaço onde a misericórdia e o perdão são oferecidos enquanto se afirma a responsabilidade. Este espaço é dinâmico.
- A busca genuína da reconciliação permitirá à sociedade desenvolver a capacidade de inventar e reinventar-se, tornando possível às pessoas experienciar estes quatro pilares de diferentes formas e em momentos apropriados.
- Ao concentrarmo-nos nos quatro pilares, de uma forma estratégica (combinação ou sequenciação) num período de longo prazo (e não como uma solução rápida), as necessidades de reconciliação poderiam ser abordadas de uma forma abrangente.
- Alguns dos elementos-chave importantes para a abertura de espaços de reconciliação incluem espaços seguros e hospitaleiros, espaços para reconstruir a confiança e espaços para reinventar um futuro partilhado com o “outro”.
- Estes processos podem produzir melhores resultados na resposta às reivindicações das pessoas no passado, bem como na promoção e nutrição de estruturas e sistemas mais legítimos que preveniriam futuros conflitos violentos.



RECURSOS E MATERIAL DE APOIO

UNIDADE 3 / MATERIAL DE APOIO 10

Reconciliação dentro do Cristianismo⁴²

A reconciliação é concebida como um objetivo e um apelo à participação na missão de Jesus Cristo, que veio para mostrar ao mundo o caminho da reconciliação com o seu Pai. O processo convida os crentes a construir uma rede de relações certas interligadas entre as pessoas e recomenda que sejam reparadas quando forem quebradas por conflitos. Para os católicos, a reconciliação é considerada um dos sacramentos importantes na sua vida como cristãos.

A concentração no restabelecimento de relações é uma forma de compreender a reconciliação no Cristianismo. Hizkias Assefa (2001)⁴³ identifica quatro dimensões de relações nas quais a reconciliação ocorre: espiritual, pessoal, social e ecológica. A reconciliação completa ocorre quando todas as quatro dimensões são abordadas.

- Espiritual: Refere-se à criação de harmonia e ao restabelecimento de relações quebradas com Deus. Esta relação é central para as outras relações—a necessidade de restaurar a relação com Deus antes de avançar para restaurar as relações com os outros.
- Pessoal: Envolve reconciliar-se com o “eu”. No Cristianismo, renunciar à pecaminosidade pessoal e ao egoísmo para com Deus leva ao perdão. Quando este perdão é obtido, espera-se que conduza à tranquilidade pessoal, paz, e harmonia—reconciliação com o eu.
- Social: Refere-se à reconciliação com quem nos rodeia, os nossos vizinhos e a comunidade humana em geral, num processo que reflete justiça, misericórdia, respeito e amor. Neste caso, as relações também refletem a reconciliação nas dimensões espiritual e pessoal—se não se estiver espiritual ou pessoalmente reconciliado, é improvável que se consiga alcançar a reconciliação social.
- Ecológica: Refere-se à reconciliação com a natureza, reconhecendo que os seres humanos não podem ser totalmente reconciliados com Deus enquanto desrespeitarem e abusarem da criação de Deus. Esta dimensão exige respeito e cuidado pela natureza e pelo sistema ecológico em que vivemos. Ver mais sobre isto em *Laudato Si*.⁴⁴

O Cristianismo emprega muitos rituais de reconciliação, incluindo os mencionados em *Trabalhar para a Reconciliação*. As tradições cristãs empregam rituais diferentes que envolvem oração, canto, silêncio, incenso, etc. É também importante, particularmente quando se trabalha em ambientes multi-fé e, também na consolidação da paz inter-religiosa, compreender como outras fés conceptualizam a reconciliação. O *Manual de Consolidação da Paz da Caritas Internationalis* (pp. 28–33) acima referido dá as diferentes perspetivas conceptuais de reconciliação das crenças do judaísmo, islamismo, budismo e hinduísmo.

42 “Trabalhar para a Reconciliação”: Um Manual da Caritas”, Caritas Internationalis, 1999, pp.122-124); e Módulo 2: Desafios da Reconciliação na Caritas Internationalis, Consolidação da paz: Um Manual de Formação da Caritas, Cidade do Vaticano: Caritas, 2002 e 2006, pp. 28-56.

43 Assefa, Hizkias (2001), O Significado de Reconciliação na Consolidação da Paz: Um Guia para o Terreno, em Luc Reychler e T. Paffenholz, Boulder: Lynn Reiner, http://www.gppac.net/documents/pbp/part1/2_reconc.html

44 Dicastero per la Comunicazione—Libreria Editrice Vaticana (2015), Encyclical Letter *Laudato Si'* do Santo Padre Francisco sobre o Cuidado pela Nossa Casa Comum, https://www.vatican.va/content/francesco/en/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_encyclica-laudato-si.html



Os jovens no Iraque trabalham para reforçar a coesão social entre grupos de identidade.
Foto por CRS/Iraq

Unidade 4: Conceção da consolidação da paz e medição do progresso

A Unidade 4 centra-se na conceção de intervenções de consolidação da paz e na forma como o progresso pode ser medido. Esta Unidade: desenvolve competências na tradução da análise de conflitos em ação; enfatiza a necessidade de tornar as intervenções de consolidação da paz sensíveis aos conflitos; deixa claro porque é que a CRS deu prioridade à integração da Justiça Social e Coesão Social; introduz o conceito de teoria da mudança e como aplicá-lo na conceção de intervenções de consolidação da paz; e discute considerações-chave para a Monitorização, Avaliação, Responsabilização e Aprendizagem da Consolidação da Paz (MEAL).

Objetivos de aprendizagem:

- Os participantes identificarão os fatores que facilitam e dificultam a aceitação da análise de conflito para informar a programação da consolidação da paz e aplicarão princípios de sensibilidade ao conflito à consolidação da paz.
- Os participantes explicarão o que a CRS considera ser “consolidação integrada da paz”, e como a integração pode ser alcançada, incluindo considerações de género e de jovens.
- Os participantes descreverão o conceito de uma “teoria da mudança” de consolidação da paz, os seus elementos-chave e o porquê da sua importância.
- Os participantes articularão algumas considerações fundamentais para uma monitorização, avaliação, responsabilização e aprendizagem eficazes da consolidação da paz, incluindo desafios e abordagens comuns para os ultrapassar.

UNIDADE 4(A): ANÁLISE DO CONFLITO

BREVE INTRODUÇÃO

Relembrar as discussões anteriores sobre “Como é que a análise de conflitos é útil para as organizações”? Embora seja amplamente reconhecido que a análise de conflitos é necessária para uma consolidação da paz e sensibilidade ao conflito eficazes, muitas análises de conflitos não têm sido utilizadas para informar estratégias e programação. Nesta sessão, discutiremos a razão pela qual este pode ser o caso e partilharemos experiências sobre como ultrapassar este desafio.

TRADUZIR A ANÁLISE DE CONFLITO EM AÇÃO

É importante compreender por que razão, por vezes, é um desafio traduzir a análise de conflitos em ação e por que razão, noutros casos, tem havido sucesso. Isto será discutido primeiro.

Traducir el análisis del conflicto en acciones

<ul style="list-style-type: none"> • En algunos casos, el análisis de conflictos no se utilizó para fundamentar las estrategias o la programación. • ¿Cuáles han sido / fueron los factores que obstaculizaron su implementación? 	<ul style="list-style-type: none"> • En otros casos, el análisis del conflicto se ha aplicado exitosamente para fundamentar estrategias y programas. • ¿Cuáles han sido / fueron los factores que facilitaron su uso?
---	---





MENSAGENS-CHAVE

- Os fatores com potencial para facilitar e/ou dificultar/limitar a aceitação e utilização da análise de conflitos devem ser considerados durante a fase de pré-análise e conceção da análise, tanto durante a análise como nos processos pós-análise.
- Esta consideração deve ter como objetivo assegurar que a análise de conflito que será conduzida se traduza em ações concretas que sejam implementáveis.

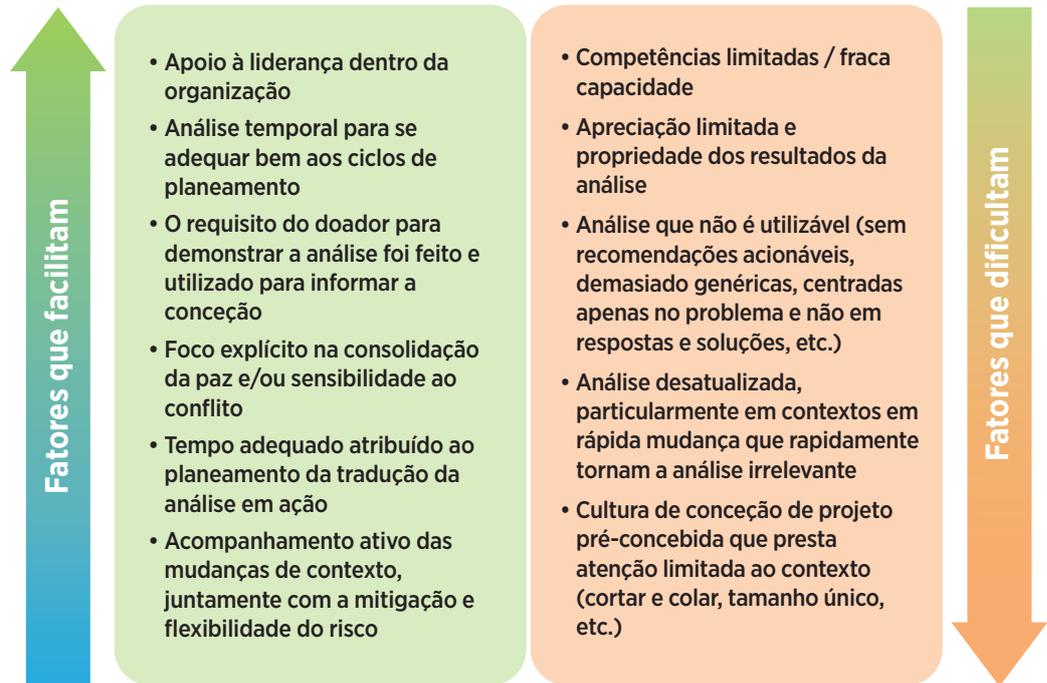


RECURSOS E MATERIAL DE APOIO

Fatores que dificultam e facilitam a tradução da análise de conflito em ação

Os fatores são apresentados no diagrama abaixo. São retirados de estudos baseados na prática no terreno.^{45 46}

Factores que impiden y propician la traducción del análisis del conflicto en acciones



45 Saferworld and Conciliation Resources, 2012. Da Análise do Conflito ao Impacto da Consolidação da Paz: Lições do projeto Perspetivas de Consolidação da Paz das Pessoas. Disponível em [file:///C:/Users/KATO/Downloads/Lessons%20from%20the%20PPP%20spreads%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/KATO/Downloads/Lessons%20from%20the%20PPP%20spreads%20(1).pdf), acedido a 21 de julho de 2017.

46 World Vision International, 2016. Análise do Conflito a nível macro: Enfrentar o desafio da aceitação e utilização em contextos frágeis e afetados por conflitos, experiências da Somália, Sul do Sudão e Quênia. Disponível em <http://www.wvi.org/peacebuilding-and-conflict-sensitivity/publication/macro-level-conflict-analysis-addressing-uptake>, acedido a 21 de julho de 2017.

UNIDADE 4(B): INTRODUÇÃO À CONSOLIDAÇÃO DA PAZ SENSÍVEL AO CONFLITO

BREVE INTRODUÇÃO

As intervenções de consolidação da paz, tal como quaisquer outras intervenções, tais como meios de subsistência, educação, etc., têm o potencial de causar danos se concebidas e implementadas de formas que não sejam sensíveis ao conflito. Para melhor compreender isto, começaremos por considerar o termo sensibilidade ao conflito.

INTRODUÇÃO À CONSOLIDAÇÃO DA PAZ SENSÍVEL AO CONFLITO



Considere as seguintes questões:⁴⁷

Definición

La sensibilidad al conflicto se manifiesta en la capacidad de la organización para:

- Comprender el contexto en el cual opera;
- Comprender la dinámica entre su intervención y el contexto; y
- Actuar desde una comprensión de su propia interacción para minimizar las repercusiones negativas y aumentar los beneficios.

Fuente: Africa Peace Forum et al., 2004

 faith. action. results.

Como mencionado anteriormente na Unidade 2, uma melhor compreensão do conflito e do contexto em que este se insere permite uma programação eficaz e sensível ao conflito.



ATIVIDADE—JOGO E DISCUSSÕES

Responder “sim”, “não” ou “indeciso” às seguintes afirmações:

Juegos y discusiones para mayor claridad

- El diseño de programas sensibles al conflicto es lo mismo que construcción de paz.
- La asistencia humanitaria sensible al conflicto genera paz.
- Por definición, todas las intervenciones de construcción de paz son sensibles al conflicto.
- Cuando se integra la construcción de paz a una intervención (por ejemplo, seguridad alimentaria o WASH), aún es necesario cuidar los aspectos de la sensibilidad al conflicto.

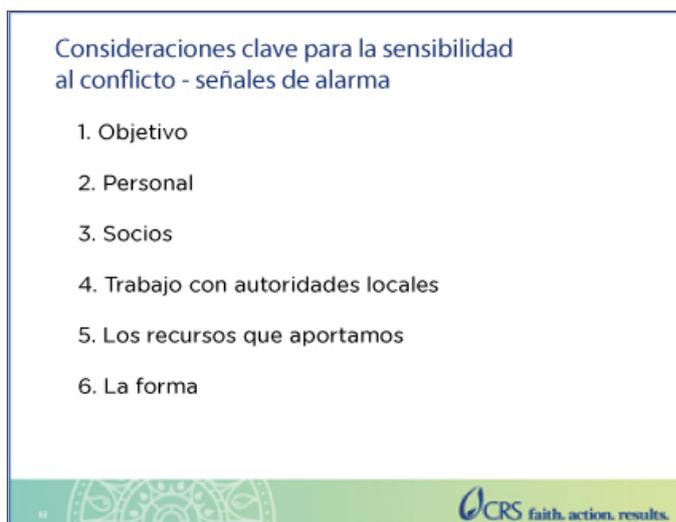
 faith. action. results.

⁴⁷ Africa Peace Forum et al., 2004. Uma Introdução às Abordagens Sensíveis aos Conflitos para o Desenvolvimento, Ajuda Humanitária e Consolidação da Paz, Abordagens Sensíveis aos Conflitos para o Desenvolvimento, Ajuda Humanitária e Consolidação da Paz: Pacote de Recursos, Capítulo 1. Disponível em <http://local.conflictsensitivity.org/wp-content/uploads/2015/05/Conflict-Sensitive-Approaches-to-Development-Humanitarian-Assistance-and-Peacebuilding-Resource-Pack.pdf>

A principal lição deste jogo é que os objetivos da consolidação da paz e da sensibilidade ao conflito são diferentes, mas estão relacionados. Os programas / projetos de consolidação da paz, tal como quaisquer outros programas / projetos setoriais, têm de ser concebidos e implementados de uma forma sensível ao conflito.

SEIS DETALHES CRÍTICOS DE PROGRAMAÇÃO / SINAIS DE PERIGO

As lições aprendidas com a prática da sensibilidade ao conflito mostram seis detalhes críticos de programação⁴⁸ ou sinais de perigo a que se deve prestar atenção para identificar, compreender e evitar impactos negativos que agravam o conflito e a dinâmica social. Ao mesmo tempo, estes seis detalhes críticos, se forem tratados com cuidado, têm potencial para melhorar a dinâmica social.



Estas são consideradas áreas potencialmente problemáticas, mas também áreas de solução para evitar prejudicar. As seis áreas são aquelas onde é mais provável que sejam tomadas más decisões, reduzindo a eficácia do nosso trabalho de consolidação da paz (alimentando e agravando o conflito e as dinâmicas sociais). No entanto, prestar atenção a estes detalhes torna muito mais fácil encontrar formas de ajudar a melhorar a dinâmica social.

⁴⁸ Adaptado de Marshall Wallace, Do Princípio à Prática, Um Manual do Utilizador de Do No Harm, Projetos de Aprendizagem Colaborativa da CDA, 2015. Revisto por Projetos de Aprendizagem Colaborativa da CDA, outubro de 2015.



MENSAGENS-CHAVE

- Isto foi apenas uma introdução. É encorajado a ler os recursos disponíveis para aprofundar a compreensão e melhorar a prática da sensibilidade ao conflito na programação da consolidação da paz.
- A consolidação da paz sensível ao conflito deve ser uma consideração fundamental. Não se deve presumir que todas as intervenções de consolidação da paz são sensíveis ao conflito e que devem ser feitos esforços para garantir que o são.

Ler mais sobre a sensibilidade ao conflito nos recursos e nas publicações de Do No Harm dos Projetos de Aprendizagem Colaborativa da CDA.



RECURSOS E MATERIAL DE APOIO

UNIDADE 4 / MATERIAL DE APOIO 2

Principais considerações para a sensibilidade ao conflito / os sinais de perigo⁴⁹

1. Seleção

Identificar os diferentes grupos de identidade que constituem a comunidade-alvo, incluindo grupos minoritários e desfavorecidos. Tomar disposições para que os beneficiários sejam selecionados de forma transparente e justa, utilizando critérios determinados de forma participativa e compreendidos e aceites por todos. Se as linhas de divisão no conflito se sobrepuserem aos critérios de seleção (por exemplo, os critérios de seleção levarão à seleção de grupos étnicos, clãs, políticos, sociais, religiosos ou económicos específicos em conflito e podem ser percebidos como beneficiando um grupo, sem benefício para o outro), o projeto deve incluir medidas para minimizar a possibilidade de este agravamento das tensões e dos ressentimentos. Vale igualmente a pena que o projeto estabeleça medidas para evitar que beneficiários involuntários beneficiem direta ou indiretamente do projeto através, por exemplo, de desvio, roubo, corrupção, manipulação, etc.

2. Recursos humanos

Considerar a possibilidade de que a contratação e destacamento de pessoal que represente uma identidade no conflito, por exemplo, étnica, religiosa, clã, área geográfica, etc., possa causar ou exacerbar tensões já existentes. Devem ser implementadas medidas para evitar ou minimizar a ocorrência de prováveis ressentimentos e tensões. É pertinente que o projeto tome disposições para que o pessoal seja recrutado de uma forma transparente, justa e clara que reduza as práticas/percepção de preconceitos e favoritismos de um grupo de identidade em detrimento de outro.

3. Estabelecer parcerias

É pertinente que o projeto tome disposições para que os parceiros sejam selecionados de forma transparente e justa, utilizando critérios claros e compreendidos por todos e minimizando práticas / percepções de parcialidade, favoritismo e corrupção. O projeto deve considerar a seleção de parceiros e fornecedores (também considerados parceiros de algum tipo) após um processo de due diligence que considere os riscos, incluindo a avaliação se o parceiro/fornecedor está envolvido no conflito ou ligado aos intervenientes do conflito e se os recursos do projeto não forem direta ou indiretamente utilizados para alimentar o conflito.

4. Trabalhar com autoridades locais

Enquanto alguns líderes e algumas autoridades locais são líderes eficazes e ligam a comunidade, outros são divisivos e podem cair na categoria de spoilers. As intervenções de consolidação da paz também correm o risco de deslegitimar os bons líderes e de legitimar os maus. Para o sucesso das operações num ambiente escasso, afetado por conflitos e frágil, é fundamental encontrar um equilíbrio delicado entre manter um nível adequado de relação com os que têm poder e influência e resistir/evitar a sua manipulação. As pessoas com poder e influência têm potencial para

⁴⁹ Adaptado de Marshall Wallace, Do Princípio à Prática, Um Manual do Utilizador de Do No Harm, Projetos de Aprendizagem Colaborativa da CDA, 2015. Revisto por Projetos de Aprendizagem Colaborativa da CDA, outubro de 2015.

interferir nas decisões do programa (por exemplo, quem participa numa reunião de diálogo, que projeto de ligação é selecionado para financiamento, etc.) à custa das comunidades vulneráveis e afetadas, especialmente se estas estiverem do “outro” lado. Podem politizar intervenções e o risco de manipulação para proveito pessoal, ajustar contas, interesses políticos e punir quem não se conforma pode ser elevado.

A capacitação dos cidadãos para poderem influenciar as decisões que os afetam ajudaria a resolver tais questões. Além disso, os processos inclusivos e participativos discutidos anteriormente, a manipulação daqueles com autoridade pode ser minimizada através de mecanismos de comunicação que asseguram que a informação sobre o projeto e os seus processos e as suas atividades relacionados chegue a todos os membros da comunidade na sua diversidade. Pode também haver necessidade de estabelecer critérios claros para a escolha dos líderes com quem trabalhar. Poderá ser necessário realizar um mapeamento dos líderes comunitários, estabelecer níveis de confiança e determinar os níveis de associação com cada categoria de líderes quando se trata do seu envolvimento nos processos do projeto.

5. Os recursos que utilizamos

Ter em mente que quaisquer recursos utilizados para um ambiente de escassez de recursos tornam-se uma fonte de riqueza e poder. Portanto, quaisquer grupos/partes em conflito gostariam de ter mais acesso e controlo destes recursos à custa dos outros resultando em concorrência pouco saudável e exacerbação de tensões ou conflitos já existentes. Esta consideração está relacionada com a definição de alvos, o pessoal, as parcerias e o trabalho com as autoridades locais. Além disso, considerar como os recursos do projeto afetam os mercados locais, por exemplo, mudanças nas oportunidades e estruturas locais de incentivo. Os recursos que utilizamos podem afetar os rendimentos, salários, preços e lucros, exacerbando, assim, as desigualdades.

6. O “como” da intervenção / projeto

Os implementadores de projetos devem adotar estratégias/abordagens que sejam sensíveis ao conflito e que considerem conectores e divisores com base na análise do conflito. A sensibilidade ao conflito deve ser integrada em todo o ciclo do projeto, desde a conceção, o planeamento do trabalho e a estratégia de saída até ao quadro de monitorização, avaliação e aprendizagem (MEAL). O plano MEAL deve incluir indicadores quantitativos e qualitativos sensíveis ao conflito. Sempre que necessário, o projeto pode considerar a construção / o reforço da capacidade do pessoal, parceiros e principais intervenientes em abordagens sensíveis ao conflito.

As intervenções devem abraçar uma abordagem participativa e inclusiva onde os processos de tomada de decisão sejam transparentes e sensíveis à dinâmica do conflito, considerando a participação de setores da sociedade divididos seguindo as linhas de falha de um conflito, outros aspetos de diversidade e não esquecendo os grupos marginalizados.

A flexibilidade deve fazer parte da estratégia do projeto para permitir ao pessoal rever os planos e as abordagens quando as circunstâncias mudam ou quando ocorrem impactos negativos não intencionais do projeto. A estratégia/abordagens selecionadas devem também incluir medidas específicas de mitigação de conflitos para reduzir as tensões ou gerir as tensões quando estas surgem.

Conclusão

A má tomada de decisões nas áreas do programa acima referidas pode agravar os conflitos e ter um impacto negativo nas interações sociais. Contudo, uma cuidadosa atenção a estes detalhes pode melhorar a dinâmica social. Não assumir que as intervenções de consolidação da paz são intrinsecamente sensíveis ao conflito. Deve ser feito um esforço para garantir que sejam.

UNIDADE 4(C): INTEGRAÇÃO DA JUSTIÇA E DA CONSOLIDAÇÃO DA PAZ PARA ACELERAR E AMPLIFICAR A MUDANÇA DURADOURA

BREVE INTRODUÇÃO

Esta unidade visa melhorar a sua compreensão do que a CRS prevê como “consolidação integrada da paz” e como a integração pode ser alcançada. As unidades abrangidas no Dia 1 destacam a proeminência e a lógica da justiça e da consolidação da paz na estratégia da Visão 2030 da CRS. Esta unidade reforça a hipótese da CRS que “o desenvolvimento sustentável é impossível na ausência de paz, justiça social e relações certas que promovam o bem de todas as pessoas”. Esta sessão centrar-se-á especialmente na forma como a paz e a justiça podem ser alcançadas através de outros programas de desenvolvimento e humanitários. É a isto que chamamos justiça e integração para a consolidação da paz.

INTEGRAÇÃO DA JUSTIÇA E DA CONSOLIDAÇÃO DA PAZ

Começaremos com o exercício do espectro humano.⁵⁰



ACTIVIDAD— EJERCICIO DEL ESPECTRO HUMANO

Se leerá una serie de declaraciones (véase más abajo). Selecciona un punto para situarte a lo largo de un continuo que va desde el punto A (de acuerdo) pasa por el medio (inseguro) y el otro extremo (en desacuerdo).

La integración de la paz y la justicia resulta cuando...

A. Integramos a personas de diferentes tribus, regiones y credos a nuestros programas.

B. Capacitamos a las personas en la no violencia como parte del proyecto.

C. bordamos la pobreza para que las personas no tengan conflictos.

D. Orientamos a mejorar las relaciones entre distintos grupos étnicos o grupos de sobrevivencia mientras también mejoramos la salud y las formas de vida.

E. Tratamos de no mejorar el estilo de vida de un grupo a expensas de otro.

15

⁵⁰ Este exercício é retirado de outro semelhante encontrado em Catholic Relief Services, 2016. Curso de Integração para a Consolidação da Paz, Formação de Cinco Dias. Disponível em <https://www.crs.org/our-work-overseas/research-publications/peacebuilding-integration-course>

A CRS considera a justiça e a integração da consolidação da paz como resultados prioritários de relações mais justas e pacíficas entre as pessoas, juntamente com outros resultados sectoriais, tais como melhores meios de subsistência, maior resiliência a catástrofes, melhoria da saúde, etc. A ideia-chave é trabalhar para estes resultados de forma intencional, ao mesmo tempo e de forma a reforçarem-se mutuamente. Isto pode envolver a procura de benefícios tanto tangíveis como sociais ou institucionais. Para o fazer, é necessário dedicar recursos e competência profissional a cada resultado.

Contemple algum tempo para refletir sobre esta questão:

Como pensam que poderão integrar a justiça e a consolidação da paz com outro desenvolvimento ou esforço humanitário? O que pensam que estaria envolvido?

Tal como discutido em sessões anteriores, a realização de uma boa análise do conflito, a seleção de estratégias baseadas na fase de conflito e no nível e na dimensão de transformação visados, etc., seriam passos importantes a tomar. A diferença seria procurar oportunidades para o desenvolvimento (ou ajuda) e as atividades de consolidação da paz para se valorizarem e reforçarem mutuamente.

CRITERIOS DE INTEGRACIÓN DE JUSTICIA Y CONSOLIDACIÓN DE LA PAZ DE CRS

Estándares para la integración de justicia y consolidación de la paz

1. Los resultados del componente de justicia y consolidación de la paz deben situarse en el nivel de resultado intermedio u objetivo estratégico.
2. Deben especificarse los cambios previstos en las estructuras y políticas injustas o en las situaciones de conflicto.
3. Deben dedicarse recursos significativos (un mínimo del 10 %) a cada componente de justicia y construcción de la paz.
4. Los miembros del equipo del proyecto deben poseer competencia profesional y habilidades técnicas en materia de justicia y construcción de la paz.
5. La coherencia y sinergias entre los componentes deben incorporarse de forma intencionada en el diseño del proyecto.
6. Los resultados deben ser demostrables y estar basados en pruebas.

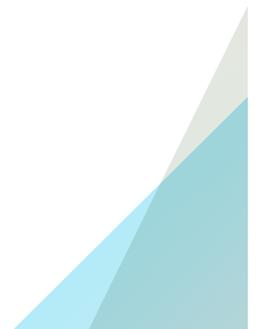
15


A CRS acredita que, ao integrarem a justiça e a consolidação da paz noutros setores, contribuiremos melhor para o IHD. Abordar a equidade e relações saudáveis de forma integrada dentro de outros setores é uma resposta mais holística às necessidades humanas do que simplesmente centrar-se na construção de benefícios físicos ou financeiros. Conduz a resultados mais sustentáveis e de maior alcance. A seguinte teoria da mudança expressa a fundamentação:

Se a CRS integrarem a justiça e a consolidação da paz (incluindo género, jovens e proteção) nas áreas de programação de assinatura da agência—meios de subsistência agrícola, serviços sociais e de saúde e resposta e recuperação de emergência, os nossos programas terão maior influência para transformar estruturas e sistemas porque abordarão questões sociais que afetam a segurança humana, a voz dos cidadãos e a qualidade de vida.

Abaixo, estão 6 critérios que a CRS utiliza para determinar se a JPB foi suficientemente integrada num programa / projeto.

1. Os resultados da componente de justiça e consolidação da paz devem ser estabelecidos ao nível do resultado intermédio ou do objetivo estratégico.
2. Devem ser especificadas alterações intencionais nas estruturas injustas, políticas ou em situações de conflito.
3. Devem ser dedicados recursos significativos (um mínimo de 10%) a cada componente de justiça e consolidação da paz.
4. Os membros da equipa do projeto devem possuir competência profissional e competências técnicas em justiça e consolidação da paz.
5. A coerência e as sinergias entre os componentes devem ser intencionalmente incorporadas na conceção do projeto.
6. Os resultados devem ser demonstráveis e baseados em provas.





MENSAGENS-CHAVE

- A integração da justiça e da consolidação da paz dá intencionalmente e simultaneamente prioridade a relações justas e pacíficas entre as pessoas, juntamente com outros resultados setoriais, tais como melhores meios de subsistência, maior resiliência a catástrofes, melhoria da saúde, etc.
- Implica dedicar tempo, intenção, recursos financeiros e conhecimentos especializados aos elementos de justiça e consolidação da paz de um programa, bem como aos outros setores.
- Fazê-lo permite-nos trabalhar de uma forma holística que apoia o IHD.
- Lembrar-se que, para uma integração eficaz da justiça e da consolidação da paz, é necessária uma análise de conflito. Esta pode ser uma análise autónoma de conflitos ou questões e podem ser integradas ferramentas fundamentais de análise de conflitos noutras avaliações setoriais.
- Não esquecer de captar os jovens e as dinâmicas de género do conflito, tal como discutido na Unidade 2.

Remeter os participantes para a Unidade 4 / Material de apoio 3 para ler mais.



RECURSOS E MATERIAL DE APOIO

UNIDADE 4 / MATERIAL DE APOIO 3

Orientação sobre Justiça e Integração para a Consolidação da Paz

Ir além de uma competência essencial

Em Hope to Harvest, a CRS elevou a integração da JPB a uma competência essencial. “Visão 2030: Nas suas próprias mãos” leva a noção um passo em frente, enfatizando o nosso empenho em expandir, investigar e promover a coesão social e a integração da justiça para alcançar o desenvolvimento e os resultados humanitários. À medida que alcançamos a mudança transformacional em escala em áreas-chave—construindo lares e comunidades seguras e dignas, transformando meios de subsistência e paisagens, acelerando o fim da malária, reforçando as famílias para obterem crianças prósperas, e escalando o emprego e a liderança dos jovens—adaptaremos abordagens comprovadas de coesão social e justiça para uma pronta aceitação pelos intervenientes locais, parceiros e agências homólogas. O nosso objetivo é medir os resultados e partilhar os resultados com parceiros, agências homólogas, doadores e decisores políticos para que estes adotem e integrem a coesão social e a justiça como elementos essenciais de uma boa programação.

Além disso, à medida que pilotamos a integração à escala e construímos uma base de evidência mais forte para a integração, nós próprios temos de passar por uma transformação. Assim, devemos reforçar as nossas próprias capacidades, práticas e sistemas, bem como as dos nossos parceiros, para assegurar que, de forma consistente com os nossos valores e com a identidade católica, a coesão social e a justiça sejam sistematicamente incorporadas em todo o nosso trabalho e operações, e que os nossos esforços influenciem as estruturas e sistemas (ver caixa de texto) para a melhoria de todas as pessoas, especialmente as vulneráveis e marginalizadas.

Neste contexto, a influência refere-se a intervenções que promovem ativamente, intencionalmente, a mudança social. A CRS a CRS considera que a mudança social é uma mudança que aumenta a equidade e/ou melhora a qualidade das relações entre diferentes grupos de pessoas. Especificamente, esta mudança pode incluir a transformação das normas sociais que regem a forma como pessoas de diferentes raças, religiões, grupos étnicos, géneros, etc., interagem umas com as outras para terem relações mais saudáveis. Pode também envolver reformas da política governamental, de modo a alcançar impactos amplamente equitativos. Por fim, uma mudança do género pode contribuir para melhorar o contrato social—a relação entre os que governam e os que são governados.

Os esforços de integração da CRS devem também dar prioridade à ligação entre a sua programação de JPB a nível comunitário para levar a cabo mudanças sociais e políticas a nível nacional. Isto deve envolver a construção de uma massa crítica de apoio à mudança social visada e a canalização das vozes das comunidades para influenciar os principais decisores nos setores público e privado, com ênfase na transformação de sistemas e estruturas. Os parceiros da CRS, especialmente a Igreja, são críticos neste processo porque têm a credibilidade e o acesso necessários para alcançar e interagir tanto com as comunidades visadas como com os decisores-chave.

As estruturas referem-se a regras e regimes de tomada de decisão em que o poder é exercido tanto por intervenientes estatais como não estatais. Quem toma decisões que moldam as políticas públicas? Quão transparente é o processo, e como pode o acesso ser mais inclusivo? Os sistemas referem-se a normas sociais, políticas, económicas e culturais que orientam e incentivam as pessoas a agir e a responder às ações dos outros de forma previsível.

Definir a Integração da Justiça e da Consolidação da Paz

A CRS considera que um programa ou projeto deve ser integrado se estabelecer intencionalmente objetivos de alto nível em duas ou mais áreas de programação distintas, devendo uma das quais envolver a realização de mudanças sociais através de intervenções de justiça e consolidação da paz. A forma como o programa ou projeto é concebido torna-se muito crítica.

Os seguintes critérios devem ser utilizados para determinar se a justiça e a consolidação da paz foram suficientemente integradas num programa ou projeto:

1. Os resultados da componente de justiça e consolidação da paz devem ser estabelecidos ao nível do resultado intermédio ou do objetivo estratégico.
2. Devem ser especificadas alterações intencionais nas estruturas injustas, políticas ou em situações de conflito.
3. Devem ser dedicados recursos significativos (um mínimo de 10%) a cada componente de justiça e consolidação da paz.
4. Os membros da equipa do projeto devem possuir competência profissional e competências técnicas em justiça e consolidação da paz.
5. A coerência e as sinergias entre os componentes devem ser intencionalmente incorporadas na conceção do projeto.
6. Os resultados devem ser demonstráveis e baseados em provas.

Reconhecemos que muitos projetos da CRS têm beneficiado de uma integração ad hoc. Encorajamos mais intencionalidade nesses esforços para os tornar mais impactantes e para fazer avançar as metas e objetivos da CRS.

Referências

Catholic Relief Services, *Curso de Integração para a Consolidação da Paz: Formação de Cinco Dias*, 2016. Curso de Integração para a Consolidação da Paz: Formação de Cinco Dias

Heinrich, Geoff, David Leege e Carrie Miller, *Guia do Utilizador para o Desenvolvimento Humano Integral (IHD): Guia Prático para o Pessoal e Parceiros da CRS* (Baltimore: CRS, 2008).

UNIDADE 4 (C-I): INTEGRAÇÃO DO GÉNERO NA JUSTIÇA E CONSOLIDAÇÃO DA PAZ

BREVE INTRODUÇÃO

A integração do género é cada vez mais reconhecida como uma área importante para a melhoria no setor da consolidação da paz, por exemplo, com a Agenda Mulheres, Paz e Segurança das Nações Unidas, consubstanciada na Resolução 1325. Esta agenda reconhece o impacto desproporcional do conflito armado nas mulheres e raparigas e apela à sua maior inclusão na consolidação da paz. Usando a estrutura de IHD discutida na Unidade 1(c)—Relevância da JPB para a estrutura de IHD dos CRS da CRS, os CRS a CRS considera a dinâmica de género entre homens, mulheres, rapazes e raparigas como uma consideração importante para qualquer programação, uma vez que tentamos construir bens, transformar estruturas e sistemas, e construir resiliência.

INTRODUÇÃO À INTEGRAÇÃO DO GÉNERO NA JPB

O quadro de análise de género da CRS é inspirado por quadros desenvolvidos por USAID, institutos de investigação, universidades e outros no campo do desenvolvimento. O quadro inclui seis domínios críticos (ou áreas) de análise que nos ajudam a compreender como homens/mulheres/jovens homens e jovens mulheres, e rapazes e raparigas são afetados e contribuem para o conflito. O quadro também nos ajuda a compreender como a dinâmica do género influenciará os esforços de consolidação da paz.

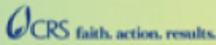
A análise de género é um instrumento de recolha sistemática de dados para nos ajudar a compreender melhor a diferença no impacto de programas e políticas nas mulheres, homens, raparigas e rapazes; vantagens e desvantagens; papéis, responsabilidades, e dinâmicas de poder; quem faz o quê, quem tem o quê, quem precisa do quê, quem decide o quê; estratégias e abordagens para colmatar a lacuna.

OS SEIS DOMÍNIOS DE GÉNERO

Seis ámbitos del análisis de género de CRS



1. Roles, responsabilidades y uso del tiempo
2. Acceso/control a bienes y recursos
3. Relaciones de poder en la toma de decisiones
4. Participación y liderazgo
5. Conocimiento, creencias y percepción (cultura)
6. Entorno legal

Embora os seis domínios sejam importantes e devam ser considerados durante a análise e determinação das nossas intervenções, esta unidade centra-se em 4 domínios (Papéis, Responsabilidades e tempo; Conhecimento, crenças e perceções; Relações de poder e tomada de decisões; e Participação e liderança) (ver Unidade 4 / Material de apoio 4 para detalhes).

Roles de género y responsabilidades



¿Qué roles poseen hombres/mujeres/jóvenes y mueres/niños/niñas en la sociedad? ¿Cómo podrían aportar para construir la paz?

¿Cómo ciertos temas como el uso del tiempo afectan las posibilidades de participación para hombres/mujeres?

CRS faith. action. results.

Conocimientos, creencias y percepción (cultura)

Esteriotipos tradicionales de género

Femenino	Masculino
No agresiva	Agresivo
Dependiente	Independiente
Fácilmente influenciable	No es fácil de influenciar
Sensible	Dominante
Pasiva	Activo
Hogaréa	Elocuente
Fácil herir emocionalmente	Decisivo
Indecisa	No es hablador
Habladora	Rudo
Suave	Menos sensible a otros
Sensible a emociones ajenas	Difícilmente llora
Llora mucho	Lógico
Emocional	Análitico
Verbal	Cruel
Amable	Directo
Cuidadosa	Nada afectuoso
Cuido	

¿Cuáles son las creencias sociales, conocimientos y percepciones que moldean la identidad de género y los comportamientos? ¿Qué prácticas culturales moldean y refuerzan estas creencias? ¿Cómo se han transformado las normas sobre masculinidad y feminidad a través del conflicto? ¿Cómo pueden contribuir a construir paz?

20 CRS faith. action. results.

Relaciones de poder y toma de decisiones

¿Qué diferencias de poder existen entre hombres y mujeres?
¿Quién tiene el poder de tomar decisiones? ¿Quién posee influencia en las políticas y decisiones de gobierno? ¿Quién queda fuera de dichas decisiones, aunque también le afecten?



Participación y liderazgo

¿Qué diferencias existen en la capacidad de participación y liderazgo entre hombres, mujeres, hombres y mujeres jóvenes, niños y niñas en sus comunidades?
¿Cuáles son las diferencias al participar en un conflicto? ¿Cuáles son las oportunidades y límites al participar para construir paz?

21

CRS faith. action. results.

Os resultados da análise do género ajudaríam a determinar como as atividades propostas num projeto de consolidação da paz abordarão as barreiras de género, as desigualdades e promoverão resultados positivos para mulheres/homens/rapazes e raparigas.



MENSAGENS-CHAVE

As seguintes “tarefas a fazer” que são importantes para assegurar que as considerações de género sejam integradas nos nossos programas de JPB:

- Procurar programas que utilizem uma abordagem holística—a ênfase deve ser colocada nos sistemas e nas estruturas e na forma como estes têm um impacto diferente nas mulheres, homens, raparigas e rapazes.
- Assegurar que qualquer análise de conflito é feita em conjunto com uma análise de género ou que são integradas considerações de género em qualquer análise de conflito.
- Considerar a intersecção de identidades: idade, sexo, e outras identidades.
- Conhecer pessoas onde estão, incluindo pessoas com papéis formais e informais.
- Realizar uma avaliação reflexiva contínua, dadas as prováveis mudanças no contexto operacional.
- Procurar a participação ativa e a representação em vez da presença passiva.
- Considerar as nossas operações internas (equipas equilibradas em termos de género, as nossas atitudes e competências, diversidade de experiências, etc.).

Embora esta sessão se tenha mantido à superfície da integração do género na consolidação da paz, aumentar a nossa consciência destas complexidades irá preparar-nos para progredir ainda mais no sentido da visão de paz sustentável e do Desenvolvimento Humano Integral.



RECURSOS E MATERIAL DE APOIO

UNIDADE 4 / MATERIAL DE APOIO 4

Domínios de género—Exemplos de perguntas para a consolidação da paz⁵¹

DOMÍNIO	DEFINIR	EXEMPLOS DE PERGUNTAS PARA RECOLHER INFORMAÇÃO
<p>Papéis, Responsabilidades e Uso do Tempo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Identifica como se passa o tempo durante o dia, mês, ano e época; • Reconhece as diferenças de género na disponibilidade, alocação e localização. • Considera a divisão do trabalho entre F/M (produtivo, reprodutivo e comunitário) • Considera as implicações que o tempo, os papéis e as responsabilidades têm nas atividades do projeto 	<ul style="list-style-type: none"> • Quais são os papéis e responsabilidades de M/W/G/B na resolução de conflitos e nas relações intergrupais? • Como é que a participação neste projeto afetará a carga de trabalho de M/W/G/B? • As responsabilidades de M/W/G/B têm impedi-los-iam de participar nas atividades do projeto em determinados momentos/dias?
<p>Acesso e Controlo de Recursos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Define a capacidade de cada pessoa de utilizar os recursos necessários para ser um participante plenamente ativo e produtivo na sociedade (social, económica, e politicamente). • Inclui o acesso a recursos, rendimentos, serviços, emprego, informação e benefícios. 	<ul style="list-style-type: none"> • Em casa, quem tem acesso e controlo dos recursos básicos, serviços, rendimentos? • Quais são os diferentes obstáculos que M/W/G/B enfrentam na procura de apoio para resolver conflitos? • As diferenças entre homens e mulheres em termos de acesso a determinados serviços ou recursos têm impacto na eficácia da sua participação no processo de consolidação da paz? • Como é que as normas culturais influenciam os comportamentos considerados aceitáveis que podem afetar o acesso aos serviços? Como é que estas normas afetam os papéis considerados aceitáveis para mulheres e raparigas (e homens e rapazes) nos esforços de consolidação da paz? O que podem/não podem fazer no processo de PB? Existem espaços que estão fora dos limites para homens/mulheres? Como é que isto terá impacto na sua participação e liderança?
<p>Relações de Poder</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Examina a capacidade de F/M para decidir, influenciar e exercer controlo sobre os recursos materiais, humanos, intelectuais e financeiros, na família, na comunidade e no país. • Capacidade para votar e concorrer a cargos a todos os níveis de governo. • Capacidade para tomar decisões sobre recursos económicos, rendimentos e emprego. 	<ul style="list-style-type: none"> • Quem tem o poder de tomar decisões sobre a gestão de conflitos em casa e na comunidade? Sobre as interações intergrupais? • Quem tem o controlo e beneficia dos recursos necessários para gerir os conflitos? • Quem participa ativamente nas estruturas formais de tomada de decisões e de resolução de conflitos? • O que pode acontecer se o poder de decisão for alterado? • Quem decide se e como homens e mulheres em casa podem participar nos processos de resolução de conflitos? Como pode o projeto funcionar dentro destes limites?

⁵¹ F/M = mulheres e homens; M/W/G/B = homens, mulheres, rapazes e raparigas

DOMÍNIO	DEFINIR	EXEMPLOS DE PERGUNTAS PARA RECOLHER INFORMAÇÃO
Participação e Liderança	<ul style="list-style-type: none"> • Examina o nível de e como F/M participam em grupos/ associações e comités comunitários • Identifica os papéis comuns que F/M desempenham em associações, grupos e comités. 	<ul style="list-style-type: none"> • Quem participa em que atividades comunitárias? • Como difere a voz de M/W/G/B nas atividades da comunidade? • Que fatores facilitam, e quais dificultam, a participação de M/W/G/B em atividades e reuniões da comunidade? (tempo, experiência, competências, confiança, normas culturais) • Quem detém os cargos de liderança/decisão em iniciativas/comités da comunidade, etc.? • Que canais de comunicação são acessíveis e utilizados por M/W/G/B?
Conhecimento, Crenças e Perceção (Cultura)	<ul style="list-style-type: none"> • Tipos de conhecimentos que F/M possuem • Crenças que moldam identidades e comportamentos de género • Perceções que orientam a compreensão das pessoas sobre as suas vidas, dependendo da sua identidade de género. 	<ul style="list-style-type: none"> • As normas e expetativas de género fortemente defendidas ajudam ou dificultam as oportunidades de M/W/G/B se envolver em atividades de consolidação da paz? • Quais são as perspetivas de M/W/G/B sobre relações e conflitos intergrupais? • Quem ou o que são fortes influências em atitudes e comportamentos de M/W/G/B?
Direitos legais	<ul style="list-style-type: none"> • Avalia como as pessoas são consideradas e tratadas pelos códigos legais consuetudinários e formais e pelo sistema judicial • Direito à herança, emprego e representação legal. • Documentação legal tal como cartões de identificação que afetam a participação em atividades do projeto 	<ul style="list-style-type: none"> • Existem impedimentos legais que impeçam M/W/G/B de participarem no projeto em termos de igualdade de oportunidades? • Existem direitos legais que M/W/G/B podem não estar cientes de que podem ser aproveitados para apoiar uma participação igualitária (leis que existem, mas que não são amplamente conhecidas)? O projeto terá algum papel no aumento da consciência para estes direitos legais?

UNIDADE 4 (C-II): INTEGRAÇÃO DOS JOVENS NA JUSTIÇA E CONSOLIDAÇÃO DA PAZ

BREVE INTRODUÇÃO

Esta unidade explorará tanto o “porquê” como o “como” da integração dos jovens na consolidação da paz, incluindo como os princípios do Desenvolvimento Positivo dos Jovens se aplicam ao trabalho em termos de justiça e consolidação da paz. Abrangerá a importância de focar os jovens na consolidação da paz, quadros-chave para orientar a programação e terminará com uma discussão sobre a sua aplicação na nossa programação.

O “PORQUÊ” E O “COMO” DA INTEGRAÇÃO DOS JOVENS NA CONSOLIDAÇÃO DA PAZ

A integração dos jovens na consolidação da paz é cada vez mais enfatizada a nível global—por exemplo, com a *Resolução 2250 do Conselho de Segurança das Nações Unidas*—e faz parte da nossa Estratégia de Agenciamento. Tal como com o género, a integração da juventude na conceção da justiça e da consolidação da paz, bem como a monitorização e avaliação, devem ser informadas por uma análise de conflito que considere as dinâmicas juvenis. Começa com a integração dos jovens na análise de conflitos.

Apesar dos desafios associados ao conflito, a maioria dos jovens procura a paz. Os jovens estão envolvidos na prevenção da violência, no combate ao extremismo violento, na transformação de conflitos e na consolidação da paz nas suas comunidades. No entanto, o seu trabalho carece frequentemente de reconhecimento e apoio.

As razões pelas quais os agentes da paz podem achar relevante envolver os jovens nos seus esforços em prol da justiça e da paz incluem:

- **Demografia:** com a “explosão juvenil” global, os jovens constituem um segmento significativo da população e, por isso, merecem atenção.
- **Relevância:** Os jovens podem estar desproporcionadamente envolvidos e/ou afetados por conflitos violentos, e não podemos resolver estes problemas sem os envolver.
- **Subsidiariedade:** Os jovens são frequentemente excluídos da tomada de decisões sobre questões que mais os afetam.
- **Diferenças geracionais:** As necessidades, os interesses e as motivações dos jovens podem ser diferentes dos dos adultos, e têm de ser compreendidos se quisermos ser capazes de resolver problemas.
- **Relações certas:** As relações entre jovens e idosos podem estar desgastadas e a precisar de ser resolvidas.
- **Inovação:** Os jovens podem estar mais abertos a, e podem mais facilmente gerar ideias novas e frescas.
- **Gestão:** Os jovens herdarão os sistemas e as estruturas sociais que lhes deixamos, e merecem uma oportunidade de ajudar a moldá-los.



Os desafios que os agentes da paz podem enfrentar para envolver os jovens na justiça e na paz podem incluir

- Falta de especialização: Os agentes da paz podem não ter muitos conhecimentos ou experiência no desenvolvimento da juventude, e o que funciona melhor para envolver, motivar e construir capacidades dos jovens. Pode haver competências limitadas entre os adultos na utilização de ferramentas e metodologias adequadas para os jovens.
- Falta de relações: Organizações fortes de consolidação da paz podem não ter necessariamente redes ou relações fortes com organizações juvenis.
- Estruturas e sistemas orientados para adultos: Estes podem não ser amigos dos jovens.
- Tradições e normas: Os agentes da paz podem lutar para equilibrar o respeito pelas tradições e normas que valorizam a sabedoria e liderança das gerações mais velhas com o desejo de criar mais oportunidades para um envolvimento significativo dos jovens.
- Relações de poder: Pode ser difícil aprender a cultivar, criar espaço para, e ouvir verdadeiramente a própria voz e liderança dos jovens.

As estratégias apropriadas para envolver os jovens nos esforços de justiça e de consolidação da paz devem basear-se nas vantagens salientadas acima, bem como considerar se e em que medida estas abordagens ajudam a ultrapassar os desafios acima mencionados.

ABORDAGEM DO DESENVOLVIMENTO POSITIVO DOS JOVENS (PYD)

¿Qué es el Desarrollo Juvenil Positivo?

- Es una filosofía y una forma de abordaje
- Una forma de comprender a las personas jóvenes que ayuda a orientar el diseño de políticas, programas, apoyos y oportunidades
- Coloca la juventud al centro para asegurar su inclusión en las decisiones que afectan sus vidas
Se enfoca en las relaciones, no solo visualiza a la juventud como un grupo meta o beneficiario
- A través de las relaciones, habilidades, competencias y valores se relacionan, desarrollan y aplican en sus vínculos sociales cotidianos
- Tanto sistemas como instituciones pueden brindar a los jóvenes apoyo y acceso

24  faith. action. results.

Desarrollo juvenil positivo

- Resultados positivos
- Adaptado a la edad y etapa
- Aborda los sistemas y estructuras que afectan a la juventud
- Participación de jóvenes / capacidad de enunciar
- Participación a largo plazo, apropiada para su participación
- Universal/inclusivo

25

CRS faith. action. results.

Figura 1: Enfoque de tres lentes para la participación de jóvenes

26

CRS faith. action. results.

ONSCR 2250 y 2419 – Juventud, seguridad y paz

Contexto

- El trabajo entre agencias inició en 2012
- Resolución sobre juventud, seguridad y democracia en 2015 (ONU 2250)
- Resolución 2419: Un rol más activo para la juventud en la negociación e implementación de acuerdos de paz, tomando en cuenta sus participaciones significativas y puntos de vista (aprobado en 2018 como continuación de UNSCR 2250)

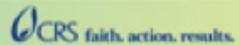
Componentes de 2250

- Participación
- Protección
- Prevención
- Cooperación
- Separación y reintegración









A abordagem do PYD, 2250 e 2419 do RCSNU e os *Princípios Orientadores sobre a Participação dos Jovens na Consolidação da Paz* (Unidade 4 / Material de apoio 5) alinham-se todos com a estratégia de agenciamento da CRS e com os resultados prioritários para os jovens. A lista de verificação do PYD (ver Unidade 4 / Material de apoio 6) é uma ferramenta útil para avaliar projetos de JPB para determinar que aspetos da sua programação parecem particularmente fortes de uma perspetiva do PYD//Jovens na Consolidação da Paz, e quais parecem fracos. Com base nesta avaliação, o projeto pode, então, ser modificado para reforçar a integração dos jovens.



MENSAGENS-CHAVE

- O PYD é uma abordagem que se concentra e procura o reforço dos bens e contributos dos jovens, em vez dos problemas que estes enfrentam ou possuem.
- O PYD está bem alinhado com as abordagens de consolidação da paz, particularmente, na ênfase que coloca no envolvimento cívico dos jovens.
- Adotar uma abordagem informada do PYD através da lente da consolidação da paz pode reforçar a medida em que a justiça e os esforços de consolidação da paz são relevantes e respondem às preocupações e aspirações dos jovens e, portanto, a medida em que os programas serão eficazes na realização de mudanças de desenvolvimento social e mesmo económico.

RECURSOS E MATERIAL DE APOIO

UNIDADE 4 / MATERIAL DE APOIO 5

Princípios Orientadores da Participação dos Jovens na Consolidação da Paz (SFCG Versão de 1 página)

PRINCIPIOS ORIENTADORES

Sobre la participación de jóvenes en la construcción de la paz

Liderar programas y estrategias que garanticen que las personas jóvenes están involucradas como socias y agentes de cambio en la construcción de la paz para la estabilidad política y prosperidad económica



Participación

- Priorizar la **participación** de personas jóvenes en la construcción de la paz.
- Difundir que la mayoría de jóvenes **trabajan por la paz**; solo una minoría participa en la violencia.
- Vincular la participación de jóvenes en todos los sectores (**social, económico, cultural y político**) y todos los niveles.



Diversidad

- Valorar la **diversidad** en las personas jóvenes y voces **marginalizadas**.
- Desarrollar estrategias focalizadas para involucrar a personas jóvenes de **distintos orígenes**.
- Respetar las **experiencias de todos**, incluso aquellas vinculadas al conflicto.



Género

- Ser sensible a las **dinámicas de género**.
- Evitar hacer **suposiciones estereotipadas** sobre los roles y aspiraciones de niñas, niños, mujeres jóvenes, hombres y personas transgénero.
- Buscar estrategias para conseguir la participación de **mujeres jóvenes**.



Liderazgo

- Permitir **apropiación, liderazgo y responsabilidad** de jóvenes.
- Buscarlos, aprender de ellos y apoyarlos.
- Facilitar **mecanismos de comunicación** que permitan a jóvenes líderes la rendición de cuentas con sus pares y comunidades.



Seguridad

- El objetivo es siempre **«no hacer daño»** y brindar un entorno **seguro** para que las personas jóvenes participen.
- Asegurarse de que las personas facilitadoras estén **capacitadas** para lidiar con situaciones complicadas.
- Tener cuidado de **no estimular la violencia**.
- Ser sensibles a las desigualdades.



Participación

- Permitir que las personas jóvenes participen en **todas las etapas** de la programación.
- Hacer que tomadores de decisiones, instituciones y organizaciones **rindan cuentas** a las personas jóvenes.
- Brindar fuentes alternativas de poder a jóvenes que lo han obtenido a través de **medios violentos**.



Competencias

- Mejorar **conocimientos, actitudes y habilidades** de las personas jóvenes.
- Identificar a jóvenes líderes que puedan servir como **modelos positivos**.
- Desarrollar estrategias para la **prevención de la violencia**, más allá de las respuestas de seguridad, que estimulen habilidades de **mediación y resolución de conflictos**.



Alianzas

- Invertir en **alianzas intergeneracionales** dentro de las comunidades de jóvenes.
- Estimular el **diálogo y oportunidades de cooperación** entre menores, personas jóvenes, padres de familia y ancianos para solucionar la violencia.



Políticas

- Apoyar las políticas que abordan **todas las necesidades de las personas jóvenes**.
- Contribuir a establecer **foros locales, regionales y nacionales** que puedan mejorar la participación de las personas jóvenes en el desarrollo de políticas públicas.

Para más información sobre estos principios orientadores, por favor, visite www.sfcg.org/guidingprinciples
Presentado por el Grupo de Trabajo Interinstitucional sobre la Participación de los Jóvenes en la Consolidación de la Paz, copresidido por la Oficina de Apoyo a la Consolidación de la Paz de las Naciones Unidas y Search for Common Ground.
Diseñado por Seulji Kim

UNIDADE 4 / MATERIAL DE APOIO 6

O PYD e a participação dos jovens na lista de verificação dos Princípios de Consolidação da Paz

Por favor, classifica tu proyecto evaluando su aplicación a los principios de la DJP y de construcción de la paz:

DECLARAÇÕES PYD OU COMPONENTES DE PROGRAMAÇÃO	SIM	NÃO	NOTAS/EXEMPLOS
1. O projeto envolve todos os jovens e não apenas os jovens de alto risco ou de alto desempenho. É sensível às desigualdades de género e valoriza a diversidade e as vozes marginalizadas.			
2. Os jovens estão envolvidos na conceção, implementação e avaliação do projeto. Os jovens têm uma palavra a dizer sobre que tipos de atividades de projeto querem fazer e têm a oportunidade de liderar e avaliar estas atividades.			
3. O projeto abordou o agenciamento de jovens, bens, contributos e cria um ambiente propício.			
4. O projeto centra-se nas diferentes idades e fases da vida.			
5. O projeto centra-se no desenvolvimento social, emocional e cognitivo da juventude.			
6. Aborda os sistemas e as estruturas que afetam os jovens (jurídicos, socioeconómicos, políticos, culturais e religiosos). Os jovens podem empenhar-se em fóruns verticais no desenvolvimento dessas políticas.			
7. Os jovens desenvolvem liderança, vida e competências sociais através da aprendizagem participativa.			
8. As atividades do projeto previnem problemas antes que estes ocorram (em vez de reagirem a problemas). Existem fortes estratégias de prevenção da violência e os jovens são dotados de capacidades de mediação e resolução de conflitos.			
9. Os jovens comprometem-se de formas significativas e não apenas como símbolos ou símbolos de participação juvenil. São agentes positivos de mudança e para a paz e contribuem para atividades de reconstrução ou desenvolvimento comunitário.			

DECLARAÇÕES PYD OU COMPONENTES DE PROGRAMAÇÃO	SIM	NÃO	NOTAS/EXEMPLOS
10. Os jovens são orientados e apoiados através de estruturas locais e modelos positivos e são responsáveis perante os seus pares e comunidades.			
11. Os jovens têm oportunidades de diálogo intergeracional e de envolvimento cívico.			
12. Os jovens têm oportunidades de assumir papéis de liderança nas estruturas de tomada de decisão/governança.			
13. Os jovens estão empenhados em oportunidades económicas para se tornarem membros produtivos da sua comunidade.			
14. Os princípios de não prejudicar são postos em prática e os facilitadores/ pessoal são treinados para lidar com situações difíceis e proteger/garantir os jovens envolvidos no programa.			
15. O projeto dura mais de um ano e continua a envolver os jovens para além do prazo ou fundos do projeto (é sustentável).			

PERGUNTAS ADICIONAIS/DISCUSSÃO:

16. Que relações foram criadas durante o projeto?

17. Que pontos fortes o projeto apoiou e desenvolveu ainda mais nos jovens? Desafios ou pontos fracos atuais?

18. O que tornaria o projeto mais forte do ponto de vista do PYD e da PB? Pense nas várias fases do ciclo do projeto (conceção, implementação e avaliação). Que mudanças faria?

UNIDADE 4(D): UTILIZAÇÃO DE TEORIAS DA MUDANÇA (TOC) NA CONCEÇÃO DE PROGRAMAS DE CONSOLIDAÇÃO DA PAZ

BREVE INTRODUÇÃO

Esta sessão irá introduzir o conceito de uma “teoria da mudança” de consolidação da paz, porque é importante, e elementos-chave de uma boa teoria da mudança. .

UTILIZAÇÃO DE TOC NA CONCEÇÃO DE PROGRAMAS DE CONSOLIDAÇÃO DA PAZ

A fórmula standard

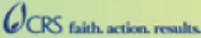
Teorías de Cambio

Fórmula estándar de una TdC:

Si X, entonces Y, porque Z.

Si nosotros hacemos [y si...] entonces ... pasará esto, porque

- Tenemos muchas teorías de cambio implícitas en la labor que hacemos.
 - Si: nuestra estrategia y acciones [más nuestras hipótesis]
 - Entonces: el cambio que buscamos; nuestros resultados o metas
 - Porque: evidencia que explique los motivos y las formas por las que consideramos que dicha aproximación funcionará

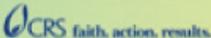


Exemplos de ToC (ver mais exemplos na Unidade 4 / Material de apoio 7)

Ejemplo de TdC

Escenario { Supongamos que estamos trabajando en un contexto de posguerra y queremos reducir las posibilidades de violencia entre comunidades. Sabemos por nuestro análisis del conflicto que hay grandes índices de desempleo en jóvenes que fueron combatientes y que no vieron beneficios con la firma de la paz. También sabemos que el trabajo para los jóvenes probablemente corte los vínculos con sus antiguos comandantes. Entonces, decidimos enfocarnos en proporcionar empleo para la juventud desempleada.

Propuesta de TdC { Si se proporciona empleo a jóvenes excombatientes, **entonces** se reduce la probabilidad de que se produzca violencia intercomunitaria, **porque** la juventud desempleada es la que tiene más probabilidades de ser reclutada en los combates, pero los jóvenes con empleo se desvinculan de las estructuras de mando y son menos propensos a ser reclutados porque tienen más que perder.





ATIVIDADE—EXERCÍCIO EM GRUPO

Ejercicio grupal - desarrollar una TdC

- En grupos pequeños organizados por región o país, diseñen una teoría de cambio basada en los ejercicios previos.
- Cada grupo debe escribir su TdC en fichas adhesivas o un rotafolio.
- Cada pequeño grupo debe compartir la TdC que ha redactado.

As teorias da mudança são instrumentais na programação da consolidação da paz. Algumas das razões incluem:

- Ajuda-nos a descobrir os nossos pressupostos ou lógica defeituosa, mostrando onde podemos precisar de estratégias adicionais.
- Ajuda a assegurar que todos os membros da equipa do projeto partilhem um entendimento comum do projeto e da razão pela qual este é criado da forma como está.
- Dá-nos um conjunto de hipóteses para testar e aprender, contribuindo para a nossa própria compreensão e a dos outros sobre como a mudança acontece e como a paz é construída [dado que a base de evidência para intervenções específicas de consolidação da paz ainda está a ser construída].
- Explica como as atividades do programa e os resultados se ligam entre si e contribuem para alcançar resultados a diferentes níveis—uma área de fraqueza em muitos projetos de consolidação da paz em toda a indústria.

Os seguintes são os princípios básicos para desenvolver uma ToC:

- Realizar uma análise de conflito/contexto: Isto é essencial para conhecer o seu ponto de partida e, depois, poder dar prioridade às causas de conflito/paz e aos fatores que irá abordar.
- Definir as suas metas e os seus objetivos: que mudança(s) está a tentar obter?
- Identificar a sua estratégia de mudança: que caminho adotará para alcançar a mudança desejada? Considerar uma estratégia de mudança que seja viável, dados os recursos existentes, a capacidade, etc.

- Articular as suas ToC: Diga a sua ToC e teste a lógica da mesma. Ou seja, pergunte-se se é lógico que a sua declaração “então” é seguida da declaração “se”. Existem passos importantes em falta, ou outros fatores-chave que possam influenciar os resultados? Estarão esses fatores fora do seu controlo e, em caso afirmativo, qual a probabilidade de estarem?
- A cláusula “porque” deve refletir provas e experiência passada.

O QUE PENSAM QUE TORNA UMA TEORIA DA MUDANÇA FORTE?

Cualidades de una TdC fuerte
Los cambios que se pretenden conseguir con este programa son claros.
La ruta del cambio es clara y comprensible, asimismo responde a un esquema conceptual pertinente.
El análisis establece conexiones claras con los principales factores de impulso y determinantes.
La declaración demuestra lógica, sentido común o refleja los resultados de la investigación.
El esfuerzo conducirá hacia los resultados deseados sin sobresaltos ni vacíos.
Se han expresado y desafiado las creencias y suposiciones sobre la influencia de un nivel de cambio sobre otro.
La teoría del cambio se basa en el contexto y refleja la realidad de los procesos de cambio en ese entorno específico.
La teoría del cambio es específica y es posible comprobar su validez a lo largo del tiempo.

Rever as qualidades de uma ToC sólida (Ver Unidade 4 / Material de apoio 8).

De notar que os praticantes precisam de monitorizar e testar as suas teorias de mudança numa base contínua, de forma a complementar o sistema de MEAL estabelecido. Ideias sobre como fazer isto incluem: manter um diário ou caderno de notas sobre quais as mudanças que estão a ser observadas, e o que parece contribuir para elas, bem como quais os efeitos que parecem decorrer de que ações; tomar nota de provérbios ou ditados utilizados na comunidade; adicionar uma secção de reflexão ou lições aprendidas a relatórios de viagem ou mensais; designar um membro da equipa para se concentrar nisto; etc. (ver “Ferramentas para Praticantes Reflexivos” na p. 6 de *Consolidação da Paz Reflexiva: Guia de Planeamento, Monitorização e Aprendizagem*⁵¹ para mais detalhes).

51 Lederach, John Paul, Reina Neufeldt e Hal Culbertson. *Consolidação reflexiva da paz: Um conjunto de ferramentas de planeamento, monitorização e aprendizagem*. Instituto Joan B. Kroc para Estudos Internacionais da Paz e Catholic Relief Services, 2007



MENSAGENS-CHAVE

- Uma teoria da mudança é apenas uma forma de expressar a lógica por trás da nossa intervenção: como e por que se espera que as nossas estratégias conduzam à mudança.
- Podem existir teorias de mudança a múltiplos níveis de um projeto, e são geralmente articuladas como se fossem declarações de causa.
- Idealmente, as ToC estão bem fundamentadas em provas e experiência, e refletem uma cuidadosa consideração de quaisquer pressupostos.



RECURSOS E MATERIAL DE APOIO

UNIDADE 4 / MATERIAL DE APOIO 7

Exemplos de teorias de mudança

Se eu segurar neste guarda-chuva por cima da cabeça, **então** não me molharei, **porque** a minha experiência e observação é que os guarda-chuvas fazem um bom trabalho a proteger-me da chuva.

Se for concedido emprego a jovens ex-combatentes, **então**, a probabilidade de violência inter-comunitária é reduzida, **porque** os jovens desempregados são os mais suscetíveis de serem recrutados para combater, mas os jovens empregados desvinculam-se das estruturas de comando e são menos recrutáveis porque têm mais a perder (USAID, 2013. *Teorias e Indicadores de Mudança: Conceitos e Cartilhas para a Gestão e Mitigação de Conflitos*).

Se as crianças nas escolas beneficiárias receberem terapia cognitiva comportamental (TCC), **então** desenvolverão uma maior capacidade de controlar as suas emoções e não agir contra os outros, especialmente os que são diferentes deles, **porque** as provas mostram que a TCC é eficaz para ajudar os jovens a curar as feridas psicológicas da guerra e reduzir o seu medo geral e a sua sensação de vulnerabilidade na escola (Adaptado de CDA, 2016. *Refletir sobre as Bases da Prática da Paz: Manual de Recursos*).

Se as instituições formais e informais puderem responder eficiente e eficazmente às necessidades da sociedade, **então** as pessoas confiarão nestas instituições em vez de recorrer à violência, **porque** terão confiança de que as necessidades da sua família e grupo ficarão satisfeitas de forma equitativa (adaptado da USAID, 2013. *Teorias e Indicadores de Mudança: Conceitos e Cartilhas para a Gestão e Mitigação de Conflitos*).

Se os líderes comunitários de grupos étnicos rivais receberem formação em mediação de conflitos, **então** a frequência de incidentes violentos entre membros destes grupos étnicos diminuirá, **porque** os potenciais intermediários terão as competências e os conhecimentos processuais para intervir de forma construtiva. *[Nota: este exemplo poderia ser utilizado para demonstrar algumas possíveis lacunas lógicas ou de provas nas ToC; por exemplo, será apenas a falta de competências que impede os líderes comunitários de intervir eficazmente? Ou faltam-lhes também outros incentivos/motivações para o fazerem? Os líderes comunitários formados têm o respeito e a confiança das verdadeiras partes em conflito? Ou seja, estão a ser formadas as pessoas certas? Etc.]*

Exemplo de ToC: Projeto “Applying Binding, Bonding and Bridging (A3B) for Peace”

Projeto e contexto:

Os CRS estão a implementar o projeto de 3 anos, financiado pela USAID/CMM—Applying Binding, Bonding and Bridging (A3B) for Peace em quatro regiões estrategicamente selecionadas de Mindanao, Filipinas. Em Mindanao, décadas de traumas, desalojamentos e abusos, bem como lutas pelo poder económico e político, sustentam os conflitos inter e intragrupos. Além disso, as estruturas governamentais locais de paz e segurança não conseguiram, em geral, abordar e prevenir eficazmente a escalada do conflito baseado na identidade entre Cristãos, Muçulmanos e Povos Indígenas.

Teoria da Mudança Geral:

Se os diversos grupos de identidade melhorarem as relações, e as estruturas locais de paz e ordem melhorarem a segurança, **então** as comunidades reconciliadas empenhar-se-ão num processo de paz sustentado **porque** terão recursos comunitários mais fortes para gerir os conflitos.

Teorias da Mudança Subsidiárias:

- Teoria do vínculo: Se homens e mulheres individuais puderem participar num diálogo intragrupo estruturado e explorar os seus próprios preconceitos e preconceitos, então serão capazes de reconhecer as ações prejudiciais do seu próprio grupo relacionadas com o conflito.
 - Teoria da adesão: Se indivíduos do mesmo grupo de identidade puderem trabalhar através dos seus próprios pontos comuns, diferenças de opinião, compreensões diversas dos acontecimentos, e visões alternativas para o futuro, então estão melhor preparados e mais abertos a participar em discussões semelhantes com o “outro” porque já passaram anteriormente pelo processo na segurança do seu próprio grupo.
 - Teoria da união: Se grupos de setores semelhantes de sociedades em conflito trabalharem em conjunto em questões de interesse mútuo, então aprenderão a cooperar e a estabelecer relações que se estendem para além das divisões. Isto, por sua vez, levará a um aumento da confiança e a atitudes e relações positivas; os participantes acabarão por preferir e ser capazes de trabalhar em conjunto para resolver os conflitos de forma pacífica.
 - Melhorar a teoria das aptidões e dos processos: Se as estruturas locais para a paz demonstrarem uma competência crescente na resolução de conflitos e melhorarem a qualidade dos seus serviços, e as pessoas ganharem confiança nesses serviços, então as estruturas locais tornar-se-ão gradualmente mais eficazes em contribuir para o processo de paz em Mindanao, porque serão capazes de assumir questões cada vez mais complexas.
-

UNIDADE 4 / MATERIAL DE APOIO 8

Qualidades de uma Teoria da Mudança sólida

QUALIDADES DE UMA TOC SÓLIDA

As alterações pretendidas em relação ao esforço são explícitas.

O caminho para a mudança é claro e compreensível e reflete um quadro concetual relevante.

Existem ligações claras com os principais condutores e determinantes a partir da análise.

A afirmação demonstra lógica, senso comum, e/ou reflete resultados de investigação.

O esforço conduzirá aos resultados desejados sem saltos ou lacunas.

Crenças e suposições sobre como um nível de mudança influencia outro têm sido articuladas e desafiadas.

A teoria da mudança é fundamentada no contexto, e reflete a realidade dos processos de mudança nesse cenário específico.

A teoria da mudança é específica e pode ser testada quanto à sua validade ao longo do tempo.

Fonte: *Teorias e Indicadores de Mudança: Conceitos e Cartilhas para a Gestão e Mitigação de Conflitos (USAID 2013)*



UNIDADE 4(E): INTRODUÇÃO À MEDIÇÃO DA CONSOLIDAÇÃO DA PAZ—QUADROS, INDICADORES E DESAFIOS

BREVE INTRODUÇÃO

Esta subunidade introduz a forma como lidamos com a Monitorização, Avaliação, Responsabilidade e Aprendizagem (MEAL) para a consolidação da paz, de forma a abordar alguns dos principais desafios. Em primeiro lugar, para garantir que os participantes estejam familiarizados com os termos-chave, estes serão introduzidos e discutidos. Depois, serão explorados elementos de MEAL de boa consolidação da paz.

INTRODUÇÃO À MEDIÇÃO DA CONSOLIDAÇÃO DA PAZ

É importante familiarizar-se com os termos-chave utilizados na MEAL da JPB. Estes são introduzidos e discutidos através de um questionário criativo.



QUESTIONÁRIO DE VOCABULÁRIO CRIATIVO

Consultar o quadro no diapositivo abaixo. Combinar cada uma destas palavras com a afirmação que representa o que a palavra significa: conclusões; aprendizagem; resultados, avaliação; impacto; responsabilização; monitorização; e indicador.

Prueba de vocabulario	
	La recopilación, el análisis y la documentación sistemáticos de la información sobre los avances en la consecución de los objetivos del proyecto y los cambios en los contextos operativos con el fin de fundamentar la toma de decisiones oportuna y contribuir a la responsabilidad y el aprendizaje del proyecto.
	Una evaluación periódica y sistemática de la pertinencia, eficiencia, efectividad, impacto y sostenibilidad de un proyecto en una población definida. (Fuente: ProPack I)
	La forma en que una organización responde y equilibra las necesidades de todas las partes interesadas (incluidos beneficiarios, donantes, socios y el propio CRS) en su toma de decisiones y actividades, además de cumplir con este compromiso. (Fuente: ECB 2010 y CRS, julio 2014)
	Un proceso continuo de análisis de una amplia variedad de fuentes de información y conocimientos (incluidos resultados de las evaluaciones, datos de seguimiento, innovaciones, historias, intercambios de persona a persona y nuevos aprendizajes) que sacan a la luz posibles mejores prácticas o ponen en duda los conocimientos adquiridos. (CRS, julio 2014)
	Un factor o variable cuantitativa o cualitativa que proporciona un medio sencillo y fiable para medir los logros, reflejar los cambios vinculados a una intervención o ayudar a evaluar el rendimiento de un agente de desarrollo. (Fuente: Glosario de términos clave de la evaluación y la gestión basada en resultados)
	Los cambios positivos y negativos producidos por una intervención de desarrollo, directa o indirectamente, intencionada o no. (Fuente: Criterios del DAC para evaluar la ayuda al desarrollo)
	Un resultado o efecto causado o atribuible al proyecto, programa o política.
	Los bienes, servicios, conocimientos, habilidades, actitudes y entorno favorable que son entregados por el proyecto como resultado de las actividades realizadas. (Fuente: ProPack I)

Quando terminar o questionário, consulte a Unidade 4 / Material de apoio 9 para consultar o vocabulário e as definições. A CRS usa a sigla “MEAL” para Monitorização, Avaliação, Responsabilização e Aprendizagem.

Elementos-chave da Monitorização e Avaliação da Boa Consolidação da Paz

Se quisermos monitorizar e avaliar se o nosso projeto está a ter o impacto desejado, de que precisamos?

Os elementos mais importantes resumem-se a 3 fatores:

- 7. Boa conceção do projeto:** Quanto mais claros formos na nossa conceção sobre os resultados, e sobre a forma como estes serão alcançados, melhor seremos na medição do progresso e do impacto. **As Teorias da Mudança podem ser nossas amigas:** a ToC global do projeto pode ser utilizada para mapear o processo de mudança passo a passo para atingir essa ToC (conforme discutido anteriormente na Unidade 4 (d)).
- 8. A escolha de indicadores fortes:** Depois de estabelecer a mudança que pretendemos alcançar, temos de selecionar indicadores que possam servir como sinais de que estamos no bom caminho. Discutiremos mais aprofundadamente os indicadores dentro de momentos.
- 9. Estar aberto à aprendizagem:** Criar oportunidades de aprendizagem, refletindo com os parceiros sobre o que observam, e o que pode explicar isso; o que está a funcionar, o que não está, e porquê; que mudanças inesperadas podem estar a ocorrer e porquê, bem como que novas oportunidades podem estar a surgir. Relembrar aos participantes o procedimento da CRS para monitorização trimestral, e a oportunidade que isto representa para uma reflexão e aprendizagem regulares.

DESAFIOS-CHAVE DA MONITORIZAÇÃO E AVALIAÇÃO DA CONSOLIDAÇÃO DA PAZ

A prática tem demonstrado que a monitorização e avaliação da consolidação da paz tem desafios únicos dos quais precisamos estar conscientes e preparar-nos para os ultrapassar.



ATIVIDADE—DISCUSSÕES EM GRUPO / MESA

Mesas/grupos de discusión

A. Definitivamente es posible medir los resultados o las repercusiones de nuestra labor en construcción de paz.

B. Pueden aplicarse medidas estandarizadas de progreso a través de distintos proyectos de construcción de paz y contextos conflictivos.

C. Es fácil separar los efectos de nuestra intervención de otros factores que influyen en el conflicto o la paz.

36

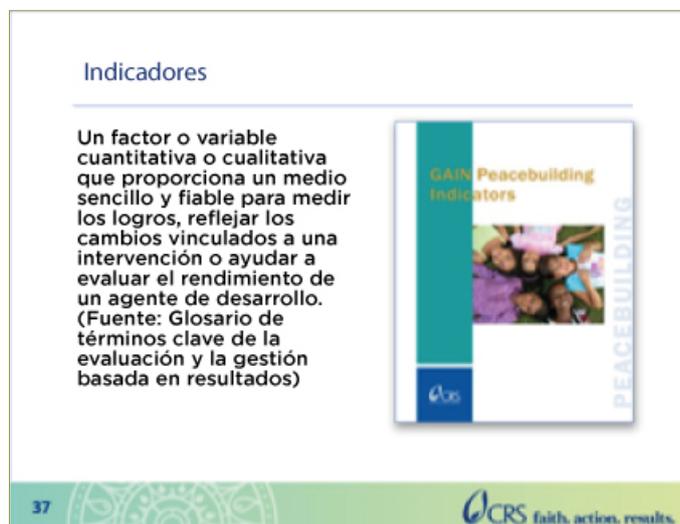
Algumas das principais preocupações em torno da monitorização e avaliação da consolidação da paz incluem:

- Pode ser um desafio medir os tipos de mudanças intangíveis que a consolidação da paz promove: mudanças de atitudes, perceções, e mesmo relações nem sempre são observáveis externamente e não se prestam a ser quantificadas. Pode ser um desafio ver como as mudanças a nível individual se somam a “paz em grande escala”. Também é difícil provar os resultados da prevenção de conflitos: como provar que não se fez algo acontecer?
- Ao contrário de outros setores como a saúde, não temos um banco padrão de indicadores para os comportamentos que procuramos promover—por exemplo, a reconciliação pode parecer diferente para pessoas diferentes e em contextos diferentes. Faltam também definições comuns em toda a indústria de consolidação da paz. Uma forma de abordar esta questão é assegurar a contextualização dos indicadores com base na análise/avaliação do contexto e do conflito e utilizando “indicadores de substituição” que iremos discutir em breve.
- Como vimos na sessão sobre análise de conflitos, causas, intervenientes e dinâmicas de conflito podem formar sistemas complexos. E a mudança social raramente é um processo linear; contudo, as estruturas-padrão para a projeção de resultados de projetos (como ProFrames) baseiam-se num modelo linear, progressivo e preditivo que não se adapta facilmente a estas dinâmicas. Também pode haver muitas intervenções a trabalhar na consolidação da paz—pode ser um desafio saber o que realmente fez a balança inclinar-se para a mudança.
- Questões de atribuição—A questão a colocar aqui é se a situação se tornou mais pacífica devido à nossa intervenção. Como sabemos que a mudança aconteceu devido à nossa intervenção, uma vez que há sempre outros esforços e intervenientes, bem como vários fatores de influência na mesma área de projeto? A utilização de grupos de controlo para facilitar a comparação da diferença entre os grupos que beneficiaram e os que não beneficiaram pode ajudar a determinar a atribuição. Contudo, atribuir uma mudança específica às nossas intervenções de consolidação da paz pode ser um desafio, especialmente em cenários de conflito complexos, devido à existência de uma multiplicidade de intervenientes e fatores influenciadores.
- Questões de contribuição—O desafio aqui é determinar se o nosso esforço de consolidação da paz fez a diferença no panorama do conflito, dadas as muitas outras intervenções que tiveram lugar e os vários fatores de influência. Qual é o papel da nossa intervenção? A colaboração com agências homólogas em avaliações partilhadas ajudará a analisar o impacto coletivo. A utilização de ToC—pensando em como uma intervenção a um nível pode resultar em mudança a outro nível—pode ajudar a determinar qual é a nossa contribuição. Além disso, a monitorização e avaliação participativa permite determinar a “contribuição”, considerando as perceções dos beneficiários sobre como a intervenção fez a diferença nas suas vidas. A “contribuição” reconhece que existem outros intervenientes e vários fatores de influência no jogo que contribuíram positiva e negativamente.

Consultar a Unidade 4 / Material de apoio 10 para mais informação sobre desafios e respostas em matéria de monitorização e avaliação.

INDICADORES DE CONSOLIDAÇÃO DA PAZ

O que é um indicador?



Os seguintes pontos precisam de ser enfatizados:

- Os indicadores servem como sinais de que as mudanças que esperamos estão a ocorrer.
- Teremos de ser capazes de medir estes indicadores, utilizando uma variedade de métodos, desde entrevistas a inquéritos a grupos focais para rever dados e relatórios de projetos, etc.
- Idealmente, escolheremos uma mistura de indicadores qualitativos e quantitativos: muitas vezes, os indicadores qualitativos são ignorados ou deixados de fora, mas são importantes para ajudar a captar o progresso e a mudança na programação da consolidação da paz, incluindo os resultados desejados.
- Consultar o *“Banco de Indicadores de Coesão Social”*⁵² da CRS com indicadores ilustrativos para medir as mudanças na coesão social e outro recurso sob a forma dos Indicadores Globalmente Aceites—*“GAIN Indicadores de Consolidação da Paz”*⁵³.

Além disso:

- Como vimos no exercício introdutório, identificar indicadores para a consolidação da paz pode ser um desafio porque as mudanças que pretendemos nem sempre são tangíveis. Mudanças de atitudes, comportamentos e relações; mudanças na forma como os conflitos são tratados; mudanças na forma como as estruturas funcionam, etc., podem ser difíceis de medir utilizando indicadores padrão. Existem

⁵² CRS 2019, Banco de Indicadores de Coesão Social, Indicadores Ilustrativos para Medir as Mudanças na Coesão Social. https://www.crs.org/sites/default/files/tools-research/crs_social_cohesion_indicators_bank-jl-websingle_1.pdf

⁵³ CRS 2010, GAIN Indicadores de Consolidação da Paz. <https://www.crs.org/sites/default/files/tools-research/gain-peacebuilding-indicators.pdf>

algumas qualidades comuns de relações pacíficas e justas, por exemplo, mas o que isto parece na prática pode variar de contexto para contexto.

- Por conseguinte, o campo da consolidação da paz tende a depender fortemente de **indicadores proxy**. Estes são sinais mais concretos e mensuráveis de indicadores intangíveis que são difíceis de medir ou observar diretamente. Por exemplo, um sinal de maior confiança entre diferentes grupos étnicos num contexto pode ser o de pessoas de diferentes etnias que andem juntas no autocarro. De notar que esses indicadores dependem fortemente do contexto, uma vez que o mesmo comportamento não terá o mesmo significado em todo o lado. Os indicadores proxy não são, portanto, padronizados, embora se possa recorrer a exemplos para inspiração de indicadores localmente apropriados.



ATIVIDADE—EXERCÍCIO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE INDICADORES PROXY

Seguem-se alguns exemplos de indicadores difíceis de medir: Confiança; Vontade de cooperar; Equidade na tomada de decisões; e Segurança.

No vosso contexto, quais poderiam ser alguns indicadores de proxy mensuráveis para mostrar esta mudança?





MENSAGENS-CHAVE

Embora a avaliação da consolidação da paz pudesse ser explorada em muito mais detalhe, destacamos algumas considerações-chave para uma MEAL de consolidação da paz eficaz. Algumas das boas práticas que foram discutidas nesta sessão incluem

- Confiar numa teoria forte e clara da mudança para estabelecer resultados—isto ajuda-nos a pensar através da lógica da nossa conceção e pode também sugerir alguns marcos adequados ao longo do caminho para as mudanças desejadas.
- Manter práticas de reflexão ao longo do ciclo do projeto—por exemplo, utilizando reuniões trimestrais como uma oportunidade para refletir com a equipa do projeto sobre o processo de mudança, e fazer regularmente perguntas sobre o que está a acontecer e porquê.
- Utilizando indicadores proxy para acompanhar as mudanças difíceis de medir—estes indicadores proxy também nos permitem contextualizar resultados gerais como “reconciliação” ou “aumento da segurança” em termos localmente relevantes.



RECURSOS E MATERIAL DE APOIO

UNIDADE 4 / MATERIAL DE APOIO 9

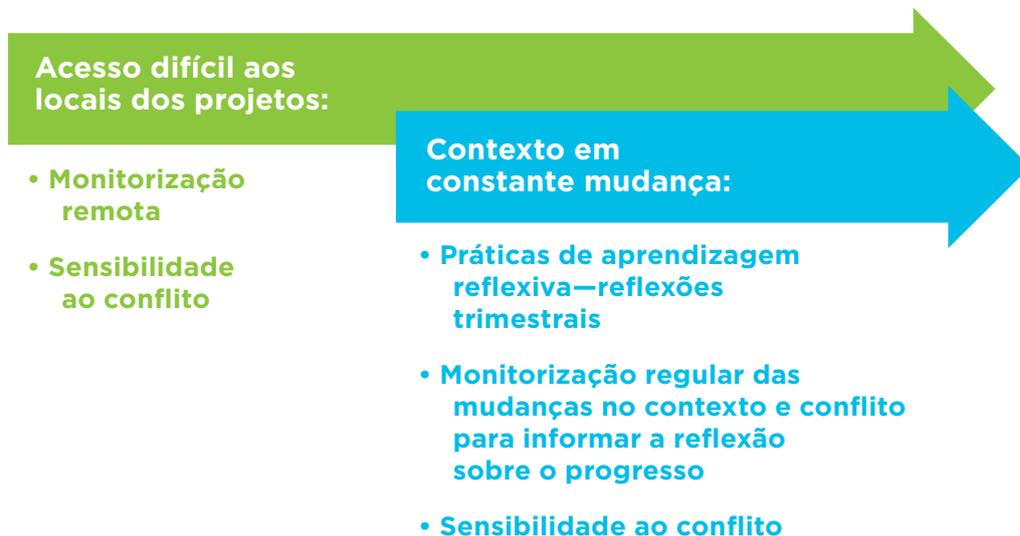
Questionário de Vocabulário

Monitorização	A recolha, análise e documentação sistemáticas de informação sobre o progresso no sentido de alcançar os objetivos do projeto e mudanças nos contextos operacionais para informar a tomada de decisões atempada e contribuir para a responsabilização e aprendizagem do projeto.
Avaliação	Uma avaliação periódica e sistemática da relevância, eficiência, eficácia, impacto e sustentabilidade de um projeto sobre uma população definida. (Fonte: ProPack II)
Responsabilização	Como uma organização responde e equilibra as necessidades de todas as partes interessadas (incluindo beneficiários, doadores, parceiros e os próprios CRS) na sua tomada de decisões e atividades, e cumpre este compromisso. (Fonte: BCE 2010 e CRS julho 2014)
Aprendizagem	Um processo contínuo de análise de uma grande variedade de fontes de informação e conhecimentos (incluindo resultados de avaliação, dados de monitorização, inovações, histórias, trocas entre pessoas e nova aprendizagem) que traz à luz novas melhores práticas ou põe em causa a sabedoria recebida. (CRS julho 2014)
Indicador	Um fator ou variável quantitativos ou qualitativos que fornecem um meio simples e fiável para medir a realização, para refletir as mudanças ligadas a uma intervenção, ou para ajudar a avaliar o desempenho de um interveniente de desenvolvimento. (Fonte: Glossário da OCDE de termos-chave sobre Avaliação e Gestão baseada em Resultados)
Impacto	As mudanças positivas e negativas produzidas por uma intervenção de desenvolvimento, direta ou indiretamente, intencional ou não intencional. (Fonte: Critérios da DAC para a Avaliação da Ajuda ao Desenvolvimento).
Resultado	Um resultado ou efeito que é causado por, ou atribuível ao projeto, programa ou política.
Resultados	Os bens, serviços, conhecimentos, aptidões, atitudes e ambiente propício que são entregues pelo projeto devido às atividades realizadas. (Fonte: ProPack I)

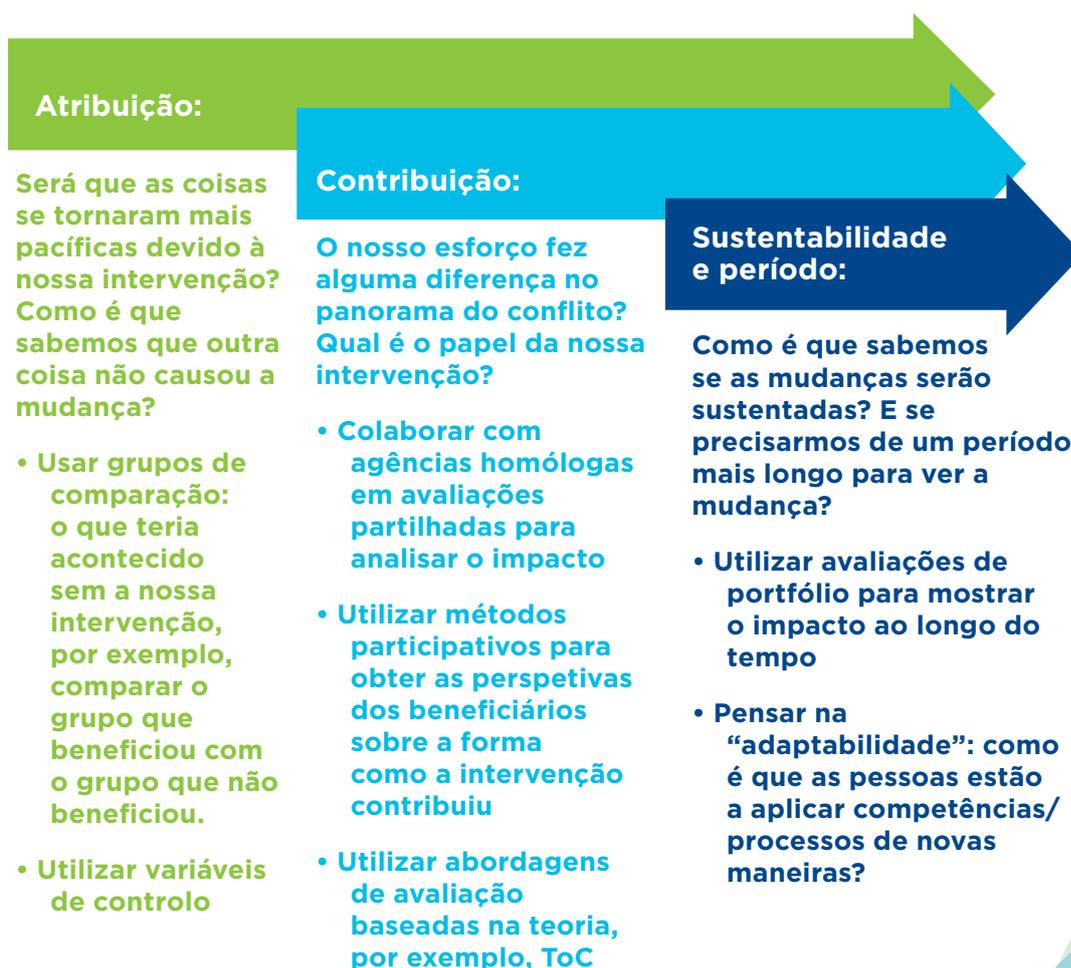
UNIDADE 4 / MATERIAL DE APOIO 10

Desafios e respostas em matéria de monitorização e avaliação

Desafios e respostas em matéria de monitorização:



Desafios e respostas em matéria de avaliação:



UNIDADE 4(F): PLANEAMENTO E ENCERRAMENTO DE AÇÕES

BREVE INTRODUÇÃO

Está na altura de refletir sobre a forma como os conhecimentos e as competências adquiridos ao longo da formação serão postos em prática. Este é um passo muito importante na formação para vos permitir operacionalizar a aprendizagem quando regressam aos vossos respetivos locais de trabalho e países.

PLANEAMENTO DE AÇÕES

Para este exercício de planeamento, vamos utilizar o modelo de semáforos.

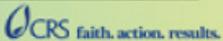


ATIVIDADE—PLANEAMENTO DE AÇÕES UTILIZANDO O MODELO DE SEMÁFOROS

Refletir sobre todas as unidades abrangidas desde o início da formação, bem como refletir sobre os sonhos e as visões que desenvolveram para a paz e a coesão social. Estas devem ser a base para o planeamento.

Contemplar alguns minutos para refletir sobre os seus próprios planos como indivíduo e depois, juntamente com outros, sobre planos em grupo (ver Unidade 4 / Material de apoio 11 para ver a matriz de semáforos):

Semáforos		Acciones / actividades	¿Cuándo?	¿Por quién?	Recursos
	Lo que queremos hacer, acelerar y poner más esfuerzo:				
	Lo que queremos hacer para prepararnos:				
	Lo que queremos dejar de hacer:				

 CRS faith. action. results.

LUZ VERDE: O que queremos fazer, acelerar e envidar mais esforços para promover eficazmente a paz e a coesão social.

LUZ AMARELA: O que queremos preparar para a ação.

LUZ VERMELHA: O que queremos deixar de fazer para contribuir eficazmente para a paz e a coesão social.

É encorajado a executar os planos desenvolvidos porque é aí que as suas visões de paz e coesão social serão realizadas. Mesmo quando a tarefa parece enorme, cada passo e ação contam—nenhuma ação é demasiado pequena!





RECURSOS E MATERIAL DE APOIO

UNIDADE 4 / MATERIAL DE APOIO 11

Matriz de planeamento da ação dos semáforos

SEMÁFOROS	AÇÕES / ATIVIDADES	QUANDO	POR QUEM	RECURSOS
	<p>Aquilo que queremos fazer, acelerar e esforçar-nos mais:</p>			
	<p>O que queremos preparar para a ação:</p>			
	<p>O que queremos deixar de fazer:</p>			

